

CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA

**OS AVÓS E OS NETOS: UM ENCONTRO DE DIFERENTES TEMPOS
VERBAIS**

ASSIS
2014

CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA

**OS AVÓS E OS NETOS: UM ENCONTRO DE DIFERENTES TEMPOS
VERBAIS**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de Mestre em
Psicologia (Área de Conhecimento:
Psicologia e Sociedade)

Orientador(a): Professora Dr^a Elizabeth
Piemonte Constantino

Coorientador(a): Professora Dr^a Mariele
Rodrigues Correa

ASSIS
2014

CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA

**OS AVÓS E OS NETOS: UM ENCONTRO DE DIFERENTES TEMPOS
VERBAIS**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE
Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP
Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade

COMISSÃO JULGADORA

Presidente e Coorientadora: _____

Prof^ª Dr^a Mariele Rodrigues Correa

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Assis, ____ de _____ 2014.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

S586a	Silva, Camila Cuencas Funari Mendes e Os avós e os netos: um encontro de diferentes tempos verbais / Camila Cuencas Funari Mendes e Silva. - Assis, 2014 113 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. Orientadora: Dr^a Elizabeth Piemonte Constantino Co-orientadora: Mariele Rodrigues Correa 1. Avós e netos. 2. Psicanálise. 3. Literatura infanto-juvenil. I. Título. CDD J028.5 150.195
-------	---

PRÓLOGO

“Há uma questão de merecimento no ato de escrever. [...] Como merecer essas palavras? Difícil usá-las. Há um narcisismo em cada vocábulo que nenhuma frase corrige”. Assim Ramos (2002) descreve o seu processo de criação. Concordamos com o autor, ao afirmar que a escolha de um tema a ser dissertado carrega consigo traços da vida pessoal do pesquisador, os quais primam por reflexões e palavras a serem merecidas.

Refletir sobre a escolha deste tema de pesquisa e o desejo de realizá-lo trazem muito de mim, pois foi construído juntamente com os caminhos que percorri pessoal e profissionalmente, e se fez importante dividi-los com vocês. Mas, o merecimento das palavras, ao descrever-se, torna essa tarefa um tanto quanto difícil. Como encontrar vocábulos que reproduzam o erudito som do sentimento? Ou até mesmo a potência de um encontro?

Essas questões se tornaram oportunas. Através do encontro com os avós de meus pequenos pacientes, foi-se configurando um tema de pesquisa. No consultório, a demanda de crianças que eram acompanhadas por seus avós aumentava a cada mês, e a maioria me procurava para se inteirar do processo evolutivo de seus netos. Ao recebê-los e ouvi-los atentamente, foi possível identificar questionamentos sobre suas funções enquanto avós e, ainda, comprovar com o atendimento infantil o quanto avós e netos se influenciavam mutuamente. Cabe relatar que essa maioria também arcava com as despesas dos atendimentos, fato este que vai ao encontro da realidade atual, tal como comprovam algumas pesquisas que serão relatadas ao longo deste trabalho.

Então, parto de minhas experiências profissionais para contextualizar a escolha deste tema. O atendimento de crianças sempre foi muito enriquecedor: tenho por este trabalho uma grande paixão e isso suscitou o desejo de elaborar um trabalho acadêmico sobre os avós e os netos.

Além da experiência profissional, que me fez olhar para a presença e a importância dos avós, em minha prática clínica, trago igualmente outros olhares que compõem o interesse pela temática desta Dissertação. Um deles é o fato de que o encontro de diferentes gerações me abrilhanta os olhos. E sempre foi assim. Posso dizer

que o tema desta pesquisa me acompanha desde a infância, com as recordações de minha avó materna e a busca profissional, através da Psicologia.

Meu caminho na formação profissional iniciou-se nesta Universidade em que hoje realizo a Pós-Graduação e foi acompanhada pela maternidade, que fortaleceu a busca de estudos, grupos e estágios que englobavam o núcleo familiar. E, por meio dos estudos (e das vivências) sobre a infância, iniciei minha vida profissional em um pequeno município, com um grupo de idosos que abriu mais uma possibilidade de buscar novos conhecimentos e construir novas redes de entendimento do indivíduo, além da infância.

O entrecruzamento de duas épocas diferentes se tornou simultâneo com a realização deste trabalho. Propusemos um diálogo entre envelhecimento e infância. Para essa busca da Ciência, do que é científico, mas que também preze por emoções e sentimentos procurei os estudos da teoria psicanalítica. A Psicanálise carrega em si um tripé estrutural composto por teoria, método e técnica para investigação dos processos mentais inconscientes através de uma rede conceitual, que se torna uma adequada escolha por abarcar em seu caráter científico o psiquismo, seu mundo interno e sua interação com o mundo externo, por intermédio da cultura.

Neste ponto, recorro-me do ingresso em uma especialização em psicoterapia psicanalítica, que despertou ainda mais o interesse pela Psicanálise. Nesse curso, tive a oportunidade de fazer parte de um grupo de estudos sobre infância e adolescência e pude participar de muitas supervisões. Em uma delas, lembro-me com muita vivacidade de um querido professor o qual se tornara avô e fez que sua emoção se transformasse em uma pesquisa sobre o relacionamento entre Freud e seu neto Heinelle. Freud, em sua teoria psicanalítica, não se dedicou especificamente ao tema do envelhecimento ou da velhice, mas sua teoria nos possibilita sua interlocução com a dimensão atemporal do inconsciente, por ele concebida. Torna-se oportuno mencionar que Freud considerava Heinelle sua possibilidade de futuro, encontrando em seu neto um ideal de permanência (GAY, 1988).

A dialética formada entre a busca pela ciência e a subjetividade foi de certa forma um convite para refletir sobre o futuro. Tentando agregar fatos, histórias e produções acerca da interação entre avós e netos e dar a ele um caráter científico, fiz um acordo com o tempo. Meu passado agora me traz saudosas lembranças e, ao se presentificar nesta apresentação, ele me permite novos sonhos e desejos, que me

levaram a refletir: quem são os avós brasileiros? Quais são as produções científicas sobre o tema?

Hoje, ao ver minha mãe amorosamente cuidando dos meus filhos, lembro-me de minha avó, que também me cuidou. Essas lembranças despertam muitas emoções e detalhes provocados pelo sentimento. Interessante contar-lhes que minha avó não se enquadrava nos estereótipos referentes às outras avós. Dona Anésia não apreciava cozinhar. Os afazeres domésticos eram uma obrigação, muito desprazerosa. Seu *hobby* favorito era jogar truco com meus tios-avôs (prática recriminada por meu avô e pelos costumes sociais que nos cercavam). Ela gostava mesmo era de cuidar de seu enorme jardim e de crianças. Sua casa, ponto de encontro dos primos, era um sinônimo de paraíso. Havia um quintal enorme, muito florido, com árvores frutíferas e espaços que permitiam que a imaginação o transformasse a cada brincadeira.

Ao todo, minha avó teve nove netos e dizia para mim e para minhas primas que não tivéssemos pressa em casar, porque, de acordo com ela, o mundo deveria ser muito maior que a sua realidade e, assim, os estudos eram considerados um recurso emancipatório, por isso sua estante cheia de livros ainda permanece para os bisnetos (meus filhos) desfrutarem. Acredito que esta é uma boa representação de herança, a simbólica.

E foi então, com essa estante, que me encontrei com a literatura brasileira, já na adolescência. Encontrava-me, também, com minha tia Cássia, que conserva com muito esmero a casa que abriga minhas lembranças e, através dela, encontrei-me com Capitu e Bentinho, sim, através do livro de minha tia encapado com papel de presente. Ainda hoje me pego imaginando os olhos enigmáticos de Capitu, descritos ricamente por Bentinho, de Machado de Assis.

Ao fechar os olhos, ou ao escrever estas linhas com a ponta dos dedos, revivo uma infância em segundos, uma temporalidade sentida, com uma história a ser construída, contada, recontada e ressignificada. Minha avó dizia que sua função era “apenas” *olhar* os netos. Seu olhar e seu contato adentraram na composição de minha vida simbólica e me trazem ressonâncias que impulsionam do sonho à realização. De modo igual, iniciamos nossa pesquisa, procurando delinear qual o papel dos avós na família brasileira, a influência exercida no contato com os netos, os processos psíquicos no envelhecimento com a teoria psicanalítica e relacionando-os com a Literatura Infantil, através da reflexão de obras de Ziraldo e Cora Coralina.

O diálogo construído entre Literatura infantil e Psicanálise se deu a partir da interpretação dos sentidos empregados na metamorfose dessas duas artes, como a concepção de homem, seu lugar no mundo e sua cultura, onde pudemos aproximar velhice e infância, dois importantes celeiros psíquicos.

Por fim, testemunho a potência do olhar, do tempo e do sentido, quando vejo florescer a orquídea com a qual minha avó me presenteou, antes de seu falecimento, com a realização deste trabalho, que, além de minhas lembranças, também foi primorosamente acompanhado pela Dr^a Mariele (e por que não amiga?), que, como um “colo que acolhe” (nas palavras definidas por Cora Coralina) e um coração que se doa ao mundo, ofertou um olhar continente, uma escuta sensível e generosa na partilha de conhecimentos os quais igualmente me compõem, de maneira inestimável.

E, com toda simplicidade, a vida me faz sorrir e busco “tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer” (como disse Clarice Lispector, em “O ovo e a galinha”). Este é um trabalho fruto de muitos encontros, de maneira que desejo que, com sua leitura, germinem novos encontros e novos diálogos sobre os avós, seus netos, a Psicanálise e a Literatura.

A seguir, estão algumas questões trazidas nos capítulos elaborados e seu caminho metodológico.

DELINEAMENTO GERAL DA PESQUISA: O MÉTODO PSICANALÍTICO E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Transformar o cotidiano do consultório psicológico em um trabalho científico pede exigências e especificidades. Os amadurecimentos progressivos de questões trazidas pelos pacientes, em especial por seus avós, suscitaram o desejo de pesquisa. Nossa experiência clínica advinda de alguns anos de trabalho certamente foi de enorme importância para as reflexões trazidas neste texto, mas destacamos que, na presente pesquisa, dissertaremos sobre a relação entre avós e netos, especialmente na Literatura Infantil.

Portanto, esta Dissertação tem como objetivo o estudo de avós e de netos, empreendido com a aproximação das temáticas advindas do encontro entre avós e netos, por meio das vias psicanalíticas e literárias, formas estas de reafirmar a importância das trocas simbólicas efetuadas entre gerações.

De caráter eminentemente teórico, a partir da busca na literatura científica em Gerontologia, Psicologia do Envelhecimento, Psicologia e Literatura e Psicanálise, trilhamos um percurso estampado pela concepção do indivíduo em sua totalidade, em especial relativo a um envelhecimento como um processo ativo e aberto a muitas possibilidades e, para tanto, elegemos os avós, para além da questão etária, tal como será abordado, como representantes do envelhecimento, no contemporâneo.

Em busca de uma concretude para nossas reflexões, adotamos como percurso de investigação a Psicanálise como método científico. Essa ciência prima pela construção psíquica do indivíduo, sua concepção inconsciente e sua interação com o meio social e cultural (MEZAN, 2002). A metodologia psicanalítica nos oferece, em seus pressupostos teóricos, a utilização de conceitos para trazermos um olhar a mais sobre a temática proposta.

A Psicanálise conceituada por Freud se constitui enquanto teoria, técnica e método. Sua dimensão como um método científico de pesquisa é realizada com a investigação de aspectos inconscientes, seja de relatos, seja de sonhos, seja ainda de obras artísticas. A dimensão teórica contempla em seus conceitos a constituição psíquica do indivíduo, que, por sua vez, permite, através da técnica psicanalítica, a

interpretação de conteúdos inconscientes. Freud fundamenta sua ciência por sua prática, quer dizer, através do método, que assim é descrito pelo autor:

(1) de procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo. (2) um método, (baseado na investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (FREUD, 1923[1922]/1996, p. 287).

Sendo assim, apropriamo-nos do método psicanalítico como percurso com uma abordagem qualitativa, com a dialética formada entre pesquisador e sua pesquisa, uma relação *sui generis*, na qual a temática estudada e os componentes subjetivos do pesquisador estabelecem um diálogo por intermédio de uma relação transferencial.

A psicanálise, enquanto método de investigação, permite-se circular pelas mais variadas expressões da atividade humana, como literatura, história, arte, antropologia, entre outras. Apesar dessa amplitude, é necessário ter em vista que a psicanálise é um recorte da realidade que se propõe estudar, ou seja, ela ajuda a compreender a dimensão psíquica da atividade humana. Nesse aspecto, podemos considerar que a psicanálise representa um método bastante completo, o qual permite compreender ao máximo o psiquismo humano, seja refletido em uma única pessoa, seja em várias, seja em uma instituição, obras ou qualquer interesse de estudo. (PAZIAN; MATTIOLI, p.114, 2007).

De acordo com os objetivos expostos, entendemos que a pesquisa qualitativa, a teoria e o método psicanalítico propiciam uma escuta afinada e um olhar sensível por compreender o ser humano de maneira universal e em diferentes contextos.

De caráter *extramuros*, segundo termo utilizado por Mezan (2002), buscamos conceitos na teoria psicanalítica, para sustentar nossas ideias, fundamentando-nos igualmente nos recursos atribuídos pela Literatura Infantil, que se tornou exemplar para a interseção entre avós e netos. Procuramos compreender as transmissões simbólicas entre gerações, através da interpretação de suas narrativas, com o emprego de conceitos psicanalíticos.

O valer-se da Literatura como recurso na construção de um trabalho científico é amplamente adotado por autores de livros, artigos, dissertações e teses, por ser uma arte das palavras, que expressam com maestria a complexidade da vida. Segundo a interpretação de Sampaio (2005), “[...] o literário parece, assim, o próprio modo de

pensar e de escrever de Freud; como uma marca, este traço transferiu-se aos futuros psicanalistas” (SAMPAIO, 2005, p.164).

Literatura e Psicanálise enquanto teoria e método confluem pela arte da interpretação e formam, conforme Mezan (2002), a finalidade de uma dissertação: “[...] deve construir seu universo de significações em ato, partindo da descrição por escrito e por extenso daquilo que será discutido” (MEZAN, 2002, p. 398).

De acordo com Mezan (2002), o intérprete possui uma delicada função no contato com a obra escolhida para a análise, porque lhe cabe desenvolver um olhar e uma escuta psicanalítica que visa, além de seu entendimento, à construção de um caminho outro para a história, não sendo oportuno, assim, mudar seu enredo ou seus personagens, mas ofertar ao seu leitor uma singularidade advinda das entrelinhas do texto, lembrando que não existe uma singularidade absoluta. Em suas palavras: “A Psicanálise se interessa pelo singular, mas não há singular absoluto [...], o psicanalista vai encontrar certos temas fundamentais, por estes que o humano torna-se humano” (MEZAN, 2002, 78).

Nosso trabalho procurou, com a literatura científica sobre as relações intergeracionais, entre avós e netos, a partir da literatura infantil, um encontro de valorização da herança simbólica resultante dessa interação. Confirmamos nossa hipótese com os escritores-avós, aqui representados por Ziraldo e Cora Coralina, os quais produziram obras que enaltecem a experiência com seus netos, como *Menina Nina*, e *A menina, o cofrinho e a vovó*. Desse modo, avós, netos e leitores são personagens ativos na valorização e transmissão simbólicas, de geração em geração.

Para alcançar esses propósitos, em um primeiro momento, realizamos um panorama do envelhecimento, que, no contemporâneo, tem um caráter mundial, porém, especificamos com a realidade brasileira, pela apresentação de pesquisas e análises demográficas, objetivando configurar o meio social, cultural e político que permeia as questões sobre o envelhecimento.

Com base nesses dados, fomos convidados ao questionamento sobre o que é envelhecer e fizemos um breve retrospecto sobre a conceituação de velhice, fruto de um contexto histórico específico. Com essa viagem histórica, desembarcamos na atualidade, elegendo os avós como possíveis representantes do envelhecimento, no século XXI, associando-os ao conceito de avosidade, que versa sobre a interação com os netos.

Apresentamos também pesquisas sobre os papéis desempenhados pelos avós, no contexto familiar, o que nos possibilitou uma discussão sobre a transmissão psíquica entre gerações.

Ao adentrarmos o universo simbólico do psiquismo, assim como descrito, a dialética metodológica foi contribuindo para novas associações. Partimos para o segundo capítulo, buscando encontrar um elo conectivo entre avós e netos e procurando subsídios na Literatura e em sua maneira singular de contar as experiências humanas, resgatando desde sua origem até chegar à Literatura destinada ao público infantil. Nesse contexto, foi preciso abrir um parêntese para o conceito de infância e a sua relação com a produção literária. Em um momento posterior, resgatamos as primeiras produções europeias e seus principais representantes, como La Fontaine, Perrault, Andersen e os Irmãos Grimm, e também a produção brasileira, com Monteiro Lobato.

Começamos um diálogo entre gerações e uma aproximação entre Literatura e Psicanálise, de modo que nosso terceiro capítulo se destinou ao emprego da literatura psicanalítica como fonte teórica para a compreensão do desenvolvimento psíquico e primazia de seu processo simbólico. Essa via contemplou os conceitos trazidos pelo Complexo de Édipo e do Narcisismo, onde foi possível um diálogo sobre a construção e reconstrução subjetiva, ao longo de todo ciclo vital, da infância à velhice.

E, em nosso quarto capítulo, sistematizamos as temáticas propostas feitas nos capítulos anteriores, com a análise das obras *Menina Nina: duas razões para não chorar* (2002), de Ziraldo, e *A menina, o cofrinho e a vovó*, de Cora Coralina (2009), por intermédio de uma leitura, uma escuta e um olhar psicanalítico. Por fim, em um último tópico, concluímos nossos pensamentos.

INTRODUÇÃO

*Quem infringiu a lei da eternidade
que não permite recomeçar a vida?
Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade
de ser também um velho desde sempre.
(Carlos Drummond de Andrade)*

Todos nós temos avós, estejam eles entre nós ou se, porventura, já partiram. Presentes fisicamente ou apenas na lembrança, carregamos conosco alguma característica que nos centralize na dimensão temporal, com sua inexorável veracidade, definindo-nos como descendentes de uma história. Nosso enredo pode obedecer a sua ordem entre presente, passado e futuro, ou as vivências e lembranças podem cristalizar o passado no presente, seguindo a ordem inconsciente do desejo, ou seja, sua própria ordem.

Os avós são testemunhas da passagem do tempo e possuem trajetórias de vida contornadas pelo meio sociocultural, onde cada um, de acordo com sua experiência, imprime diferentes significados à experiência de ser avó ou avô. Esta temática carrega em si uma multiplicidade de fatores a serem refletidos, e apresentaremos ao leitor algumas possibilidades de reflexão ao longo de nossos capítulos. A princípio, ser avô/avó é estar incluído em uma terceira geração familiar, de pais para filhos e de filhos para seus netos constituindo, assim, uma história familiar transmitida, um legado geracional formador da memória familiar.

Nas palavras de Bosi (1987), a memória é plural, construída e acionada nas relações do homem com seu meio social, ou seja, depende da interação de um coletivo. Desta maneira, os avós compõem a memória familiar e, por conseguinte de toda uma sociedade, através da transmissão simbólica de histórias, conceitos e afetos de geração em geração.

Attias-Donfut e Segalen (1998) interpretam que as diferentes gerações são testemunhas de seu tempo e participam na construção de sua história. Assim consideramos que os avós e os netos estão, no contemporâneo, submergidos pela concepção do envelhecimento e da velhice, tema este que convidamos a uma reflexão através de estudos demográficos brasileiros e também concepções e saberes direcionados a este tema.

Estudos demográficos brasileiros caracterizam o século XXI como o século dos idosos, ao referenciar as pesquisas sobre o envelhecimento da população. Os órgãos de pesquisas brasileiros (IBGE, 2010; PNAD, 2010) definem os avós, em sua maioria, como idosos e os relacionam com os estudos sobre o envelhecimento. Embora não tenhamos encontrado dados oficiais que explicitassem a média de idade dos avós brasileiros, de acordo com as referências bibliográficas apresentadas neste capítulo, para embasar nossas questões, verificamos que os avós se colocam em uma faixa etária que varia entre 35 a 86 anos e, em um caso específico, encontramos as avós precoces, com idades entre 30 a 48 anos.

Esses dados nos alertam para a diversidade de fatores que envolvem os avós e nos enseja questionar quem são os avós brasileiros, assim como nos apontam a necessidade de desenvolver mais pesquisas acerca do tema. Entendemos que o fator idade é, sem dúvida, uma questão importante, inclusive para organização de políticas públicas, de estudos e pesquisas e outros. Todavia, tão importante quanto – quiçá mais – do que o critério etário de ser avô ou avó, para nós, na presente pesquisa, é a função simbólica e o papel social que essas figuras têm na vida familiar. Ainda assim, como o critério etário parece ser uma questão bastante complexa quando se fala em avós, pois as idades variam sobremaneira, faremos, neste trabalho, um recorte arbitrário para tomar como um de nossos objetos de reflexão a categoria de avós situada em idades acima dos 60 anos, uma vez que essa população aparece em franco crescimento, em nosso país.

Uma das principais características do fenômeno contemporâneo do envelhecimento, no Brasil (que acompanha a tendência mundial), gira em torno do eixo socioeconômico, que, por sua vez, conduz à possibilidade de um prolongamento da vida e um maior convívio entre diferentes gerações. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2012, o Brasil contava com 12,6% de sua população total de idosos, com uma quantidade estimada em 24,85 milhões de pessoas. (IBGE, 2010).

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a velhice se inicia aos 65 anos, nos países desenvolvidos, e aos 60 anos, nos países ainda em desenvolvimento. O processo de envelhecimento de uma população é caracterizado quando o número de pessoas com idade superior a 60 anos cresce em ritmo e proporções maiores do que os abaixo de 14 anos, acarretando nas sociedades mudanças significativas.

Refletir sobre o envelhecimento implica a utilização de dados, informações e conceitos que nos ajudem a fundamentar nossas indagações. Dados estatísticos oferecidos por pesquisas nacionais e estrangeiras (CAMARANO; KANSO, 2009; IBGE, 2010; ONU, 2006) nos auxiliam a referenciar alguns dados sobre o envelhecimento demográfico. O conceito de expectativa de vida é formado pela média vivida, e possui sua previsão através do número de nascimentos, em uma mesma data. Em conformidade com os dados obtidos pelo IBGE, (2010), os brasileiros estão vivendo mais e “nascendo menos”.

Nesse sentido, o Brasil é “novo” país de idosos, e o envelhecimento da população é reflexo do aumento da expectativa de vida (devido a diversas inovações na área da saúde e na biotecnologia) e da redução da taxa de natalidade. Com a expectativa de vida em ascensão, temos a taxa de natalidade em queda. Em 1980, cada mulher tinha em média 4,4 filhos; em 2000, esse número caiu para 2,9 e, em 2008, temos 1,8 nascimentos para cada mulher (CAMARANO; KANSO 2009). O Brasil acompanha os números de países desenvolvidos, enquadrando-se na tendência mundial de país com maior número de idosos que de crianças.

Esse tema (do envelhecimento) vem ocupando uma posição privilegiada no locus das preocupações científicas. Pesquisas (BERQUÓ, 1999; VERAS, 2001; MYNAIO, 2011) realizadas em diferentes campos – Medicina, Antropologia, Psicologia, Sociologia, entre outros – apontam que os principais protagonistas do saudável envelhecimento da população são as inovações tecnológicas e científicas, com destaque para a indústria farmacêutica e as ciências da saúde, as quais contribuíram para uma maior longevidade humana.

Além do setor saúde, outros campos necessitam serem relacionados – como o econômico, político e cultural – com importantes acontecimentos como, por exemplo, a Revolução Industrial que alavancou a economia mundial, com a entrada feminina no mercado de trabalho, somando-se às melhorias nas condições de vida a diminuição da mortalidade infantil e das taxas de fecundidade.

O estudo do Instituto Brasileiro de Pesquisa (2010) também ressalta uma maior predominância de mulheres e igualmente mais envelhecidas. Elas representam 55,7 % dos idosos: um dado comparativo ilustra que, para cada 100 mulheres idosas, há 81,6 homens idosos. Esse fator é denominado por estudiosos como a “feminização da velhice”, enfatizando-se a necessidade de estudos de gênero, devido a seu caráter

multifacetado para o fenômeno do envelhecimento (CAMARANO, 2003; NERI; YASSUDA, 2004).

Segundo os dados compilados pelo IBGE e apresentados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2012, o Brasil está entre os 10 países do mundo com população superior a 60 anos (IBGE, 2010). Entendemos que os dados estatísticos representam um prefácio, anunciando um país com novas demandas e necessidades. Serão necessárias medidas objetivas no manejo político e econômico, além de transformações culturais e comportamentais.

Os dados estatísticos sobre o envelhecimento da população possibilitam, ainda, o questionamento sobre o(s) conceito(s) destinado(s) ao velho e à velhice. Assim, faz-se necessário, para a presente pesquisa, também buscar informações acerca dos espaços e sentidos para a velhice, o envelhecimento, os avós e a infância, na tentativa de conectar as concepções do passado com os avós e com os netos, no contemporâneo.

Barros (2004) salienta que as representações e conceitos que temos sobre a velhice estão condicionados ao ideal de ciência e sociedade moderna, com a periodização dos ciclos de vida. Ou seja, a representação do conceito está intimamente vinculada ao contexto sócio-histórico da modernidade.

Analisando essa condição social e temporal da concepção de velhice, Minayo (2011) adiciona a dimensão cultural, ponderando a sua importância, de acordo com a literatura antropológica:

Antropologicamente, a velhice deve ser vista compondo um ciclo de vida, mas diferentemente das etapas que antecedem. Essa é a última estação antes da parada da morte, o que torna os velhos ao mesmo tempo vinculados ao mundo em que vivem e dependentes das injunções da cultura sobre a velhice e das determinações biológicas que os constroem. (MINAYO, 2011, p.9).

Cabe assinalar que a velhice atravessa um momento paradoxal, em sua conceituação e vivências. Em meio a uma cultura e um contexto social que enaltece a jovialidade, denominar-se velho está *à la mode*.

Bem como apontado por Barros (2004) e Minayo (2011), o envelhecimento – assim como sugere seu sufixo – pode ser compreendido como um processo de uma evolução biológica que caminha desde o nascimento em direção à maturação e declínio.

Ou seja, é “multideterminado”. Nas palavras de Simone de Beauvoir (1990), múltiplo e singular:

A velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo numa noção. Pelo menos, podemos confrontá-las umas com as outras, tentar destacar delas as constantes e dar as razões de suas diferenças. (BEAUVOIR, 1990, p. 345).

Estamos atravessando um momento de transformação sobre o que seja considerado velho, conforme Minayo (2011). Para compreendermos o porquê dessa possível mudança de paradigma, foi necessário voltarmos os ponteiros, de um passado ainda recente, visando a aproximar o passado com o presente, a velhice e a infância. Como pontua Mercadante (1996, p. 74): “[...] sempre se é velho em um determinado lugar e num determinado momento histórico”.

A velhice conceituada pelo evolucionismo representava um aparelho biológico frágil e decadente. O conceito de velhice e os significados a ele atribuídos variam em sucessivos períodos históricos, como no mundo hebreu, em que o idoso era o patriarca respeitado e temido; na Grécia, caracterizada pelo culto à beleza e à força, a velhice era renegada; em Roma, o velho passa da imagem de grandeza à decadência; na Idade Média, temos o velho sábio e sofrido, durante os séculos XI a XIII, o velho é protagonista, em sua sociedade; no século XIV, o velho era um fardo social; entre os séculos XV e XVI, durante a Renascença, há um aumento considerável no número de velhos e, somente no século XIX, tem-se a definição de velhice (EIZIRIK et al., 2001).

Todavia, com essa passagem pela história, há uma mudança importante na concepção de homem, nesse período. Para Birman (1997), o homem não é mais fruto de uma história, mas produtor de sua história. Assim, as diferentes concepções e definições sobre a infância e a velhice são dinamizadas pelo período histórico e cultural.

Partimos dessa premissa para apontar a que a conceituação de velhice foi, segundo Birman (1997), uma invenção que datou o final do século XIX e início do século XX, a qual fragmenta a multiplicidades de fatores que envolvem o envelhecer e se reproduzem como categorias identitárias, maciçamente reproduzida e interiorizada pela cultura, pela sociedade e pelos indivíduos (DEBERT, 1999).

A vida compreendida como um ciclo é, portanto, uma invenção recente, na sociedade ocidental. Sua definição possui bases na ciência evolucionista e, diante do

pensamento moderno, a vida era representada por ciclos vitais, ilustrados em calendários com imagens os quais remetem aos grupos, às mulheres e às crianças. Nesses ciclos vitais, temos crescimento, declínio (maturidade) e morte. Por esses princípios científicos, o envelhecimento era caracterizado como uma anormalidade no ciclo vital (BIRMAN, 1997).

Os saberes médicos e os interesses econômicos do Estado são fatores decisivos para a consolidação de uma categoria para a velhice, conforme a análise realizada por Silva (2008). A autora, ao narrar a história da velhice, compreende que a literatura e a prática médica atribuem ao idoso a realidade de “corpos envelhecidos”, que, ao alcançarem uma determinada idade (idade indicada pela sua força de trabalho), apresentariam problemas clínicos com doenças específicas e invariáveis; negando qualquer possibilidade de sua ausência ou de seu tratamento, a idade representava um “[...] limite biológico insuperável” (SILVA, 2008, p.6).

A geriatria, enquanto ciência e especialidade médica é legitimada em 1910, ficando a senilidade definida como degeneração; com isso, a velhice é “inaugurada” com um saber científico (HADDAD, 1986; GROISMAN, 2002). Nesse período, há grande interesse pela infância, surgindo também estudos sobre o desenvolvimento psicológico, com a Psicologia do Desenvolvimento (CORREA, 2009).

Após a legitimação da Geriatria (de cunho estritamente biológico), multiplica-se a especialidade com a Gerontologia. “Além do corpo envelhecido, objeto da geriatria, os hábitos, as práticas, as necessidades sociais e psicológicas dos velhos seriam agora alvo de um saber especializado, que incluía novos aspectos em sua definição e tornava mais complexa à categoria velhice” (SILVA, 2008, p.159).

Em concordância com o saber médico e a difusão de especialidades, as políticas públicas dominantes eram de cunho assistencialista. Nesse contexto, nascem as caixas de aposentadorias para a velhice e os asilos, incluindo uma possível forma de cuidado que até então era exclusivamente familiar (CORREA, 2009).

O sistema de aposentadoria criado por patrões ganhou interesse da grande massa, no final do século XVIII, e foi uma estratégia que garantia disciplina e rentabilidade (SILVA, 2008). O idoso, em face de sua frágil força de trabalho, torna-se inválido e inábil para a sociedade. A gerontologia também participará do processo de institucionalização da aposentadoria, ao declarar o idoso como pertencente a uma classe

específica e que deveria usufruir de direitos específicos. Nas palavras de Katz (1996, p.67 apud SILVA, 2008, p.160):

Se o movimento em torno das pensões/aposentadorias diferenciou o velho como especial, carente, dependente e improdutivo, ele também politizou essa parcela da população, criando uma posição de subjetividade radical, desde a qual uma pessoa pode exigir seus direitos sob o status do idoso.

Portanto, o "velho" adquire cidadania com a aposentadoria, benefício oferecido pelo Governo ao trabalhador, ao operário. Foi criada no Brasil, nos anos 1930, pelo governo de Getúlio Vargas. Posteriormente, com a criação do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), em 1966, houve o reconhecimento de profissões em que o aposentado é assegurado com direitos (HADDAD, 1986), inclusive intensamente convidado ao consumo.

Com vistas a uma maior visibilidade houve, segundo Debert (1999), uma “socialização do envelhecimento”. O sistema de aposentadorias ganhou uma grande massa sob sua responsabilidade e provocou mudanças sociais e familiares. Assim, enfatiza a referida autora:

Os processos de industrialização e urbanização e a correspondente nuclearização da família teriam destruído a segurança econômica e as relações estreitas que vigoravam entre as gerações nas sociedades tradicionais. Neste novo contexto, os idosos se transformariam em um peso para a família e para o Estado, em oposição à situação anterior em que eles, dada sua sabedoria experiência, eram membros respeitados na família e na comunidade. O empobrecimento e os preconceitos marcariam a velhice nas sociedades modernas, que abandonariam os velhos a uma existência sem significado. (DEBERT, 1999, p.9).

Em função do discurso da ciência gerontológica e aquele oferecido pelo consumo, a velhice passa por uma de suas revoluções, com a nascente Terceira Idade. Sobretudo na década de 1980, buscaram-se novos sentidos para caracterizar o velho, compondo-se um repertório de codinomes – Terceira Idade, Melhor Idade –, de forma que se consolidou o termo *idoso* como politicamente correto, para referência a pessoas com 60 anos ou mais (PEIXOTO, 1998). Essa denominação serviria para retirar do termo "velho" as referências pejorativas.

O termo Terceira Idade foi gerado na França, palco de conhecidas políticas públicas para a senescência. O termo em francês, *Troisième âge*, conota os sentidos do bem viver e distingue as pessoas de uma classe social com melhor poder aquisitivo (PEIXOTO, 1998).

O idoso que pertence à terceira idade é aquele que está no espaço entre a vida adulta e a velhice e traz à tona um envelhecimento positivo (CORREA, 2009). Nesse sentido, a Gerontologia, composta de multidisciplinas, envolve o envelhecer como um processo dotado de muita avidez e possibilidades. Os componentes da “terceira idade” tornam-se alvos da cultura do consumo, ganhando maior visibilidade, como, por exemplo, na mídia brasileira:

As imagens do idoso na mídia revelam, sem dúvida, um compromisso com uma imagem mais gratificante da velhice e do envelhecimento. Esse compromisso, no entanto, tende a estabelecer uma nova fronteira entre os indivíduos de idade avançada, aqueles que rejeitam ativamente o envelhecimento e os que negligentemente se deixam envelhecer. A velhice é transformada numa questão de escolha a partir de um duplo movimento de re-significação. (DEBERT, 2002, s/p)¹.

Através desse breve recorte sobre a história do conceito de velhice, convém destacar a potência dos discursos normativos na definição da subjetividade do indivíduo. Tomamos como referência o estudo realizado por Correa (2008), que cartografou o envelhecimento na contemporaneidade e, por uma sensível escuta, nos relata sua experiência com grupos de idosos:

Por fim, ao solicitarmos que os idosos representassem a velhice, eles a caracterizaram como uma fase decrépita, como se o corpo estivesse em franco estágio de degenerescência e ruína. Esses gestos nos chamaram a atenção, pois percebemos claramente que o grupo não se via nessa condição de velhice. Afinal, que velhice era aquela significada por eles? E como esse grupo de fato se representava? (2008, p. 42-43).

No mesmo sentido, Rozendo (2010), com a análise da legislação criada especificamente para a velhice – Estatuto do Idoso (2003) e Política Nacional do Idoso (1994) –, e da realidade pesquisada, destaca:

Seja como for concebida e gestada a subjetividade, sob a figura do envelhecimento, a experiência de vida concreta do idoso não se enquadra diretamente nos modelos forjados pela legislação, pelas políticas e pelos

¹ Vide em: DEBERT, G. G. O idoso na mídia. 2002. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env12.htm>. Acesso em Jan. 12.2014.

saberes que lhe dão fundamento e subjetividade [...] e não se incorporam diretamente à realidade experimentada por muitos idosos. (ROZENDO,2010 p.95,).

Como exposto, a velhice antes, de certa forma, não “existia”, tal como está hoje delineada. Ela foi uma categoria inventada historicamente, que atravessa os campos cultural, social, político, científico e econômico, sendo este último um eixo de transformações. Compreendemos a importância da dimensão temporal para a constituição do sujeito e focamos o processo de envelhecer em sua multiplicidade e singularidade.

Vindo ao encontro dessa necessidade de refletir sobre o processo de envelhecimento e suas vicissitudes, no meio social, é possível dialogar com a teoria eriksoniana de desenvolvimento psicológico, a qual fundamenta sua tese teórica na existência humana concebida como um ciclo intermitente, iniciado no nascimento e que se mantém ativo até a morte.

Erik Erikson (1998) foi uns pioneiros na concepção de uma teoria integradora entre o biológico, o psíquico e o contexto sociocultural do desenvolvimento da identidade, através da interação ao longo da vida.

Suas premissas, aqui brevemente focalizadas, são frutos de sua vasta e intensa formação psicanalítica, tanto que o autor propõe sua extensão para além da formação psíquica na infância baseada nos termos psicosssexuais, para a compreensão global do indivíduo no contexto sociocultural.

Tendo em vista a integração e desenvolvimento, a teoria eriksoniana compreende um indivíduo que supera fases de crise e sofre adaptações, de acordo com sua interação de componentes internos e externos, buscando o equilíbrio entre os três eixos de desenvolvimento – corpo, mente e ambiente –, ao longo de cada etapa, chamadas de fases psicossociais. Esses elementos são indissociáveis, atingindo assim a elaboração teórica da vida enquanto um processo dinâmico.

Apesar de serem denominadas como infância, adolescência, idade adulta e maturidade, a elaboração psíquica respeita o desenvolvimento individual de maturação e sua intensa interação com o meio cultural, através de um movimento resiliente, termo resgatado de um diálogo do autor com a física. Como construto psicológico, esse movimento pode ser compreendido como uma adaptação pessoal bem-sucedida a

conflitos, com a interação dos aspectos intrapsíquicos, como os aspectos externos, o meio social e afetivo.

Para o autor (1998), a idade que compreende a vida adulta e início da velhice (35 aos 60 anos) possui a responsabilidade de ser transmissora de valores e conhecimentos à infância e à adolescência, tido como ciclo de vida das gerações. O relacionamento entre gerações inseridas em uma sociedade e em um contexto cultural específico é um solo fértil, segundo Erikson, para a transmissão de valores positivos sobre a velhice e o envelhecimento, pois a maturidade não representa a finitude, mas a reunião de integridade e sabedoria em um processo ativo, em todo ciclo de vida.

E. Erikson, reeditado por sua esposa Joan Erikson (1998), salienta que felizes são os netos que possuem a oportunidade de conviver com pais e familiares responsivos e íntegros, que cultivam uma educação cônica da totalidade humana. E completa que não há experiência e envelhecimento sem perdas; elas são inevitáveis, contudo, estas podem ser intensificadas ou refletidas pelo contexto que as rodeia, e nos direciona a uma necessidade: há de se desejar um espaço cultural viável a velhice. “Apesar de todos os esforços o corpo continua a perder sua autonomia. [...]. Enfrentar o desespero com fé e humildade apropriada seja talvez, o curso mais sábio” (ERIKSON, 1998, p.90).

Por fim, encontramos com Erikson uma obra que versa sobre a vida e o envelhecimento, através de uma vida dedicada à ciência, construída por versos, até completar seus 91 anos. Com Erikson, buscamos uma visão integradora para a velhice, o envelhecimento e a vida.

A história da velhice primeiramente a adjetivou de forma negativa, significada somente por perdas e ausência de prazer e desejo, doenças e/ou dependências (BEAUVOIR, 1990; MINOIS, 1999). Segundo Minayo (2011), a duplicação da esperança de vida e a maior visibilidade permitiram a problematização desses objetivos e os conduziram a sua desmistificação, de sorte a contribuir para uma justa construção contemporânea do envelhecimento.

A primeira questão a ser desmitificada é à dependência. Conforme Camarano (1999), 85% dos idosos são ativos e produtivos, aumentando também o número de idosos morando sozinhos. A segunda consiste na observação das variáveis que compõem o processo de envelhecer, indo na contramão da homogeneização e adicionando, em sua conceituação, suas singularidades.

A terceira questão vislumbra a fuga de a velhice ser sinônimo de doença, amplamente relacionado à sua prevenção e sua medicalização, marcas as quais, para Minayo (2011), se tornam reducionistas, ao excluírem a dinâmica do indivíduo e, nesse contexto, podemos relacionar uma quarta questão: a velhice como um problema. Esse ponto envolve a Saúde, o Governo, as políticas públicas e as famílias, manifestando discursos paradoxais de que, no meio familiar, o idoso, especialmente aquele que manifesta dependência e necessita de cuidados, seria um incômodo e, conseqüentemente seria negligenciado, podendo não encontrar na família um espaço de continência; com a idade, algumas doenças são mais frequentes e representam um ônus para as políticas públicas, fato este também reproduzido pelo Estado que coloca os idosos como ícones do desequilíbrio econômico do país, especialmente nas áreas da saúde e da previdência social.

Com o delinear do envelhecimento, Minayo (2011) nos alerta para o cultivo de visões que contornem o envelhecer com a positivação de sua subjetividade, reconhecendo seus limites e atentando para seus desejos e necessidades. Em suas palavras:

Pois, a velhice não constitui uma propriedade substancial que os indivíduos adquirem com o avanço do tempo biológico. As marcas do tempo são reais e podem ser reconhecidas por sinais externos do corpo. Mas tais sinais são apropriados e laborados simbolicamente por todas essas sociedades e pelos próprios sujeitos, em rituais que definem nas fronteiras etárias, um sentido político organizador só sistema social. (MINAYO, 2011, p. 11).

Subjugados a essa dominação, ainda no contemporâneo, desejamos profundamente que haja a disseminação de estudos e práticas que olhem para o envelhecimento de maneira sensível a suas necessidades, pois os nossos idosos “[...] deixaram de ser contemporâneos da própria história” (ARIÈS, 1981).

Assim, caracterizamos os avós como um dos representantes do envelhecimento no século XXI, por estarem justamente à margem das definições construídas para a velhice e para as formas de se envelhecer. Assim como exposto, não temos um dado oficial dos órgãos de pesquisas brasileiros para definir a idade cronológica dos avós, porque a primazia do encontro entre gerações se dá igualmente na construção simbólica das relações, de maneira que podemos tomá-los como referência para a dimensão

temporal, visto que, para serem avós, os sujeitos estão condicionados à passagem do tempo.

Pais se tornam avós através do desejo do filho e experimentam novas sensações, emoções, demandas e desejos. Assim, filhos, pais e avós compõem a transitoriedade do verbo *envelhecer*, com sua multifatorialidade, permitindo sua conjugação de acordo com sua vivência em cada tempo histórico.

Por fim, somos protagonistas de um momento de transição, e o futuro representa a continuidade de muitos desafios e conflitos. E, com essa noção de continuidade, partimos para o segundo tópico, o qual enfoca os avós além da idade. E ficamos com as palavras do poeta: “Só o velho saberia contar o que é velhice se ele soubesse” (ANDRADE, 1990).

CAPÍTULO 1 - OS AVÓS: VELHAS E NOVAS FIGURAS DO CONTEMPORANEO

Mire e veja: o mais bonito do mundo é isto:
Que as pessoas não estão sempre iguais,
Ainda não foram terminadas –
Mas que elas vão sempre mudando.
(GUIMARÃES ROSA, 1986, p.15).

Dentre as diversas questões e avanços trazidos pelo aumento da expectativa de vida, destacamos o maior convívio entre gerações no cotidiano das famílias brasileiras, constituindo um importante vértice para a compreensão de mudanças no interior

familiar, bem como em toda a sociedade. Assim, neste primeiro capítulo incursionamos nos papéis desempenhados pelos avós e sua importância na família contemporânea.

Ao termo *avós* se conjuga o predicativo *idosos*, papel ou função e *status* social, segundo Fischer (1983 apud; DIAS; SILVA, 2009). A relação entre avós e netos possui peculiaridades de acordo com a estrutura familiar e sua dinâmica, condições geográficas, raça, idade, gênero, estado civil, características individuais, local de origem da família (rural ou urbano), ligação dos pais com os avós, aspectos sociais, econômicos e culturais (DIAS; SILVA, 2009).

Essa relação pode ser contextualizada com o conceito de *avosidade*, difundido pela Gerontologia e definido como laço de parentesco (REDLER, 1986) em que a família e a transmissão psíquica entre gerações são fundamentos para esse conceito, que configura as relações entre avós e netos.

Interessante pensar que pais se tornam avós aquém de seus próprios desejos e se tornam dependentes do desejo de seus filhos. Ou seja, estamos abordando um relacionamento tecido por vínculos de parentesco e vínculos de afeto e que, juntos, promovem um legado geracional composto por memórias e experiência do passado e um caminho a ser construído. A passagem do tempo se concretiza com a construção de novas identidades de avós e netos.

Os avós são responsáveis pela transmissão da cultura e da tradição familiar, por transmitir heranças simbólicas, além de influenciar diretamente no desenvolvimento intelectual e na formação psíquica de seus netos (BARROS, 1987; ARAÚJO; DIAS, 2002; OLIVEIRA, 1999).

O que acontece aqui e agora, em uma família determinada e inserida em uma dada cultura vai depender do que foi transmitido de geração em geração: o legado psíquico que cada criança dessa família recebe ao nascer e sobre o qual vai se estruturar sua vida psíquica. (GOLDFARB; LOPES, 2009, p.1).

O conceito de *avosidade* é amplo e interminável. A ele se associam muitos predicados. O exercício da *avosidade* não remete especificamente a uma idade cronológica, mas a um laço de parentesco tecido entre três gerações que envolvem aspectos sociais, familiares, culturais e pessoais (REDLER, 1986, p.10).

Aos muitos predicados que podem englobar a avosidade, cabe relacionar que o exercício dessa função possui aspectos ambivalentes, pois a cada nascimento podem renascer diferentes emoções. Recorremos à literatura brasileira com Machado de Assis (2001), que, em um conto, descreve a ambiguidade de sentimentos de uma mulher que se torna avó:

Esse importuno embrião, curioso de vida e pretensioso, era necessário na terra? Evidentemente, não; mas pareceu em um dia, com as flores de setembro. Durante a crise, D. Camila só teve de pensar na filha: depois da crise pensou na filha e no neto. Só dias depois é que pôde pensar em si mesma. Enfim, avó. Nem as feições, que eram ainda concertadas, nem os cabelos, que eram pretos (salvo meia dúzia de fios escondidos), podiam por si só denunciar a realidade; mas a realidade existia; ela era, enfim, avó. (ASSIS, 2001, p.144).

A relação entre avós e netos, segundo Aratangy e Posternark (2005), está diretamente ligada às funções maternas e paternas, sendo fundamental para a formação psíquica da infância com eles partilhada. Com tais funções, avós e avós imprimem diferentes perfis. Na perspectiva de Vitale (2010), as falas reproduzidas pelo senso comum representam o avô como “um pai com açúcar” e a avó como “uma segunda mãe”, mas há controvérsias. Cada um se desenvolve de acordo com sua vivência, sejam homens ou mulheres.

Os avós são expoentes na formação de seus netos, com uma bagagem de memórias e experiências que oferece um suporte para a infância, sendo, depois dos pais, os principais agentes socializadores da infância (DIAS, 1994; 2002,). Salienta Zarabeski (2005 apud GOLDFARB; LOPES, 2009):

O que faz que a avosidade seja reconhecida e conseguida como função é que quem ocupa esse lugar tenha podido realizar a operação simbólica de se colocar como pai/mãe de um pai/mãe. Ou seja, que tenha podido, não ceder, mas dar lugar que se reproduza em seu filho/filha a função paterna/materna, colocando-se assim como mais um elo na cadeia geracional. (ZARABESKI, 2005 apud GOLDFARB; LOPES, 2009, p. 152).

As funções de pais, mães e avós sofrem modificações com a chegada de um neto, pois há o nascimento de um novo elo geracional, que irá requerer uma nova reorganização psíquica na família. Renascem esperanças, aproximam-se gerações e principalmente nasce a noção de continuidade. A genealogia de uma família é

estabelecida pela transmissão de informações (genes, traços, histórias) entre as diferentes gerações. A avosidade relaciona as transmissões psíquicas que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações. Contudo, para Debert (1999), em um contexto moderno de sociedade, pode-se estender o conceito a pessoas que não pertencem à mesma família, envolvendo assim toda a esfera social.

Ao concebermos a relação entre avós e netos enquanto uma relação que ultrapassa os limites biológicos, com a transmissão simbólica familiar e o estabelecimento na contemporaneidade do exercício de novas funções, os avós nos permitem refletir e questionar sobre a concepção do envelhecimento e memória familiar. Para Barros (1987), os avós são sinônimos de memória, são imprescindíveis na formação da identidade familiar e também de seus componentes, influenciando, nesse caso, de forma individual. A autora considera os avós como mediadores imprescindíveis na manutenção da identidade familiar, um elo vivo que conecta “antepassados” com seus “descendentes”.

A autora tem seu olhar de vinculação igualmente entre avós e o tema da infância, concebido através de suas pesquisas com famílias de classe média, na capital fluminense, enfocando o tema da memória e da importância familiar, atribuindo, em sua análise final, um local de destaque aos avós e lhes conferindo o *status* de guardiães da memória familiar e de toda uma sociedade, como sobreviventes da evolução de um período histórico. Nas palavras da autora:

O tema da infância desponta como uma forma de explicação para atitudes e sentimentos experimentados como avós, em meio a um relato em que o presente está constantemente referido a um passado, não um passado relatado linearmente, mas pinçado aos poucos num processo de associações entre hoje e ontem, seja este ontem distante ou não. (BARROS, 1987, p.34).

Como guardiães da memória e atuantes na sociedade, Barros destaca a primazia dos avós para o futuro, o nosso futuro.

A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares. Em torno dessa ideia de transmissão de valores está presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico. Para essas pessoas, preocupadas em marcar seu lugar social e sua identidade pela inserção na grande família, o tempo do ciclo dessa grande família é a referência temporal. (BARROS, 1987, p.36).

Atualmente, infância e velhice são integradas enquanto um celeiro psíquico, onde descobertas são trocas reconhecidas simbologicamente pelas diferenças que as unem e pela transmissão de valores e desejos que se constituem e se reconstituem.

Os avós são, neste momento, compositores de um novo papel social e representantes de um “novo” envelhecimento, possuindo papéis ativos na composição familiar. Assim como demonstramos, a relação estabelecida entre avós e netos, além do afeto, transmite para a infância uma herança cultural, de maneira simbólica, essencial para a formação da subjetividade da criança, de sua família e de toda a sociedade. Nesse sentido, tornou-se necessária a busca por estudos que nos contem sobre os avós e a família, em que “[...] os avós, os grandes esquecidos da sociedade, são as novas figuras familiares do nosso tempo” (ATTIAS-DONFUT; SEGALIN, 1998).

1.1 Os avós na família: breve revisão da literatura científica

A família nos direciona a algo tão intrínseco e complexo que, quando vamos defini-la, parece que perdemos as palavras. As famílias, sejam aquelas a que pertence a interlocutora que aqui escreve, sejam as de quem lê esse texto, podem ser completamente diferentes, mas abrigam o mesmo sentimento familiar descrito por Ariès (1981).

Esse sentimento foi gerado por um espaço físico de convivência entre pessoas com laços biológicos, com exigências de privacidade. De acordo com Passos (2009, p. 15), “[...] ela surge, então, da possibilidade de reconhecimento mútuo entre os sujeitos, da troca de afetos entre eles, e isso só foi possível a partir de um espaço físico que possibilitava a aproximação entre as pessoas”.

A instituição familiar é construída historicamente e sofre as mudanças da contemporaneidade. São vários os autores que se dedicam a essa temática, por ser um eixo da formação de indivíduos, suas gerações e suas histórias (FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2009; PASSOS, 2009; DIAS; COSTA; RANGEL, 2005). Entretanto, esse é um assunto que sempre vamos problematizar, como ressalta Féres-Carneiro (2009):

O debate sobre as metamorfoses da família continua. A cada momento surgem novas questões, outras ressurgem, enquanto muitas deixam de fazer sentido no quadro geral das mudanças processadas no contexto familiar. Em todo esse movimento, dois aspectos mostram-se muito evidentes. Em primeiro lugar, a constatação de que por mais inusitadas que possam parecer certas expressões do indivíduo no grupo, ou mesmo do grupo em sua totalidade, elas certamente evidenciam novas roupagens ou diferentes arranjos e atualizações de experiências já vividas por outras gerações. (FÉRES-CARNEIRO, 2009, p.9).

Nesse contexto de mudanças, destacamos a participação dos avós na família, onde se encontram mais presentes e ocupando diferentes funções, em que as novas construções sociais e culturais acerca do envelhecimento vêm reconfigurando os papéis assumidos por cada membro da família contemporânea.

Como a família é uma construção histórica, sua base é formada por fatores sociais, econômicos, culturais; como um organismo mutável, em cada época, sofre transformações. As mudanças familiares que norteiam o cenário contemporâneo são

compostas por reminiscências da nossa colonização por Portugal (FREYRE, 1963). Com isso, seu início é composto por culturas e etnias diversas, fator que a define como pluricultural. Reproduzindo o modelo patriarcal e conservador do período colonial, vivem “em família” pais, filhos, parentes, agregados, todos obedientes ao pátrio-poder.

No final do século XIX, busca-se a intimidade e a privacidade com o modelo de família nuclear (composta por pais e filhos) e concomitante processo de industrialização e modernização crescente. Na década de 60 do século XX, o controle das taxas de natalidade com a pílula anticoncepcional, a inserção da mulher no mercado de trabalho, gerou novos papéis atribuídos a homens e mulheres, assim como o aumento de casos de divórcio e/ou separação do casal. No presente, o aumento da expectativa de vida, as famílias monoparentais, homoafetivas e as famílias-cangurus são expoentes de novas formas de composição familiar (VITALE, 2010).

Os integrantes familiares podem estabelecer novas e importantes trocas culturais e simbólicas, devido às mudanças demográficas que permitem o maior convívio entre gerações.

A própria representação da família e do parentesco sofre assim a marca do tempo. Os limites de sua infância são traçados, no presente com olhos e elaborações atuais que embora possam ser explicados e racionalizados em função das mudanças sociais, mudaram as representações dessas pessoas, aparecendo em cada etapa da vida com configurações diferentes. (BARROS, 1987, p. 77).

A presença dos avós se torna uma realidade atual, em função das melhorias econômicas e científicas, de sorte que, com elas, o ser humano alcança uma longevidade, realidade que já estamos vivendo. Assim aparece com maior frequência mais um membro familiar, não só presente em fotografias, mas que influencia tanto os netos quanto os filhos, de formas diferenciadas. Esse presente possibilita que as pessoas vivam tempo suficiente para se tornarem avós.

O protagonismo exercido pelos avós, na família, é produto de uma história atual com um passado ainda recente. Ao pesquisarmos sobre os avós e suas funções na família, tentamos aproximar dados históricos atinentes às mudanças familiares, a serviço da velhice e infância.

Conforme mencionamos, nossa atualidade é um campo potencial de investigação. As relações familiares, impulsionadas pelos avanços do século XXI,

foram retratadas em pesquisas científicas. Eizirik et al. (2001) ressaltam que a primeira investigação realizada com enfoque nos papéis exercidos pelos avós, na resolução do conflito edípico, foi feita por Karl Abraham, em 1913. O autor destaca a extensão do relacionamento entre avós e netos, com os termos em inglês que denominam a função, como “grandfather” e “grandmother”, ou seja, os avós como “grandes pais e grandes mães”.

Os Estados Unidos são os pioneiros em pesquisas com avós. Dias e Silva (2009) compilaram diversos dados e enfatizam que recorrer à literatura americana é necessário, devido à escassez de pesquisas brasileiras. Nos Estados Unidos, 50% das mulheres tornam-se avós entre 43 e 50 anos de idade. Já na França, 80% das avós têm mais de 65 anos e 50% delas se tornarão bisavós. Na Inglaterra, quase metade da população tem netos e 25% das idosas são as principais cuidadoras, passando cerca de 6 horas com os netos (DIAS; SILVA, 2009). Dentre as pesquisas que se dedicaram a essa temática, o relacionamento entre avós e netos foi assunto de muitas investigações especialmente na década de 1980 (BARROS, 1987; REDLER, 1986).

Além de afetos, mimos e história, há uma expansão de papéis. As famílias compostas verticalmente permitem novas composições, como a divisão da casa dos avós, por filhos, netos e até bisnetos. Nesse sentido, merece destaque a pesquisa brasileira feita por Barros (1987). Com esse estudo, é possível vislumbrar uma ilustração da organização familiar e social. Associando os afetos destinados aos netos e a autoridade exercida sobre eles, a autora lança uma reflexão sobre o envelhecimento e sobre as relações intergeracionais entre avós, filhos e netos.

As várias gerações podem oferecer, ao mesmo tempo, ideias de continuidade e de mudança que acabam se concentrando na figura do(a) avô(ó) enquanto elemento intermediário entre os dois momentos mais afastados da vida familiar: o passado, reelaborado nas lembranças de sua infância, o presente e o futuro, personificados pelas gerações dos filhos e netos e nos projetos e expectativas em relação a eles. (BARROS, 1987, p.21).

Para a pesquisadora, os avós, em suas narrativas e lembranças, construíram um passado que detinha a autoridade como norteador das relações familiares. Quando o estudo foi feito, em 1987, essas famílias eram protagonistas de mudanças em que o afeto pode ser incorporado, oferecendo diferentes possibilidades e estabelecendo novas relações entre avós, filhos e netos.

Estar do lado dos netos num confronto com a geração intermediária faz parte de uma troca entre avós e netos, estipulada em termos de garantia e da confiança mútua e da construção da especificidade da relação. É através da particularidade da cumplicidade entre as duas gerações que se constroem as identidades de avós e netos. (BARROS, 1987, p. 122).

Os agentes transformadores são a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e o aumento dos casos de separação e divórcio, os quais mudaram o cotidiano das famílias devido à busca pelos avós, no cuidado com as crianças, compondo assim a modernidade da vida urbana.

Barros (1987) reforça que a interação entre gerações resulta em diferentes interpretações sobre a família, porque o contexto familiar seria um organismo mutável que é gerado e transformado pela sociedade. Além disso, cada família é fruto de um contexto social e pode realizar diferentes associações, mas os avós reiteram a importância da permanência do valor familiar, sob a influência de quaisquer transformações.

Chegando à década de 1990, as transformações se intensificaram com o crescimento econômico do país, globalização mundial, implemento de novas tecnologias, transformações familiares, os quais reforçam a incorporação dos avós enquanto “cuidadores” dos netos. Esse cuidado é popularmente conhecido no Brasil como “olhar” os netos. Sublinha Oliveira (1999):

Olhar os netos é uma tarefa que comporta um horizonte promissor: o reencontro de um sentido para a própria existência. [...]. A presença das crianças por perto traz, com certeza, esperanças multiplicadas. (OLIVEIRA, 1999, p.20).

Em meio às modificações de toda uma sociedade, as famílias brasileiras compõem um campo potencial de investigação sobre os relacionamentos entre avós, filhos e netos. Recorremos a artigos e pesquisas científicas para apresentar e refletir sobre os papéis desempenhados por diferentes gerações, em contextos específicos.

Dizem alguns poetas que, quando nasce um bebê, nasce também uma mãe. Nós completamos, asseverando que nasce igualmente uma avó. Questionadas sobre a vivência de uma mulher se tornar avó, esse foi o objetivo de pesquisa de Kipper e Lopes (2006), que ouviram 11 (onze) avós maternas com idades entre 49 e 66 anos, com netos que tinham entre 3 e 4 anos.

Baseadas no processo evolutivo de desenvolvimento, as avós são pertencentes a uma quarta fase de um processo de individuação, em que essas mulheres já foram netas, filhas e mães. Com todas essas vivências, as avós encontraram na avosidade a possibilidade de ressignificar suas experiências, descrevendo a experiência com uma riqueza de sentimentos, como o renascimento de antigos vínculos, desejos e sonhos, possibilitando a resolução de conflitos do passado.

Integrando a infância e o envelhecimento, no contexto familiar, o estudo de Rabinovich e Moreira (2008) encontrou na infância um porta-voz para respostas sobre o que crianças compreendem como família. A pesquisa abrangeu as cidades de São Paulo, Franca e Ubatuba. Nesse estudo, as pesquisadoras, frente às mudanças nas composições familiares, buscaram compreender se estas levaram ao enfraquecimento da unidade familiar. De posses de gravadores, perguntaram a 45 crianças com faixa etária entre 6 e 10 anos, com situações econômicas alta, média e baixa, o que era a família para elas, especificando os papéis de pais, irmãos mais velhos e avós. Foram encontradas diferenças nas respostas em relação à situação econômica, nos seguintes fatores: quanto mais baixa a classe social, são mais utilizados castigos e punições; os presentes são esporádicos e possuem mais tempo no contato. Contudo, a semelhança entre as classes se dá pelo sentimento aos avós ser baseado no amor, no cuidado e na união familiar.

O cuidado, em toda extensão de seu conceito, foi o substantivo escolhido pela maioria das crianças sobre o sentimento familiar, para pais, irmãos e avós, que também são considerados “cuidadores substitutos” e não menos importantes com a ausência dos pais. A prática do cuidado se fez com a transmissão de conhecimentos simbólicos com a contação de histórias e passeios. As autoras assim concebem as posições ocupadas pelos avós: “[...] parecem estar no horizonte existencial e formativo, intelectual e afetivo dessas crianças” (RABINOVICH; MOREIRA, 2008, p.453).

Oliveira (1999) efetuou, por sua vez, um estudo que abarcou o contexto cultural de avós e netos, em uma cidade do interior paulista. Tornou-se fonte de referência para muitos estudos posteriores que se dedicam a essa temática, por sua completude e especificidade. Seu objetivo foi lançar olhares à convivência entre avós que cuidam de seus netos (em face da impossibilidade dos pais) e oferecer-lhes um espaço de escuta acerca do processo educativo que emerge nesse convívio. Nesses encontros, além de se valorizar falas e olhares, observaram-se também os sentimentos. Cinco avós e oito netos

partilharam suas experiências, contribuindo para destacar os avós na sociedade brasileira.

O autor buscou entender esse processo educativo das crianças sob a guarda de seus avós, interpretando aspectos físicos, emocionais e principalmente a conjunção simbólica entre gerações. Em suas palavras:

Os avós educam, portanto, os netos, e, ao mesmo tempo, embora de modo diferente, são reeducados por essas crianças. Quer dizer, se há uma socialização ela precisaria ser vista de um modo não unívoco (dos avós para os netos) e sim mediante as relações recíprocas, num movimento que a todo instante constrói ou redefine a feição dos sujeitos, física e simbolicamente. (OLIVEIRA, 2009, p.24).

O autor destaca que, apesar de todas as dificuldades e arbitrariedades motivadas pelo contexto social dessas famílias, há um encontro prazeroso e afetuosos nesse convívio, já que os netos representam um *status* e uma possibilidade de futuro, de esperança. Há a possibilidade de uma vivência em outro compasso cronológico, no qual infância e maturidade se encontram iguais.

Outro vértice, pesquisando a interação familiar é a aproximação de gerações é um dos principais fatores de investigação pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa (2010). Baseadas nesses dados, Camarano e El Ghaouri investigaram avós e netos que residem no mesmo domicílio, em 2003. Para as autoras, esse componente de pesquisa é denominado coabitação. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a porcentagem de netos e bisnetos que residem com avós e bisavós aumentou 40,48%, no período entre 1991 e 2000. A porcentagem atual de coabitação é de 86% dos domicílios brasileiros (CAMARANO; EL GHAOURI, 2003). Em 1991, eram 2,5 milhões de netos e bisnetos, que passaram a ser 4,2 milhões, em 2000. Do total de pessoas que residem com o responsável pelo lar, no país, 8,8 milhões são netos e bisnetos (IBGE, 2010).

No Brasil, a proporção de filhos que moram com os pais após os 26 anos aumentou de 13,8%, em 1986, para 18,4%, em 1993. A proporção de netos morando com avós (entre outros parentes) igualmente se revelou elevada. Em 2000, nas famílias onde os idosos eram chefes ou cônjuges dos chefes, os netos representavam cerca de 14% dos membros, enquanto, nos domicílios onde os idosos são parentes dos chefes ou

dos cônjuges, os netos representam apenas 2,2% (CAMARANO, 2002; CAMARANO, 2003).

Camarano e El Ghaoury (2003) observam que, em nosso país, a convivência se explica pela melhor condição financeira dos avós que auxiliam em uma melhor qualidade de vida. A coabitação também é responsável pelas trocas geracionais compostas por apoio, segurança, companhia e, frequentemente, por conflitos.

Nas residências coabitadas por netos e avós, existe uma relação de troca de grande importância para os adultos, por terem com quem deixar seus filhos para poder trabalhar (CAMARANO et. al., 2004). Tais benefícios são maiores em sociedades tradicionais de países em desenvolvimento, nas quais o governo não é capaz de atender a todas as demandas familiares.

A presença constante dos avós facilitada muitas vezes pela co-residência e a força dessa presença na formação individual e na estrutura familiar como elemento socializador amenizam os conflitos internos à família. (BARROS, 1987, p. 83).

O fator econômico foi um dado preponderante no relacionamento entre avós e netos, no círculo familiar, no estudo de Araújo e Dias, realizado na região metropolitana de Recife – PE, com publicação no ano de 2010. Contou com nove avós e um avô com uma média de 48 anos e baixo índice econômico, os quais detinham sob sua responsabilidade de 1 a 5 netos. As autoras colheram as seguintes características: os avós se responsabilizaram pela educação e cuidado de seus netos, dentre diferentes motivos, destacando-se a gravidez na adolescência, seguida de separação dos pais. As dificuldades encontradas se referem à questão financeira e em colocar limites às crianças, mas são vencidas por sentimentos felizes e satisfatórios, levando assim à continuidade de serem “pais-avós”.

Em 2005, Lopes, Neri e Park se dedicaram ao estudo do papel dos avós. A especificidade dessa pesquisa mostra que os avós estão assumindo o lugar de pais, na educação e cuidado (através de um suporte emocional e econômico) com os netos, sendo que as variáveis são os valores sociais e arranjos familiares em transição.

Na opinião das autoras, não há mudanças sem consequências:

Os efeitos dessa mudança de papéis compõem um quadro amplo e complexo, o qual podem configurar-se com aspectos positivos – satisfação em prover a nova geração, senso de renovação pessoal e dever cumprido, ter companhia e afastar o sentimento de solidão – e negativos – queda na qualidade da saúde física e emocional, alterações na vida social e familiar, sobrecarga financeira e estresse. (LOPES; NERI; PARK, 2005).

Inicialmente, as pesquisadoras destacam os avanços que permitiram esse encontro de gerações, através da compilação de literaturas internacionais (em sua grande maioria), com foco primeiramente na década de 1980. Contudo, o lócus desse estudo caracterizou-se pela crescente responsabilidade dos avós, na educação dos netos, devido à ausência dos pais, no final da década de 1990 e início da de 2000. Dentre os fatores que a fomentam, temos mulheres trabalhando em período integral, dificuldades econômicas, separação do casal, nova união após a separação, morte de um ou ambos os pais (os maiores índices são por violência ou AIDS), uso de drogas pelos pais e a impossibilidade de educação e cuidado.

A educação compartilhada de netos por pais e avós possui um saldo positivo e favorável às duas gerações. Os benefícios e dificuldades são enredados pelas trocas de afeto, preocupações com o futuro, principalmente com a saúde e com o aspecto econômico. Mesmo entre os que dividem o espaço habitacional, verificou-se que a responsabilidade com a educação e limites continua sendo dos pais, e os avós tornam-se coeducadores. Tais relações são mantidas por sentimentos de cautela, gratidão e afeto. Diante de suas observações e práticas, as autoras ponderam: “As decisões dos idosos refletem posições que não devem ser julgadas, mas compreendidas como exemplos de heterogeneidade que caracteriza a experiência de envelhecer e posicionar-se nas relações familiares” (LOPES, NERI; PARK, 2005, p.5).

A precocidade na gestação de uma adolescente gera instantaneamente a precocidade em uma mãe tornar-se avó. Esse tema foi desenvolvido por Falcão e Salomão, em 2005, quando efetuaram uma importante discussão sobre o papel nos contextos familiar, social e psicológico. A pesquisa reuniu 5 avós maternas (com idades entre 30 e 48 anos), a maioria casada, avó pela primeira vez, com baixa escolaridade, e 5 mães com idades entre 13 e 19 anos, vivendo com os pais, baixo nível de escolaridade e sem estudar; a classe econômica de ambos os grupos da investigação, realizada em João Pessoa-PB, era de baixo nível.

As relações “trigeracionais” entre avós, mães e netos, retratadas pelas referidas autoras, por meio de pesquisas bibliográficas e com as entrevistas, apontam que a maioria das avós maternas assume o cuidado pela criança, mas exprime seus sentimentos com vergonha, em relação à gravidez da filha, gerando um sentimento de culpa. As autoras enfatizam que a gestação precoce afeta toda a família, havendo um remanejamento, no qual todos se empenham para o cuidado das crianças.

Com a mesma temática, Silva e Salomão (2003) haviam pesquisado mães adolescentes e avós maternas que igualmente relataram grandes dificuldades ao saberem da gestação, com surpresas e conflitos. As relações geracionais se sobressaíram, uma vez que 72% das avós também foram mães adolescentes. Notou-se, ainda, que o exercício da maternidade pela jovem é influenciado pelo apoio oferecido pelos avós. A confusão de papéis entre jovens mães e jovens avós foi comprovada pelos netos, que chamavam suas avós de mães. Esses dados nos servem de alerta para o desamparo em que vivem essas famílias e nos fazem refletir sobre o cuidado oferecido pelos serviços de saúde.

Dias, Costa e Rangel (2005), envolvidas na pesquisa demográfica sobre o envelhecimento da população, investigaram em quais circunstâncias os avós são responsáveis pelos netos e quais são as consequências no exercício dessa função.

Essa pesquisa se diferencia, ao comparar as vivências de avós e avôs, separadamente. Para tanto, ao todo, entrevistaram 32 avós, com idades variando entre 42 e 76 anos. Os avôs somaram 30 entrevistas, com uma faixa etária entre 41 a 86 anos, com uma média de 61 anos (segundo as autoras).

Não houve discrepância entre as respostas devido ao gênero. As respostas que igualmente entre avós e avôs tiveram maiores índices retratam suas experiências, tais como: ambos tiveram a iniciativa da educação do neto e, em sua maioria, isso se deu pela separação dos pais; definem-se felizes com a convivência; a idade traz mais sabedoria no manejo com as crianças; a responsabilidade, os limites e questões financeiras são alvos de preocupação.

Diante de tantas variáveis, as autoras consideram os avós ambivalentes em suas experiências. Questões como cansaço, *stress*, problemas de saúde, dificuldades econômicas e de relacionamento com os filhos influenciam no trato com os netos, mas

são contrabalanceados pela consciência de serem melhores como avós do que como pais e pelo desejo em continuar com a responsabilidade pelos netos.

A separação ou divórcio é um fator constituinte no rol das mudanças familiares, que podem resultar ou não em conflitos entre seus membros e gerar conflitos emocionais. Araújo e Dias (2002) se dedicaram a pesquisar qual o papel dos avós com o término do casamento de seus filho (a)s, concluindo que a construção de uma nova unidade familiar tem influência direta no relacionamento entre avós e netos. A pesquisa foi feita em João Pessoa- PB, através de entrevistas com 60 avós, com idades entre 45 e 80 anos – e é importante ressaltar que os avós não residiam com seus netos. Os dados encontrados incitam o papel de apoio e continência dos avós, não só para os netos, mas para filhos ou ex-noras e ex-genros. O apoio é tanto econômico como emocional, concretizado em sua maioria por conselhos, telefonemas e informações sobre a família.

Em função da mudança provocada pela separação do casal, os participantes também são movidos as mudanças e, com elas, surgem algumas dificuldades, como: questões geográficas (famílias que residem longe uma das outras), idades dos avós, estado civil dos avós, sexo dos avós (as avós maternas são mais participativas), custódia parental (quando o filho tem a custódia, o relacionamento é beneficiado) e dificuldades econômicas. Por fim, as autoras afirmam que, apesar de todas as variáveis, observaram a primazia do desempenho de papéis e suportes oferecidos pelos avós.

Além de estudos envolvendo os avós e seu relacionamento com a infância, é possível encontrar uma interessante pesquisa realizada por Dias e Silva (2003) sobre a percepção de jovens adultos (universitários) acerca de seus avós, suas lembranças, influência em sua vida, caracterizando assim a visão de um jovem sobre a sua terceira geração. Os sujeitos participantes somaram 110 entrevistas, no total. Esse estudo conclui que os avós são sinônimos de sabedoria, experiência de vida, origem da família e até vistos como segundos pais. A principal influência concentrou-se na esfera emocional, exemplificada com as atividades mais frequentes, como conversas, histórias, visitas e mediadores entre seus pais. Outro fator em destaque é que, para os jovens, é mais fácil estabelecer vínculos com as avós, que ganharam o rótulo de “preferência”. Apesar de um grande número de variáveis e limitações, essa pesquisa nos permite evidenciar que, à medida que o neto cresce, aumenta para si a importância de seus avós, valor a ser passado de geração em geração.

Um estudo específico e contemporâneo que retrata os avós brasileiros enfocou uma situação conflituosa: avós responsáveis por netos que são adolescentes infratores. Scharamm e Mercadante (2006) fizeram entrevistas com quatro pares de avós e netos. Os avós pertenciam a uma faixa etária entre 60 a 72 anos, e os netos tinham entre 15 e 18 anos.

Diante dos resultados, as autoras nos convidam a refletir sobre o binômio formado entre o educar e o socializar, fatores que envolvem as famílias e a sociedade desses adolescentes. Conforme o relato das avós, hoje está muito “diferente” formar os netos em comparação a seus filhos, está mais difícil e sem respaldos, como o da educação, por exemplo. As dificuldades em educar consistem nas mudanças de valores que esses idosos têm problemas em acompanhar. Com a dependência econômica dos avós, são construídas relações de reciprocidade entre os integrantes da família, de modo que o relacionamento é atravessado pelas consequências dos atos infratores com sentimentos de fracasso, vergonha e culpa. Contudo, apesar das dificuldades, econômicas e sociais, os avós foram um porto seguro desses netos, acolhendo-os.

Descrevendo brevemente alguns estudos brasileiros, verifica-se quão importante, complexo e tão cheio de sentidos são os vínculos tecidos entre avós e seus netos, entre pais e filhos, entre a infância e a velhice. Em face de dificuldades e processos de descobertas, as estatísticas e as conclusões asseguram a importância da relação estabelecida entre as gerações.

Considerando o desenvolvimento humano, visto enquanto um processo em movimento constante, em que a capacidade de abstração, o processo simbólico e o acesso à cultura são mediados pelas relações que construímos, acreditamos que os avós, através de suas experiências, são expoentes de continência para gerações, um porto seguro à espera de reconhecimento, de acordo com a expressão de Vitale (2010): “A herança simbólica por eles transmitida é mantida e/ou recriada ao longo de nossas vidas, num processo de continuidade e descontinuidade dos bens simbólicos recebidos” (p.104).

Na tentativa de aproximar as temáticas advindas do relacionamento entre avós e netos, procuramos, na Literatura Infantil e na Psicanálise, formas de reafirmar a importância das trocas simbólicas exercidas entre gerações, com benefícios tanto para os netos como para os avós.

O pensamento psicanalítico tem tradicionalmente apontado o papel simbólico da figura dos avós – vivos ou mortos – na função de assegurar aos netos uma identidade enraizada no tempo imemorial, ou seja, numa identidade genealógica. (KAËS, 2001). Nessa perspectiva, a criança está no cerne das transmissões inconscientes da vida psíquica que ocorrem ao longo das gerações. As contribuições psicanalíticas não podem, no entanto, lançar sombra sobre tantos outros aspectos que recobrem a figura dos avós. (VITALE, 2010, p.94).

E, através do *Era uma vez*, buscamos as narrativas para compor um diálogo entre ciência e arte. Vamos ao segundo capítulo.

CAPÍTULO 2 – ERA UMA VEZ: AS NARRATIVAS, A LITERATURA E A INFÂNCIA

*Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão*

*Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão*

*E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso
Não devo
Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal*

*Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão.*

(Milton Nascimento, *Bola de meia, bola de gude*).

Articular a importância das narrativas e da literatura para a infância nos levou a histórias, símbolos e hieróglifos dos povos primitivos. A compreensão de linguagens metafóricas era primeiramente realizada pela oralidade e posteriormente com a palavra escrita, difundindo assim o modo de viver, explorar e conceber o homem e o mundo, em diferentes gerações. Portanto, através da transmissão de conhecimentos entre os povos, conhecemos seus costumes, aptidões, leis, crenças e os demais fatores que nos compõem culturalmente.

A compilação de histórias transmitidas pela via oral e depois em livros originou a literatura, que se tornou nosso objeto de estudo e reflexão sobre a transmissão psíquica entre gerações no meio cultural, por meio da arte e da ciência.

Consideramos que o homem é um sujeito histórico e, imerso em uma cultura na qual ele é ator social, ele é, também, narrador de suas histórias, transmitindo-as de geração em geração. As narrativas surgiram com o objetivo de buscar explicações para a origem da Humanidade e o lugar do homem no mundo, significando a experiência humana.

Sejam quais forem os autores, a literatura voltada para o conhecimento da Humanidade e como instrumento de comunicação nos traz uma forma artística acessível a todos os povos e línguas.

Pela correção analógica entre as invariantes do universo literário e do universo humano, compreende-se a fascinação que tais narrativas exercem sobre o espírito rudimentar do povo sobre a imaturidade da criança. Ambos se sentem projetados num plano, onde seus próprios anseios parecem se realizar; os obstáculos se aplainam, o Mal é castigado, o Bem é premiado, e a vitória dos heróis e heroínas é completa e perene. Daí o prazer interior ou a sensação de auto-realização que a literatura transmite. (COELHO, 1982, p.303).

As primeiras concepções acerca da criação do mundo são os mitos, considerados primordiais na busca de explicações sobre a origem do Homem. Na mitologia, sua versão de mundo é anterior ao pensamento religioso, com a crença da existência de forças sobrenaturais misteriosas que regem a humanidade. Preenchida por um pensamento mágico, a mitologia é habitada por deuses (e deusas) que simbolizavam o tempo, o conhecimento, a força, a fertilidade, entre outros elementos (COELHO, 2003, 1982; CAVALCANTI, 2002).

Os mitos formatados em história reuniram um modo interpretativo primeiramente difundido pelos povos primitivos como uma religião e posteriormente para os homens modernos, como modelo científico.

Ao se tornar Verbo, isto é ao ser transformado em Palavra, o mito surge como primeiro ancestral das formas narrativas: a primeira grande *forma verbal*, por intermédio da qual o homem expressou a *dualidade intrínseca* de seu ser-estar-no-mundo, condicionado pelas relações Deus/Homem;

corpo/espírito/razão/intuição; mortalidade/imortalidade. (COELHO, 2003, p.88).

Os mitos são vias primordiais e fundamentais para o desenvolvimento de concepções sobre a existência humana. Nesse sentido, compreendemos que as narrativas são parte fundamental da história do homem e de seu grupo social. Tal como diz o ditado popular “quem conta um conto, aumenta um ponto”, as narrativas abrem espaço para a imaginação, para o fantástico, para a polissemia dos fatos. Assim, o efeito e o ato de contar histórias produzem consequências em nossas emoções, povoando nosso imaginário de símbolos e significados necessários à nossa vida psíquica, social e cultural.

Em uma história, temos a composição de palavras que formam um enredo com uma finalidade específica. As experiências de povos primitivos formaram, pela transmissão oral, uma das mais antigas formas de comunicação, a qual se mantém com suas raízes preservadas.

Desde que as pinturas rupestres da Gruta de Altamira (das primeiras a serem descobertas) até as gravuras e os signos da rocha de Valcamonica, o pequeno vale dos Alpes italianos (descobertas em fins do século, mas só a partir de 1956, estudadas, sistematicamente), o que temos é um registro durável de uma *forma de ler o mundo*. Um mundo que se revela através da experiência que deseja se comunicar aos outros. (COELHO, 1982, p.4).

A literatura expressa em narrativas é uma nobre conquista da humanidade, por propiciar um encontro entre criador e criatura, imagem e reflexo de um mesmo sonho, da imaginação, daquilo que os compõe, que é a essência humana, de sorte que se tornou atemporal. “Se (a literatura) continua viva como uma obra de arte, isso se deve, entre outras coisas, ao fato de exprimir, além das condições sociais em que apareceu, uma condição humana, válida em situações muito diversas” (LEITE, 1967, p.21).

Coelho (1982) sublinha a importância das narrativas desde a época dos homens primitivos, pois seu instrumento de concretização é a palavra, expressa na linguagem, característica congênita aos seres humanos. A autora ressalta ainda o poder da palavra com a valorização da oralidade, que permite investigar e compreender de uma maneira eloquente a evolução humana, atribuindo sentido e significado à nossa história, com acesso ao mundo da arte e da cultura.

E, se, de todas as formas de expressão que o homem dispõe para dar forma à suas vivências e experiências, as da arte estão em primeiro plano, não há dúvida de que, entre as artes, a Literatura é das mais eloquentes, devido à amplitude de seus recursos expressivos. Ela não só pode dar perenidade ao gesto ou arte fugaz de se viver, como principalmente se concretiza em uma matéria formal que corresponde àquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal: a palavra, a linguagem criadora. (COELHO, 1982, p.4).

Uma concordância existente em diferentes civilizações é a busca de explicações sobre a vida e o lugar do homem em seu meio, de maneira que – como já se frisou – uma das mais antigas formas de se contar histórias que retratam sobre a existência humana são os mitos. Estes, através de lendas, parábolas, apólogos ou símbolos arquetípos, são importantes elementos que podem nos apontar as fronteiras entre o consciente e o inconsciente. Eles falam da experiência humana por meio de seres sobrenaturais, envolvendo magia, misticismo e religião. Suas histórias remetem ao início da vida, com a criação do mundo, dos deuses e seus poderes misteriosos.

Portanto, as narrativas fascinam crianças, adultos e idosos pela possibilidade de identificação e resolução de conflitos formadores da nossa subjetividade. Os valores culturais vigentes ditam comportamentos sociais e mentais, ou seja, a vida psíquica será reflexo dos valores culturais que se vivem.

Partindo de um dado básico de que é através de sua consciência cultural que os seres humanos se desenvolvem de maneira integral, é fácil compreendermos a importância do papel que a Literatura pode desempenhar para os seres em formação. É ela, dentre as diferentes manifestações da Arte, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de dar forma e de divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização. (COELHO, 1982, p.3).

Um encontro possível a ser realizado, no presente capítulo, é entre a infância e os avós, por intermédio da literatura, porque ela assume a valorização da transmissão simbólica. Ao percorrermos a história cultural da civilização, temos a literatura (falada e escrita) como veículo transmissor entre as gerações de valores herdados e transmitidos – do sábio ao infante.

Na busca de uma literatura direcionada às crianças, encontramos a necessidade de refletir sobre o conceito de infância e as histórias destinadas às crianças, situando-os no estrato histórico. Os primeiros contos não foram destinados às crianças, mesmo porque elas ainda não eram vistas como objeto de cuidado especial, tal como nos dias de hoje. Adultos em miniaturas, como refere Ariès (1981), eram pequenos abandonados. O autor, pioneiro de um vasto campo de pesquisa, historiografou o mundo infantil, em 1973, ao relacionar as transformações familiares e sobre a construção de um sentimento de infância na Europa, passando desde a família medieval até a família moderna.

É interessante que esses contos tenham sido relegados à infância, já que na sua origem não serviam a uma parcela restrita de pessoas, eles nasceram para todos. Durante séculos, faziam parte de momentos coletivos, em que um bom contador de histórias emocionava sua plateia, incluindo gente de todas as idades. (CORSO; CORSO, 2006, p.25).

Na sociedade pré-moderna, crianças e adultos compartilhavam o mesmo trabalho e a mesma realidade promíscua, uma realidade brutal, nua e crua. A infância era um período curto, indiferente à família e à sociedade. Com a modernidade (que data da primeira metade do século XX), a criança passou a ter um olhar especial do mundo adulto, surgindo então um sentimento de infância, com noções de continência, amparo, cuidado à imaturidade física e mental dos pequenos (ARIÈS, 1981).

A infância passa a ser retratada por sua especificidade e ganha moldura com o setor econômico, que visava a uma lucrativa mão de obra. Discursos médicos, higienistas e pedagógicos convocavam os pais à função educativa. Educação, diga-se de passagem, descrita enquanto normativa (ARIÈS, 1981).

Em sua longa pesquisa sobre a emergência do sentimento de infância, Ariès (1981) encontrou, em cartas trocadas entre senhoras ricas, diversas mensagens que descreviam longamente seus encantamentos com filhos pequenos e netos. A valorização infantil ganha *status* e prestígio social. A noção sobre um período de inocência infantil se firmou pela primeira vez com o Iluminismo do século XVIII.

Somente no final do século XVIII é que encontramos uma literatura destinada às crianças, com sua maneira particular de funcionamento e organização psíquica e a implementação de práticas educativas específicas.

As famílias foram organizadas segundo o modelo burguês. A privacidade familiar é composta por pais e filhos, restringindo seus lares ao uso doméstico; o trabalho ganha novos espaços específicos, de modo que as experiências infantis são baseadas principalmente em sua convivência familiar.

Nesse período de mudanças, com o êxodo rural e o crescimento das fábricas e das cidades, o domínio burguês precisava se firmar e, para tanto, a família e a escola transformaram-se em alvos para propagação de sua ideologia (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Na escola (institucionalizada) foi possível comprovar a solidificação burguesa com a atividade compulsória de crianças, tornando-se reduto de poder e controle ideológico. Contudo, a escola foi idealizada como o *status quo* de produção de conhecimento e por isso tinha seu valor (CAVALCANTI, 2002).

As mudanças sociais que envolveram a infância foram entornadas pela família e escola, as quais também elevaram seu reconhecimento de um sujeito protegido por leis e uma literatura especializada para essa fase específica de desenvolvimento.

Os contos folclóricos tradicionais passam igualmente por transformações, durante o século XIX (mais especificamente no final do século), conectando o universo infantil aos contos maravilhosos e adentrando nas fantasias como componente de sua formação psíquica e resolução de conflitos.

Bettelheim (2007) aponta que, apesar das mudanças, os contos permanecem imortais. Conforme o autor, essas histórias não envelhecem, porque falam a todas as idades, atingindo todos os níveis da personalidade e abordando conteúdos manifestos e latentes. Nas palavras do autor:

Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, essas histórias falam ao ego que desabrocha e encorajam o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que aliviam as tensões pré-conscientes e inconscientes. (BETTELHEIM, 2007, p.14).

Assim, a literatura possui um caráter universal e um individual. De acordo com a sensibilidade de cada leitor, ou pequeno leitor, a imaginação é capaz de constituir e transformar o mundo, seus conflitos e possibilidades, dando assim um colorido subjetivo.

A terminologia dos contos tem duas versões: pode ser descrita como contos de fadas ou contos maravilhosos. Seja qual for a denominação dada, o conto deve oferecer

ao leitor a possibilidade do impossível, de ser um mediador entre a fantasia e a realidade, seja através de heróis e mocinhas, seja de perversos gigantes e menores malvados (COELHO, 1982).

Ao maravilhoso cabe o sentido do extraordinário, alcançando toda a extensão de uma imaginação, não carecendo de explicações. Segundo Corso e Corso (2006), foi Vladimir Propp que o batizou de conto maravilhoso. “Contos de fadas não precisam ter fadas, mas devem ter algum elemento extraordinário, surpreendente, encantador. Maravilhoso provém do latim *mirabilis*, que significa admirável, espantoso, singular” (CORSO; CORSO, 2006, p.27).

Os contos de fadas também se assemelham aos mitos. Ambos são geradores de sentidos e, por mais que a história nos pareça sem sentido, a linguagem metaforizada realiza uma conexão imediata com pensamentos. Como cada um tem a sua interpretação conforme sua história pessoal, as interpretações são feitas por caleidoscópio, como afirmam Corso e Corso (2006).

Portanto, o “maravilhoso” sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhe proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente ou pré-consciente e, ali atuando, ajudam-nas a, pouco a pouco, resolverem seus conflitos interiores normais. (COELHO, 1982, p.33).

Contos clássicos, além do caráter fantasioso, retratam ainda a realidade social vivenciada e, portanto, consistem em um importante representante da arte literária e uma fonte de busca de como o homem narrou sua história e a transmitiu, entre os povos, formando assim uma base cultural das civilizações.

Em acréscimo, a literatura é uma forma de adultos e crianças adentrarem no mundo artístico e cultural. A cultura, assim como a concebemos, é primordial na constituição do indivíduo, de sorte que a literatura é um meio eficaz de difusão dos valores culturais que regem uma sociedade e/ou uma civilização, atingindo facilmente com seu caráter maravilhoso a infância, constituindo-se um componente de formação de consciência cultural que permitirá um desenvolvimento integral.

Dessa maneira, destacamos a importância do acesso da infância à literatura infantil. Através da leitura de uma história ou de ouvir uma história contada, a criança ganha recursos para formar uma conscientização sobre si mesma, resolvendo dúvidas,

enfrentando medos e construindo um modo de participação e atuação em seu meio, pois a história não acaba quando chega ao fim: a criança carrega consigo elementos da história, em sua subjetividade.

Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. Ainda mal acordada para a realidade da vida, é por essa ponte de sonho que a criança caminha tonta do nascimento, na paisagem do seu próprio mistério. Essa pedagogia secular explica-lhe, de forma poética, fluida, com as incertezas tão sugestivas do empirismo, o ambiente que a rodeia - seus habitantes, seu comportamento, sua auréola. (MEIRELES, 1984, p.83).

Por conseguinte, uma literatura que se destina à infância foi investigada por nós, e lançamos um convite ao leitor para que nos acompanhe na nossa narrativa sobre a literatura infantil, sua origem e principais representantes.

2.1 Terra à vista: a criança, os avós e as nossas histórias.

Buscamos traçar um histórico da Literatura Infantil, que tem seu início no século XVIII, na França, percorrendo para isso uma longa história, que, apesar de longa, resiste e mantém a importância do livro como expressão artística, como declara Cecília Meireles (1984):

O certo, porém, é que os livros que têm resistido ao tempo, seja na Literatura Infantil, seja na Literatura Geral são os que possuem uma essência de verdade capaz de satisfazer à inquietação humana, por mais que os séculos passem. São também os que possuem qualidades de estilo irresistíveis cativando o leitor da primeira à última página, ainda quando nada lhe transmitam de urgente ou essencial. De qualquer forma, o milagre fundamental está nas mãos do autor. (MEIRELES, 1984, p. 117).

Das origens à atualidade, recortamos fatos históricos para apresentar os passos traçados pela literatura ocidental influenciada por autores gregos, romanos, orientais, bíblicos e principalmente europeus.

Acredita-se que a literatura tenha sido gestada pela cultura oriental, narrada pela tradição oral séculos antes de Cristo, mas chegar a um consenso com relação a um assunto tão complexo é entrar em um labirinto sem saída. Seja onde for que a literatura tenha surgido, um consenso confirmado pela história é o poder da palavra reproduzida em pedras, lascas, pergaminhos e preciosos livros. Sua ancestralidade é comprovada

pela interpretação de ideogramas que lhe conferem um caráter mágico (COELHO, 1982; 2003.).

As primeiras manifestações literárias na Europa, especificamente na França, na segunda metade do século XVIII, surgem expressando uma preocupação com a nascente categoria social – a infância. Dados apontados por Coelho (1982; 2003) e Lajolo e Zilberman (2007) relacionam obras e autores pioneiros da literatura infantil, tais como: *As fábulas de La Fontaine* (1668); *Os contos da mãe gansa*, de Charles Perrault (1691/1697) e os *Contos de Andersen* (1696/1699).

A literatura, com base na fantasia e na imaginação, “nasce” em um ambiente social contraditório, pois a sociedade francesa atravessava um período de valorização racional, apoiado pelo discurso de Descartes, onde a razão era a via que possibilitava encontrar a verdade. Nesse momento conflitivo vivido nas terras europeias (entendidas como um celeiro de um mundo civilizado), nasce do Realismo e Idealismo, de maneira genial, *El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616).

Pretendendo parodiar novelas de cavalaria (nascidas 500 anos antes e então já em total decadência criadora, mas ainda no gosto do público), Cervantes escreve uma das obras mais famosas em todo o mundo em todos os tempos. Ao satirizar, ponto por ponto, os valores, temas, atitudes, personagens e convenções literárias que caracterizam as novelas de cavalaria em seu apogeu, Cervantes acabou por traçar um dos quadros mais pungentes e significativos da falência humana, ao tornar evidente a terrível distância que vai da grandeza do ideal sonhado à estreitez ou mesquinhez da realidade alcançada. (COELHO, 1982, p.228).

Cervantes torna-se um expoente, ao retratar de maneira simbólica a realidade em seus polos externo e interno, com uma riqueza metafórica que permite ao leitor uma gama de identificações e possíveis interpretações, sendo, nas palavras de Coelho (1982, p. 229), “[...] impossível determinar a extensão ou profundidade de sua influência”.

A partir dessa breve explanação sobre as primeiras manifestações literárias, podemos perceber um campo de tensão na literatura, em função de uma de suas características principais, que consistia em ser “maravilhosa”, justamente em um período em que a Razão era extremamente valorizada.

Além de Cervantes, outro autor bastante significativo da época e ainda muito lido em todo o mundo, que também teve a Europa como palco de suas obras, foi Jean de La Fontaine (1621-1692), considerado por muitos como um escritor que produziu

fábulas “imortais”. La Fontaine (1621-1692) redigia fábulas sem versos, fruto de um pensamento poético elevado. Suas fontes inspiradoras provinham de gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares, narrativas medievais e renascentistas e em várias outras leituras que desafiavam sua curiosidade. Quer dizer, sua obra continha uma verdadeira miscigenação literária. Por isso, sua obra se fez atemporal, pela simbologia de suas histórias que possibilitam serem compreendidas por diferentes públicos, em diferentes épocas. “As fábulas de La Fontaine são verdadeiros textos cifrados que denunciavam misérias, desequilíbrios ou injustiças de sua época” (COELHO, 1982, p.232).

Outro importante autor da época, Charles Perrault, ícone da literatura infantil, encontrou no início de sua vida de escritor difíceis obstáculos. Apesar de sua inestimável contribuição ao mundo literário, foi considerado um autor popular, termo utilizado para denominar o desmerecimento social. Nesse momento, o sentimento de infância começava a despertar. Em 1697, Perrault fascina o público com *Os contos da mãe gansa*, que continham oito histórias captadas da memória popular. Sua intenção inicial não estava voltada ao público infantil, mas era propagar a tradição europeia em detrimento das raízes gregas e romanas.

Os contos de fada entram em cena através da jovem baronesa Marie D’Aulnoy, em 1690, que inicialmente escreve um romance (*Historia de Hipóleto*) e um diário de viagem (*Memórias da Corte da Espanha e Relação da Viagem à Espanha*) e, finalmente, entre 1696 a 1698, adentra no universo das fadas. A autora representa, ainda, a incursão feminina na cena literária. Sua produção bibliográfica foi veementemente influenciada pela eclosão da Revolução Francesa, em 1789, que gerou uma “nova Razão” ainda mais normativa e inverossímil (COELHO, 1982).

No período pós-revolução, a literatura é influenciada pela Pedagogia, ao incorporar temas educativos, como no caso da novela pedagógica *As aventuras de Telêmaco* (1695/1699), de autoria de Fénelon, que produziu *As aventuras* em dezoito volumes, consistindo em um tratado moralista para preparar os descendentes dos duques.

O valor das aventuras de Telêmaco como obra para a juventude está basicamente em seu núcleo problemático: o da busca do pai, ou melhor, o da procura das origens, que permitem ser, conhecer-se, ou compreender-se melhor. Acrescente-se a essa situação existencial as relações estabelecidas entre o jovem e o adulto que orienta, acompanha e aconselha verdadeira

imagem da situação educativa que deve fazer parte do crescimento e de formação de indivíduo. (COELHO, 1982, p.249).

Como o cenário político-social europeu estava tenso com as consequências da Revolução Francesa, a produção cultural portuguesa manteve-se em silêncio, mas não improdutiva. A educação portuguesa havia sido entregue aos jesuítas, com o predomínio do ensino religioso. Segundo Coelho (1982, p. 250), “[o] que se vê praticamente como regra geral é que todas as manifestações literárias desses séculos formadores da literatura ocidental surgem impulsionadas por uma intenção didática, moralizante ou educadora”.

Outros representantes da literatura infantil são os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), mais conhecidos como os Irmãos Grimm, os quais também compilaram histórias das memórias coletivas. Suas obras conhecidas mundialmente se mantêm vivas na memória de geração em geração. Os autores eram respeitados filólogos, folcloristas e estudavam mitologia grega e direito alemão.

A coletânea dos Irmãos Grimm é reconhecida como Literatura Clássica Infantil; dentre suas obras, estão: *A Bela Adormecida*, *A Bela e a Fera*, *Branca de Neve*, *O Ganso de Ouro*, *Os Sete Corvos*, *O pequeno Polegar* e muitos outros. Suas narrativas consolidavam o Romantismo da época, que, na perspectiva de Coelho (1982), “[...] trouxe para o mundo um inegável sentido humanitário que vai ter suas consequências na renovação da arte, da literatura e dos costumes” (COELHO, 1982, p.293).

Os irmãos Grimm atentaram às especificidades infantis, conectando-se com a infância através de elementos dos contos maravilhosos, com a linguagem da imaginação e da fantasia. Para Coelho (1982), com os irmãos Grimm, a Literatura obteve sua consolidação e expansão.

Representante célebre da literatura infantil, Hans Christian Andersen (1805-1875) é um escritor que também está inserido nessa temática. Poeta e romancista, nascido na Dinamarca, viveu um momento social de patriotismo e culto à ancestralidade (COELHO, 1982). Sua obra é reconhecida pela sensibilidade e nostalgia permitida pela Era de Ouro do Romantismo, pela sua fé religiosa e por suas ações de generosidade.

Alguns títulos desse autor são os conhecidos *O Patinho Feio*, *Os sapatinhos Vermelhos*, *O Soldadinho de Chumbo*, *O Rouxinol e o Imperador da China*, *A Roupa Nova do Imperador*, *João e Maria*. Andersen manifestava seu lado de ativista social

sugerindo em suas obras a luta e a resignação diante de injustiças, com a defesa de direitos do indivíduo em detrimento dos direitos sociais, do incentivo à fraternidade, além de preconizar os valores relativos às mulheres.

Como podemos observar, entre os séculos XVIII e XIX, encontramos uma produção literária extensa. A literatura fruto de seu contexto social, foi marcada pela Revolução Francesa (1789/1799) idealizada e praticada por ideais burgueses, os quais influenciaram a sociedade em todos seus campos. Em nome da razão, as obras que induziam à imaginação foram muito criticadas. Mas, ao lançarem seus ideais de Igualdade, Fraternidade e Liberdade, levaram os jovens a uma grande busca pelo conhecimento (COELHO, 1982).

O movimento social europeu (1968) elevou a leitura como comportamento social e suas consequências adentraram no século XX. O desenvolvimento político, econômico e tecnológico propiciou uma explosão de editoras. Livros eram vendidos a preços baixos em estações, havendo uma exploração da literatura. Nos anos 1970, a classificação etária é alterada, devido a interesses mercadológicos. Temas destinados a adultos, como “sexo, drogas e rock and roll”, foram destinados ao público jovem (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

O desenvolvimento científico de várias áreas do conhecimento, em especial com a Pediatria e a Psicologia, impulsionou a indústria literária. Famílias e educadores, ao desenvolver as potencialidades de bebês, crianças e jovens, recorreram cada vez mais aos livros e suas histórias. O livro ganha também um caráter lúdico, similar ao brinquedo.

O reconhecimento da capacidade infantil de compreender e analisar as ilustrações da história produz uma valorização das imagens empregadas nos livros. As histórias em quadrinhos baseados em mangás japoneses entram igualmente em circulação (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007; COELHO, 1982).

Portanto, o acervo literário infantil foi iniciado no continente europeu, concomitantemente ao reconhecimento da infância, e revelou para o mundo autores e obras imortalizadas de geração em geração, influenciando, assim, a literatura mundial e brasileira.

Após essa breve viagem histórica em busca das origens do “Era uma vez”, no continente europeu, desembarcamos no Brasil. Como dito, nosso país não possuía

identidade própria, porque ainda era explorado pelo reinado português, no período de colonização.

O contexto histórico e social francês vivia em plena ascensão. O progresso político impulsionou o progresso cultural. O Brasil, nesse mesmo período, vivia ainda sob o jugo da colonização portuguesa, mas também recebia em seu território diferentes nacionalidades, miscigenando tupiniquins, holandeses, suíços, africanos e se tornando, mais tarde, uma preciosa heterogeneidade.

Os colonizadores trouxeram em suas caravelas suas memórias da literatura europeia e transmitiram, entre os tupiniquins, histórias de cavalaria, romances e aventuras.

A escassez da literatura infantil brasileira suscitou a organização de programas de nacionalização da literatura, com a tradução das obras de Perrault, Grimm e Andersen, realizada por Fernando Pimentel, em sua coleção *Biblioteca Infantil Brasileira*.

O Brasil passa por importantes transformações políticas e econômicas, na segunda metade do século XIX, com a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Com o término do período monárquico, a Era das Máquinas tem seu início, com a Revolução Industrial brasileira, de modo que as relações homem-máquina e capital e trabalho imperam. As mudanças foram lentas e profundas e ainda colhemos suas consequências.

A literatura brasileira está intrinsecamente vinculada à Pedagogia, que, por sua vez, era influenciada por uma nova classe média, a qual atribuía valores às atividades intelectuais. A educação brasileira, nos fins do século XIX, era realizada através de cartilhas, gramáticas e livros textuais. A leitura, mesmo nos moldes da cartilha, começa nos bancos escolares.

Herdeiros do ideal europeu, os brasileiros careceram de bibliografias nacionais, porque as que estavam disponíveis eram traduções portuguesas que não condiziam com a realidade. Somente na terceira metade do século XX, temos uma literatura voltada para o público infanto-juvenil com Monteiro Lobato, uma vida e uma obra que representam um marco na Literatura Brasileira.

O autor, com sua autodescrição, assim nos conta sobre sua vida e obra: “Quando olho para trás fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que

minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser” (LOBATO, 1928, in COELHO, 1982, p.354).

À procura de si e de uma linguagem que representasse a literatura brasileira, José Bento Marcondes Monteiro Lobato (1882-1948) deu asas ao potencial criativo. Desde a adolescência, transitava pelo mundo das letras, escrevendo crônicas e artigos para jornais do interior paulista, até chegar à imprensa paulistana. Sua obra literária foi publicada em 1918, com *Urupês*, que reunia contos nacionalistas, atingindo o sucesso com *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921.

Seu sucesso imediato entre os pequenos leitores decorreu, sem dúvida, de um primeiro e decisivo fator: a realidade comum e familiar à criança, em seu cotidiano, é subitamente penetrada pelo maravilhoso ou pelo mágico com a mais absoluta verossimilhança ou naturalidade. (COELHO, 1982, p.356).

Seus personagens principais viviam em um sítio mágico, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, e encantavam, na época, principalmente crianças entre 9 e 10 anos, caracterizando sua obra como infanto-juvenil. O sítio representava um grande centro desenvolvido, apesar de suas bases rurais, por isso, diz-se que Monteiro Lobato une suas raízes nacionalistas com a modernização mundial.

Lobato, através de conceitos cristalizados pela cultura popular, redescobriu vivências por meio de grandes aventuras, trazendo às crianças a possibilidade de fazer questionamentos e descobertas.

Lobato ficou a meio do caminho: entre a visão naturalista/positivista de sua formação; a visão socialista que se impunha com as transformações político-econômicas e a visão espiritualista que assume no final da vida, como bom brasileiro que foi. (COELHO, 1982, p.357).

Nossa afeição a Monteiro Lobato, neste trabalho, se intensifica ao falarmos de Dona Benta, uma senhora avó, sabida e simpática, que retratava a velhice com sabedoria. Sua cultura era invejável, está sempre atenta ao que se passava no mundo inteiro e tinha uma visão visionária do desenvolvimento. A obra lobatiana possui uma linguagem simples, com imediato entendimento e identificação, ao juntar elementos maravilhosos em uma realidade possível. Com suas aventuras bem-humoradas, arriscamo-nos a sustentar que sua produção foi fruto de muitos sonhos e elaborações.

A evolução da arte lobatiana, ao lançar novas edições de suas histórias, vai abandonando pouco a pouco o pensamento racional e integrando o maravilhoso até não haver limites: o real torna-se mágico. O autor preocupava-se em formar uma nação de leitores.

Em 1934, publica a versão definitiva das *Reinações de Narizinho*, que focaliza a organização e a função familiar do Sítio. Lá moram Dona Benta (a avó), Narizinho (a neta órfã), Tia Anastácia (a empregada), Emília (boneca de pano transformada em menina) e Pedrinho (também neto de Dona Benta).

A avó, nosso objeto de estudo, é descrita na primeira versão de *A menina do nariz arrebitado*, em 1921, como uma “[...] triste velha, trêmula com mais de 70 anos, com óculos na ponta do nariz e uma exímia costureira”. Já na segunda edição, de 1931, em *Reinações de Narizinho*, a avó passa a ser descrita como uma sábia senhora com mais de sessenta anos que avista de sua varanda sua felicidade, com o convívio de sua neta Narizinho, e que se orgulha de aprender com os mais jovens (MARÇOLLA, 2005).

Dona Benta, em sua cadeira, é uma contadora de histórias; é seu personagem que faz a ponte entre o real e o imaginário, sempre tendo um livro a seu alcance. “Consegue unir o livro, uma leitura solitária à arte de contar histórias, uma socialização das emoções” (MARÇOLLA, 2005, p.5).

O aperfeiçoamento na escrita de Lobato não só vincula o elemento estético da arte, mas também vislumbra um novo papel para a velhice e para a infância, por intermédio de Dona Benta e Narizinho. Infância e velhice se integram em novo projeto de vida.

A criança, por natureza, precisa crescer para cumprir seu ciclo vital e cultural. E para isso precisa de um projeto de vida em que se engaje e no qual aplique, de maneira dinâmica e harmoniosa com o todo, toda a potencialidade de suas energias vitais. Monteiro Lobato deu-lhe (e ainda lha dá...) um projeto cultural, mostrando o valor essencial da Literatura e abrindo à sua frente o mundo maravilhoso da Cultura. (COELHO, 1982, p.375).

Na década de 1930, a literatura retoma o folclore brasileiro. Monteiro Lobato escreve as narrativas *Histórias de Tia Anastácia*. O sítio também se transforma em escola, uma maneira de o autor criticar o modelo educacional. A escola comandada por Dona Benta tinha alunos dóceis e aplicados, que sempre problematizam os temas

estudados. Lobato, dessa maneira, introduz a ideia de um ensino baseado no exercício do pensamento, através do diálogo e do desejo entre ensinar e aprender (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Monteiro Lobato lança, ainda, *História do mundo para crianças*, em 1933. Sua versão de mundo contraria ideologismos religiosos e políticos, contribuindo ainda, nesta última área, para uma educação de amplo sentido com a formação política.

“Sítio do Pica-Pau Amarelo” também ganhou sua versão audiovisual: como os fins justificam os meios, além de propagar ainda mais sua obra, havia a possibilidade de ter uma maior lucratividade. Assim, atingiria um número maior de crianças e jovens que poderiam se preparar para as adversidades, com as aventuras de seus personagens (MARÇOLLA, 2005).

A primeira edição do Sítio na televisão foi lançada em 3 de junho de 1952, em sua primeira adaptação na TV Tupi, saindo em 2001 sua reedição (MARÇOLLA, 2005). Mesmo acompanhando a evolução da engenharia televisiva com figurinos, cenários e recursos audiovisuais, o Sítio do Pica-pau Amarelo mantém a essência da tradição oral, garantindo seu sucesso também na televisão, de maneira a ser imortalizado com imagens, cores e sons.

Como a linguagem de Lobato já tinha elementos artísticos, a obra pôde ser replicada com a produção televisiva, proporcionando a disseminação das narrativas, em forma de obra literária. Os episódios são os representantes dos livros, uma nova maneira na transmissão de conhecimento.

Ainda segundo Marçolla (2005), Monteiro Lobato transportou suas próprias lembranças da infância, da fazenda de seu avô para o Sítio, que é um componente metafórico de sua aspiração sobre o mundo.

A sociedade brasileira e a literatura “pós-lobato” experimentam importantes mudanças. Mais precisamente na década de 1940, o Brasil vivia um importante momento político, denominado Era Vargas (governo liderado por Getúlio Vargas,). Em 1955, o país ganha um novo presidente, Juscelino Kubistchek, e, em 1960, inicia o governo de Janio Quadros, caracterizado pelo processo de industrialização e modernização da sociedade, contudo, a realidade presente nas obras literárias, em oposição, retratava o bucolismo rural.

Nos anos 1960, nascem as instituições de apoio, valorização e discussão da literatura infantil, tais como as Fundações do Livro Escolar, em 1966; a Fundação Nacional do Livro Infantil, em 1973, e a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, em 1979 (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Nessa década, o país é regido pela ditadura militar. A literatura e a cultura ganham uma nova safra de autores, que presenteiam seus leitores, ao lançarem produções em massa. Alguns que começaram a produzir nessa década ainda se dedicam à literatura, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Bartolomeu Gomes de Queiroz, João Carlos Marinho e Ziraldo, autor que terá maior destaque no quarto e último capítulo deste trabalho.

As obras também denunciam (algumas de forma velada) os impasses vividos no país, resgatando a obra lobatiana. Em acréscimo, narram importantes mudanças nas famílias, como o divórcio relatado em *O dia de ver meu pai*, de Vivina de Assis Viana, em 1970.

A produção cultural infantil em larga escala obteve incentivo do governo, devido ao baixo índice de leitores e condizente ao processo de modernização gráfica, que estimulou o modernismo cultural (COELHO, 1982).

Dos anos 1970 à atualidade, há na produção literária uma preocupação com o público a que se destina. Constituído de pequenos, porém exigentes, o público infanto-juvenil precocemente reconhece qual história pode ou não significar seus mundos.

O acervo literário brasileiro é rico e abrangente. Nosso país foi colonizado por Portugal, mas se estabeleceu como uma zona franca, ao abrigar diferentes nacionalidades. A miscigenação formada por diferentes povos nos unificou enquanto brasileiros “multiculturais”. Neste espaço, restringimo-nos a exemplificar a produção brasileira com Monteiro Lobato, com a intenção de demonstrar que a produção literária de um país é influenciada pelo contexto histórico de uma época e se corporifica em cada época um estilo literário.

Entretanto, o reconhecimento de um país através de sua cultura se dá primeiramente na família, onde se formam os pequenos leitores. Corso e Corso (2006) consideram que a herança cultural deixada aos pequenos, pelo processo simbólico, possui um valor inestimável.

Cavalcanti (2002), abordando igualmente a formação dos pequenos leitores, entende que a criança se encanta primeiramente pelas histórias contadas por mediadores, como pais, avós, cuidadores e educadores. Uma criança que cresce com acesso ao universo literário possui uma grande percepção de si e do mundo, maior capacidade de interpretação de suas experiências, resultando em um adulto mais crítico e criativo (CAVALCANTI, 2002).

A literatura propicia à infância mais uma oportunidade de descoberta, como uma lente de aumento na captação de suas necessidades, medos e interesses, contribuindo fortemente na sua formação psíquica.

A universalidade de certos temas ou contos, presentes entre raças tão distantes [...] é uma prova que existe (ou existiu) um fundo comum a que pertencemos todos e do qual perdemos consciência há muito. Permanecem no mistério as circunstâncias que levaram tais contos e narrativas de um ponto ao outro do globo, em tempos tão recuados, em que era tão difícil vencer as distâncias... daí a importância étnica e psicológicas desses contos tão tradicionais, como documentos incontestes de um período que a comunicação entre os homens se fazia predominantemente por meio emocional. (COELHO, 1982, p.245).

Desse modo, a família é primordial na formação do leitor. Na vivência familiar, valores e costumes são transmitidos de geração em geração, de sorte que as histórias advindas do maravilhoso também narram características de suas próprias histórias e, por isso, quando uma história começa, podemos sonhar e tirar os pés do chão.

A literatura serviu ainda como instrumento para o exercício da Psicanálise. Seu criador, Sigmund Freud (1856-1939), era apreciador da arte e representou em sua ciência diferentes manifestações artísticas, associando o que foi vivido ao que foi narrado e sentido. Interessados em conhecer como a Psicanálise se vale da Literatura, convidamos para acompanhar-nos no terceiro capítulo.

CAPÍTULO 3 - PSICANÁLISE E LITERATURA: ENCONTRO DE DIFERENTES TEMPOS VERBAIS

A metamorfose da lagarta em borboleta pode demorar o inverno, e este é um tempo de maturação e espera. Assim como a mãe, que espera seu filho embala em sua gestação sonhos, sons, fantasias e medos. O processo de desenvolvimento humano obedece a alguns tempos, havendo tempo para perceber-se dependente e tempo para buscar independência.

Quando nos propomos dialogar sobre os avós, somos marcados pela dimensão temporal. Apesar de os avós trazerem a conotação de velhice, cada um de nós recorre a adjetivos e lembranças específicas para se aproximar do tema. Interessante notar que todos nós temos avós e carregamos conosco traços de sua geração e, mesmo assim, esse tema pode sofrer várias metamorfoses, vários sentidos, pois a história humana é dotada de uma pluralidade de manifestações artísticas, mitológicas, científicas e outras, que contribuem para acrescentar significações diversas para a velhice e para a avosidade.

Escolhemos a Literatura, em sua pluralidade, como manifestação artística para falar por nós e conosco sobre o relacionamento entre gerações, através de seu parâmetro conceitual que é a compreensão do homem e a importância da linguagem simbólica das narrativas literárias. Para nos acompanhar nessa jornada, diante de tantas possibilidades, buscamos a Psicanálise como teoria científica, por conter em seu entorno a dimensão metafórica (ou simbólica) entre gerações como elementos passíveis de interpretação acerca do homem e seu desenvolvimento psíquico.

Conjugar Psicanálise e Literatura levou-nos a diferentes tempos verbais. Presente, passado e futuro se tornam solúveis com a concepção psicanalítica da atemporalidade do inconsciente. Na Psicanálise, a vida mental é regida por uma dinâmica entre o consciente e o inconsciente, entre organismo e ambiente. Nesse sentido, no desenvolvimento da personalidade, a infância e a vida adulta são influenciadas uma pela outra. Ou seja, encontramos no adulto marcas da infância.

Leite (1967), ao relacionar Psicologia e Literatura, assim compreendeu a significação da Psicanálise entre os indivíduos (ou entre gerações):

Todavia, para compreender a significação da psicanálise, será necessário [...] à ideia de desenvolvimento da criança e a pertinência, na vida mental e no comportamento do adulto, de sentimentos ou acontecimentos infantis [...] e de outro lado, todos os indivíduos passam pelas mesmas fases de desenvolvimento afetivo, [...] o adulto pode continuar fixado em determinado conflito infantil e o comportamento do adulto deve ser compreendido através de comportamentos infantis. (LEITE, 1967, p. 26).

Desse modo, a significação entre a dinâmica do que é consciente e o que é inconsciente manifesta-se nos conflitos emocionais e resultam na expressão de atos simbólicos produzidos pela mente. Leite (1967) argumenta que Freud, em sua teoria, reconhece que a vida intelectual e a vida emocional mantêm uma sintonia contínua e que o autor, em diversas obras, primou pela produção cultural como possibilidade de análise do inconsciente.

Buscando a compreensão dos conflitos internos e, por consequência, a essência humana do saber sobre si, Freud reúne uma ciência com teoria e metodologia que se apropriam da literatura como recurso às suas descobertas.

Uma vez de posse de esquema fundamental e do método (associação livre) capaz de atingir o conteúdo do inconsciente, Freud aplica a teoria não só à explicação e tratamento das neuroses, mas também à explicação do indivíduo normal, da vida social e das criações artísticas. Neste sentido, a psicanálise é não apenas uma teoria psicológica, mas uma interpretação do homem. (LEITE, 1967, p. 24).

Por meio do método de autoanálise, Freud (1939) comprova a importância cultural na formação psíquica e recorre a grandes representantes da arte e da cultura:

Em suma: os textos estão salpicados de exemplos em que a referência à cultura funciona como legitimadora, e isso tem dois sentidos: primeiro legitimadora para o próprio Freud. Dado o valor elevado que ele concede à cultura que absorveu, pode se referir a Shakespeare, Sófocles, Goethe, Leonardo da Vinci, Michelangelo significa que está no caminho certo, porque esses grandes homens, cada um a sua maneira, também criaram obras que manifestam os mesmos processos mentais de que ele está falando. (MEZAN, 2002, p.348).

Desse modo, observamos que os textos freudianos se servem das produções artísticas, dentre elas, a literatura. Hashimoto e Teixeira (2007) reuniram os principais estudos psicanalíticos para relacionar Psicanálise e Literatura, destacando as obras:

Leonardo da Vinci e um sonho de infância (1910); *Dostoiévski e o parricídio* (1988); *O estranho* (1919); *Delírios e sonhos na Gradiva de Jesen* (1907). Os autores atentam, ainda, para a formação intelectual de Freud, que pôde ter acesso à cultura e assim fazer uso da mesma.

Baseados nas leituras psicanalíticas, Teixeira e Hashimoto (2007) concluem que a literatura representa uma função mental:

Representando essa função da mente, o texto literário nos apresenta imagens e metáforas geradas pela mente do escritor e os significados que foram conferidos a diversas experiências emocionais por ele vividas e observadas. A literatura versa sobre o indizível, sobre as experiências emocionais e sua forma de significação. (HASHIMOTO; TEIXEIRA, 2007, p.171).

Freud (1914), se autodescreve como um leitor e apreciador leigo das artes, mas que elas o fascinavam pela possibilidade de tocá-lo de maneira incompreensível no nível racional e por serem passíveis de diferentes interpretações. Abaixo, apresentamos sua autodescrição de maneira sucinta:

As obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos, frequência, a pintura. Isto já me levou a passar um longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las á minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve o seu efeito [...] Uma inclinação psíquica em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber por que sou assim afetado e o que é que me afeta. (FREUD, 1914, p.249).

Nesse sentido, Freud pontua ainda que, para ser considerada arte, uma obra deve comportar múltiplas interpretações, assim como nos sonhos. Por conseguinte, através do processo de interpretação da Psicanálise, é possível o estudo e a interpretação literária.

Os sonhos, símbolos da atividade psíquica, foram amplamente estudados por Freud. Os sonhos, assim como a arte, traziam conteúdos universais, de sorte que esse foi um dos primeiros elementos interpretativos de sua teoria, discutidos em 1900, na *Interpretação dos Sonhos*: “Interpretar um sonho implica atribuir a ele um ‘sentido’” (FREUD, 1900, p.119).

Segundo Sampaio (2005), a atribuição de sentidos é necessária em sonhos, na literatura e na vida: “A interpretação é, neste sentido, o ato pelo qual o sujeito apropria-

se de uma determinada experiência, esclarece-a, ou a torna subjetiva, pensável, passível de digestão ou tradução” (SAMPAIO, 2005, p.167).

As interpretações míticas da constituição do sujeito, realizadas por Freud, propiciaram o alcance da pedra angular de sua teoria: o complexo de Édipo, que se tornou por excelência uma forma de interpretar o indivíduo e a sociedade, a partir da infância.

A literatura, como expressão da nossa herança cultural, apresenta, na narrativa dos mitos coletivos e das estórias universais, as formas – e, portanto as interpretações primeiras- pelas quais a Humanidade representa e elabora sua origem e seu destino. A literatura como palavra que ecoa o sentido e potência, oferece a existência, com valor de interpretação, possibilidades e destinações para aquilo que no sujeito permanece incompreendido. Assim seu projeto encontra-se, embora de forma alguma se confunda, com o da psicanálise. (SAMPAIO, 2005, p.175).

A infância, em seu desenvolvimento, também procura representações em seu destino e existência. Essa fase (infância) foi descrita por Freud enquanto categoria social (1905) que merecia olhares e cuidados, ao considerá-la um sujeito fruto do inconsciente. Essa fase, marcada pela multiplicidade exercida pela sexualidade de origem infantil, é conduzida por forças pulsionais em busca de satisfação e, com isso, a criança foi rotulada pelo autor como um “perverso polimorfo” (FREUD, 1905).

Nesse cenário de sentimento de infância, através das narrativas e da transmissão oral, foi possível a concepção de literatura e posteriormente de uma literatura voltada para o público infantil. Composta por histórias de caráter maravilhoso, seus enredos contêm muitas aventuras, magias e *gran finales* e são compostos por elementos do mundo interior, atingindo crianças, jovens e adultos.

A capacidade imaginativa e simbólica infantil, em seu curso de desenvolvimento, é imensurável. As narrativas da literatura infantil oferecem à criança a simbologia, com a qual se pode brincar, sonhar e ressignificar suas experiências emocionais, com uma multiplicidade de sentidos para a compreensão de anseios e angústias.

As metamorfoses vividas pelas crianças e as metáforas literárias permitem a utilização de conceitos psicanalíticos para a compreensão dos processos mentais (LEITE, 1967). A literatura infantil vem ao encontro do pluralismo e reconhecimento

freudiano da infância (e dos legados geracionais), considerando o desenvolvimento como um processo lento, mediado por muitos conflitos. Quando há a identificação com um personagem, sejam heróis, sejam heroínas, a criança, com sua imaginação, vai estruturando sua personalidade e juntando elementos que formarão sua unidade psíquica.

Para regular os problemas psicológicos do crescimento (superar as decepções narcísicas, os dilemas edipianos, as rivalidades fraternas; ser capaz de renunciar as dependências da infância, afirmar sua personalidade, tomar consciência de seu próprio valor e de suas obrigações morais), a criança tem necessidade de compreender o que se passa em ser consciente, para fazer face igualmente ao que se passa em seu inconsciente. (BETTELHEIM, 2007, p.13)

Para superar os adversários da realidade (interna ou externa), a criança pode valer-se de modelos literários, por vezes personagens frágeis e passivas, como princesas, ou corajosos e audaciosos, como “Peter Pans” que não crescem. A Terra do Nunca, na literatura, não autoriza lógicas impossíveis (BETTELHEIM, 2007; CORSO; CORSO, 2006).

As trocas simbólicas entre fantasia e realidade são realizadas pela criança através de sua imaginação, e esta influencia seu desenvolvimento intelectual, emocional e social. Sua intelectualidade ganha poderes mágicos, experimentando e explorando situações imaginárias. O emocional ganha protetores e aliados contra medos, ansiedades e angústias. A brincadeira de faz- de -conta entre amigos instaura componentes sociais “fantásticos” (BETTELHEIM, 2007).

A literatura infantil, com seus contos maravilhosos, é plena de elementos atemporais, nos quais significados simbólicos são constituintes dos dilemas primitivos da existência. Contudo, a infância torna-se vértice e centro de investigação de acontecimentos, seja na infância, seja na juventude, maturidade ou velhice. E Literatura e Psicanálise, apesar de comporem uma interlocução, são elementos estruturalmente diferentes. “Psicanálise como ciência e literatura como arte são para ele (Freud) campos nitidamente diferentes” (SAMPAIO, 2005, p.157). O encontro entre arte e ciência nos leva a diferentes tempos verbais.

Ao buscar pela elaboração da sua origem e seu destino, o homem é convidado a revisitar seu passado para significar o presente e sonhar com o futuro. As diferentes

gerações tornam-se elementos fundamentais para o “futuro de nós mesmos”, segundo Birman (1997).

Com a análise do mito edípico, a Psicanálise se inscreve como um elo entre avós e seus netos, por considerar e definir em sua teoria metapsicológica os indivíduos enquanto sujeitos inconscientes frutos de uma equação de simbolismos e desejos, compostos por uma dinâmica pulsional e inserção no meio cultural.

Freud [...] passa da observação direta do fenômeno para sua representação literária, e desta, para o fenômeno observado na vida diária ou na clínica. Portanto, não só a psicologia esclarece a literatura; também as criações literárias podem auxiliar nossa compreensão dos fenômenos psicológicos. (LEITE, 1967, p.126).

A nossa constituição é tecida fio a fio. Cada etapa é demarcada por acontecimentos temporais, visto que Freud (1905) parte das ciências biológicas e anatômicas, para fundamentar sua teoria sobre o psíquico.

Tornou-se necessário, neste ponto do trabalho, pensar nas mudanças ocorridas em cada idade, com a imperiosa condição temporal e simbólica. Da submissão e dependência do recém-nascido à saída do estado fusional com a mãe, das descobertas e possibilidades oferecidas pelo crescimento, marca-se a vida, seu corpo, sua mente e sua história. História que sempre vira mais uma página a ser preenchida (restringindo-se as reflexões sobre a morte), porém, nosso intuito é conhecer como a teoria psicanalítica pode nos dizer sobre os avós e seus netos.

Nesse sentido, é oportuno procurar compreender como um espaço simbólico pode ser constituído (no caso dos netos) e ressignificado (no caso dos avós), reiterando nossa concepção do envelhecimento como processo. Conforme mencionado anteriormente, os avós são representantes da memória das civilizações e da transmissão de valores, sendo estas fontes potenciais de formação simbólica.

As concepções freudianas sobre o simbolismo revelam uma sequência de pensamentos complexos. Esse assunto é recorrente em diversas obras, sempre agregando novas e importantes considerações a cada tema abordado. Nosso objetivo, aqui, é resgatar sucintamente a questão simbólica, focando sobre sua definição. Portanto, realizamos recortes, especificando-os com nosso capítulo.

Em consulta ao dicionário de Laplanche e Pontalis (2004), encontramos uma definição ampla e outra restrita para o vocábulo *simbolismo*:

Em sentido amplo, modo de representação indireta e figurada de uma ideia, de um conflito, de um desejo inconsciente, neste sentido, em psicanálise, podemos considerar simbólica qualquer formação substitutiva; Em sentido restrito, modo de representação que se distingue principalmente pela constância da relação entre símbolo e o simbolizado inconsciente, essa constância encontra-se não apenas no mesmo indivíduo e de um indivíduo para outro, mas nos domínios mais diversos (mito, religião, folclore, linguagem, etc.) e nas áreas culturais mais distantes entre elas. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004, p.482).

Com essas definições, percebemos que o simbolismo é entendido como forma de representação de algo ou alguém, sendo composto por elementos inconscientes e expressos de maneira consciente, com uma linguagem específica, mas de compreensão universal.

Essas polaridades entre os mundos interno e externo inauguraram discussões acerca de sua gênese ser herdada ou adquirida no contato com o meio. Podemos afirmar que tais discussões efervesceram principalmente com os estudos de *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900, em que Freud sistematizou a formação simbólica e lhe atribuiu acentuada importância.

Ao reconhecer o trabalho dos sonhos na formação psíquica, Freud, com a análise dos conteúdos das narrativas oníricas, trazidas por seus pacientes – e também como sonhador –, notou que a maioria mantinha alguns fatores comuns ou que se assemelhavam.

Para o autor, os sonhos são atividades mentais com organização e sentidos próprios os quais fundamentam o pensamento e a linguagem, sendo passíveis de interpretação: “A interpretação dos sonhos é a via régia que conduz ao conhecimento do inconsciente da vida psíquica” (FREUD, 1900, p.517). Pelo raciocínio de sua primeira hipótese sobre a vida onírica do conteúdo e significado psicológico, Freud traz um segundo ponto central ligado à realização de desejos inconscientes do sonhador.

O sonho se caracteriza por um trabalho engenhoso para o sonhador, pois, por vezes, sua sequência, falas e fatos são desconexos, necessitando de uma complexa análise para reconectar seu sentido e conteúdo. Para a conexão entre o produto do sonho

e o trabalho produzido pela análise, Freud buscou uma linguagem que pudesse traduzir em palavras o que foi produzido em imagens, na qual os símbolos são fundamentais.

Na Psicanálise, os símbolos podem ser conceituados em dois grupos: os universais e os individuais. Os símbolos universais estão relacionados com crenças populares e misticismo e também por mitologia, utilizadas desde a Antiguidade, fornecendo alguns pontos de partida para associações e interpretações, e dependem de uma individualidade simbólica, caracterizada pelo contexto em que está inserido.

Os estudos sobre o universo onírico abriram um grande panorama na Psicanálise. O estabelecimento de uma composição inconsciente influenciada pelo ambiente e por sua herança filogenética permitiu a busca de significados e sentidos das produções psíquicas como desejos e sintomas, para exemplificar. Portanto, com muitos desdobramentos da metapsicologia como a dimensão da interpretação simbólica, a linguagem que a faz possível são os símbolos.

O simbolizar que preenche a nossa composição psíquica de refrigérios, capazes de propiciar doses inconscientes a serem interpretadas, passa igualmente por transformações ao longo da vida. Cada etapa imprime diferentes marcas que, por sua vez, adquirem diversos contornos.

Uma linguagem simbólica que dá voz ao processo de amadurecimento nas fases iniciais do bebê (e, posteriormente, em todas as outras fases, conforme nosso ponto de vista) é a temporalidade (cf. GURFINKEL, 2003/2004, s/p):

Na estrutura do tempo, articula-se passado e futuro no campo do presente, já que não se trata de sucessão e sim de simultaneidade. O presente é espesso, aberto e poroso, indeciso e lacunar, e em seu inacabamento encontra-se uma abertura: abertura para o outro, para o ausente e para o invisível.

Quer dizer, segundo o autor, não há uma trajetória linear, mas curvilínea, com tempestades, calmarias e até desencontros necessários para sua composição e reinvenção. Nesse sentido, ainda em seu estado primitivo, o bebê busca um sentido e uma continência. Procuramos primitivamente um olhar que nos envolva e nos sustente.

Ou seja, por meio de uma conexão simbólica (seja ela herdada, seja adquirida) entre avós, filhos e netos, podemos entender como ocorreu a formação da mente e seu

processo de envelhecimento, tentando respostas para a seguinte questão: há idade para sonhar?

Não há sonho – se o sonhar se fizer verdadeiramente como experiência – que não toque a angústia de alguma vertigem; não há sonho que, ao ser relatado, não surpreenda o sujeito como uma associação inesperada, não há interpretação verdadeira que não quebre a supremacia de um Eu unitário e reconduza o sujeito a alguma experiência do inconsciente e de si mesmo. (GURFINKEL, 2003/2004, s/p).

Tomamos a simbolização como ponto de partida na tarefa de aproximar avós e netos, através da Psicanálise. Seu olhar nos proporcionou ressonâncias, mas não nos distanciamos do caminho traçado por esse autor.

Assim, retomamos a realidade que envolve o processo de envelhecimento (tanto no cenário nacional, como no internacional), no qual o sujeito se perde enquanto indivíduo. Essa concepção já esteve presente também com a infância, ambos em condição de inexistência.

Birman (1997) sustenta que o processo de troca simbólica no processo de envelhecimento é empobrecido, contudo, nós a consideramos uma afirmação complexa e angular, que se vale por uma investigação.

3.1 Trocas simbólicas no envelhecimento: um encontro com Freud e Narciso

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes...

(CAETANO VELOSO, *Sampa*).

Ao considerarmos o envelhecimento e a velhice enquanto uma nova etapa, até uma dialética, falamos de transformações. A combinação entre mundo externo e mundo psíquico promove um processo metabólico para a construção do ser. Para que ocorram transformações implícitas e explícitas, necessitamos da presença do outro e como denomina a Psicanálise, do Objeto.

Assim ressalta Beauvoir (1990): “Uma relação dialética entre o meu ser para o outro, tal como se define objetivamente, a consciência que tomo para mim mesma através desse outro. [...] é um novo estado de equilíbrio biológico: quando a adaptação se opera sem choques, o indivíduo não dá conta do envelhecimento” (p.8).

A autora, ao declarar o envelhecimento como uma nova fase, também reforça que os contornos e visões que cada um imprime e exprime depende do outro, assim como a criança é dependente para seu desenvolvimento.

Essa busca de integração e formação do Eu nos permite um diálogo entre infância e velhice enquanto uma fase de descobertas mútuas, através da Psicanálise. A gestação pós-uterina da mente é a integração do Eu, em sua totalidade. A fim de compreender melhor essa ideia, vamos retomar o desenvolvimento do Eu que foi amplamente discutido por Freud, em 1914, em sua obra *O Narcisismo*.

Com essa obra, o autor reforça a interação entre os meios interno e externo, onde realidade e sujeito de edificam ao mesmo tempo, com uma temporalidade vista e sentida. A organização sobre o conceito de narcisismo obedece a algumas fases, de maneira que o autor os chama de narcisismo primário e secundário.

Desejo, amor, negação, frustração, desamparo, identificação. Muitos são os predicados e vias para o estudo dessa obra que se tornou pública em uma reunião da Sociedade Psicanalítica Vienense, em 10 de novembro de 1909. Nos registros feitos em uma ata, Freud descreveu o narcisismo “[...] como um estágio intermediário necessário na passagem do autoerotismo (a) o amor objetal”, tal como relata Ernest Jones (1955, p.388).

Uma nota de rodapé faz menção ao conceito de “narcisismo”, em 1910, na segunda edição de *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade*. Nesse contexto, Freud utiliza-se do significado simbólico do narcisismo para explicar o homossexualismo masculino. Outra nota pode ser encontrada na obra *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de infância* (1910). Nela, o conceito diz sobre como a identificação exclusiva leva a uma determinada escolha de objetos sexuais, denominada escolha objetal narcísica.

Por conseguinte, o referido conceito expressava uma relação de objetos orquestrada por uma intensa identificação entre si mesmo e entre a dupla formada com sua mãe. O narcisismo foi definido como escolha objetal e identificação e,

posteriormente, essa noção foi incorporada à construção da fase narcísica no desenvolvimento, formando-se então as bases do desenvolvimento.

Entendemos que o desenvolvimento necessita de um acolhimento após o trauma do nascimento, que é assolado pelo sentimento de desamparo. Constituir-se como pessoa, interpretar-se e elaborar todo esse processo consiste em um interjogo com a realidade, o qual pode ser caracterizado como um processo de identificação.

A identificação, por sua vez, é composta por elementos internos e externos e possibilitam ao sujeito significar e representar o mundo. Quando o processo de identificação se instala, a criança se vê obrigada a “ver” o outro como diferente de si mesma, confrontando-se a um ideal a ser superado, de modo que se afasta de seu narcisismo primário. Enfatiza Freud (1914, p.99):

É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa ser antes desenvolvido. Todavia, as pulsões auto-eróticas que estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentada ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo.

Nesse sentido, para ocorrer o desenvolvimento do ego, é necessário que ele realize um laço emocional com o objeto, constituindo assim a identificação em sua forma original. Laço emocional composto pelo sentimento amoroso, que sustenta e protege. Freud assim se expressa: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se em consequência de impedimentos, não pudermos amar” (1914, p.106).

O amor de um indivíduo por si mesmo evolui para relações e trocas objetais, sendo que, na contemporaneidade, está fortemente marcado pelas relações entre avós e seus netos, devido a fatores internos e externos, como apontamos no primeiro capítulo, e com eles tecemos fios para construção de um lócus de reflexões acerca do envelhecimento populacional, que por nós é concebido como um porto seguro, em tempo de relações tão frágeis, conforme aponta Bauman (2009).

Dessa forma, o Narcisismo pode ser compreendido enquanto possibilidade de nascer e renascer para a vida. Renascer nas diferentes etapas e fases, renascendo e envelhecendo a cada dia. Como frisa Fabrício Capinejar (2013, em seu *blog* pessoal): “Envelheci, tenho muita infância pela frente”.

Podemos sublinhar que a regência exercida pelo narcisismo primário é tecida através do corpo. Sonetos e claves antes desorganizados caminham para sua unificação, para uma melodia. Ou seja, um corpo que se encontrava fragmentado busca uma unidade com pontos excitatórios determinados, impulsionados por uma energia chamada libido. Nesse sentido, temos uma ação psíquica que busca uma identificação interna e uma externa, em sua constituição. As identificações externas são oferecidas pela mãe ou cuidador e posteriormente pelos demais familiares.

Esse corpo também será palco para experiências de desejos, sentimentos, satisfações, repressões e conflitos, que, por sua vez, ainda trazem fantasias e ansiedades que buscarão resolução no contato com a realidade, sendo produto da interação com os aspectos biopsicossociais e, em especial, com a cultura.

Freud acrescenta:

As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são vividas em conexão com as funções vitais que servem de propósito da auto-conservação. As pulsões sexuais apoiam-se a princípio, no processo de satisfação das pulsões do Eu para veicularem-se, e só mais tarde tornam-se independentes delas. (FREUD, 1905, p.107).

A procura de um espaço psíquico, como exposto, parte de uma unidade corporal que se torna a primeira imagem de si, desvinculando-se do corpo materno. Esse corpo é veículo de investimentos na busca de satisfação e prazer.

A diferenciação entre o eu e o outro (enquanto objetos) se dá por intermédio da realidade, a qual pode ser adjetivada enquanto um espaço de desenvolvimento de potencialidades, de objetos pensantes e de atribuição de significados. Sujeito e realidade compõem-se em uma mesma temporalidade. Essa realidade nos fornece um olhar que nos sustenta.

Daí a potência do olhar; ele nos permite saltar do espaço das significações estabelecidas e mergulhar no mundo temporal do sentido. (GURFINKEL, 2003/2004, s/p).

Nesses termos, Freud (1905) destaca: “A partir desse ponto, podemos arriscar-nos a indagar por que a vida psíquica se vê forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a depositar libido nos objetos” (p.105).

Em decorrência, a criança vem ocupar um posto de realizações no seio familiar, segundo o autor. Esse espaço lhe é ofertado por ser uma reedição do narcisismo de seus pais, cabendo à criança, nesse momento, ser investida pela onipotência materna e paterna.

Doença, morte, renúncia à fruição, restrições à própria vontade não devem valer a pena a criança, as leis da natureza, assim como as da sociedade, devem se deter diante dela, e ela deve realmente tornar-se de novo o centro e a essência da criação do mundo. His the majesty the Baby, tal com nós mesmos imaginamos um dia. (FREUD, 1905, p.110).

A relação existente entre um ego ideal e um ego real procura enfim um olhar no outro, como um espelhar-se, na linguagem psicanalítica, um jogo identificatório que vai definir o “Eu” em um determinado tempo e espaço. Assim como concebeu Santo Agostinho², o tempo e as lembranças passadas são elementos inseparáveis da interioridade do psiquismo, pois, em nossa mente, existem dois tempos: recordações do tempo passado, o presente com sensações e pensamentos do momento, e o futuro como tempo de esperança e previsões.

Tempo e histórias são fontes concretas de identificação, através do desejo e do olhar de alguém que invista em nós. Primeiramente, pensamos na figura materna, depois, nos pais, e chegamos aos avós, que se fazem tão presentes na realidade de boa parte das pessoas. Por eles temos acesso ao mundo temporal, regido por leis, costumes e comportamentos que são da ordem da cultura.

Ao pertencer a um mundo, pertence-se igualmente a um grupo social com regras e funções pré-estabelecidas.

O narcisismo levou a pensar o sujeito e seu corpo constituídos a partir de outro, ou seja, a cultura é constituinte do sujeito, na medida em que os processos e identificações vão constituir o eu. Passam a existir duas modalidades de subjetividade [...]. Entre processos narcísicos e intersubjetivos (BIRMAN, 1997, 205).

Entendemos que ainda restarão resquícios narcísicos em nossa vida. Ainda buscaremos no exterior uma complementaridade, desejos esses ligados a estágios primitivos de desenvolvimento.

² Vide em *Confissões* (2007).

Por essa via, alcançamos o conceito, salientando a situação em que a criança busca uma mãe e/ou um cuidador e, através desse vínculo, é gerado um espaço bidimensional, surgindo a necessidade de novos componentes para enriquecimento e alicerçamento de sua personalidade.

Na infância, há investimento, desejo e futuro. Há a composição de um espaço psíquico e muitas fontes de simbolizações, mesmo que haja diferenças ou até abismos entre o ideal e o real. Todavia, ficou ainda a questão: como ficará toda a energia libidinal, com o envelhecimento?

O futuro como possibilidade está entreaberto para o sujeito. A elaboração dessas perdas dolorosas tem o poder de aumentar suas possibilidades desejantes [...].O traçado dos contornos pelo sujeito se empreende na sua relação com seus limites, impasses e possibilidades. (BIRMAN, 1997, p.203).

Ocorreu-nos pensar que o espelho de Narciso reflete o processo de subjetivação. Ser objeto de amor e fascinação de si mesmo, em uma fase de autoerotismo, envolve a autossuficiência e a autoconservação. Contudo, esse processo, denominado Narcisismo, é um curso da evolução.

Seu desdobramento se inscreve quando não há uma falta que impõe uma busca de satisfação. Realidade e cultura entram como fatores limitantes e determinantes. Este é um tema denso e dolorido, de sorte que Freud o descreve e posteriormente o repete em diversas obras.

Neste capítulo, reservamo-nos a refleti-lo a partir da infância, mas pensando no envelhecimento, de modo a compreender que há um eixo simétrico no desenvolvimento enquanto processo que perdura por toda a vida. Por isso, neste ponto de nosso texto, seu desenvolvimento está destinado à Travessia de Édipo, como um oráculo intransponível.

Dialogando com Joyce McDougall, Mezan (1998) relata que, em nossa existência, existem alguns “impossíveis” a serem confrontados, sendo que sem essa batalha não haveria desenvolvimento:

O impossível é aquilo que ignora os limites sem os quais não há individuação nem subjetividade: a diferença das gerações e dos sexos a alteridade que vigora entre mim e os demais a existência de um corpo e uma psique

confinados na pele e no invólucro mental que a metaforiza em cada um de nós, a inevitabilidade da morte. (MEZAN, 1998, p. 65-66).

Narciso nos faz pensar sobre a busca de uma identidade. A leitura do mito expurga uma beleza ameaçadora, pois Narciso não se constitui; na verdade, sua constituição se dá com sua morte. Embevecido por si mesmo, ama cegamente seu reflexo. Ele não se inscreve na ordem temporal. Coube a Édipo esse destino. Freud (1925 [1924]) recorre à Mitologia para nos apresentar suas considerações sobre o desenvolvimento psíquico.

Pode-se sugerir que a interpretação psicanalítica, quando empregada para revelar a trama de sentimentos ou algumas das motivações dos personagens, pode auxiliar nossa compreensão da obra literária. (LEITE, 126, p. 1967).

Édipo faz uma travessia em busca de suas origens. Diante de um oráculo, metaforizou a cronologia temporal entre presente, passado e futuro, ao desvendar o enigma da esfinge. Em sua caminhada no monte Cíteron, o protagonista, tentando fugir de seu trágico destino (matar seu pai e desposar sua mãe), depara-se com uma criatura metade humana e metade animal, a qual propõe um enigma a ser desvendado, que o salvaria da morte.

Por sua tragédia, o mito contextualiza a estruturação do aparelho psíquico com a descoberta das diferenças sexuais, os desejos e as castrações. Freud utiliza-se da linguagem metafórica do mito para descrever as diferenças sexuais e os desejos de filho (a)s com respeito a seus pais. A infância, nessa concepção freudiana, torna-se um celeiro psíquico, pois as ressonâncias do Complexo de Édipo nos surpreendem durante toda a vida. Por isso, o complexo, compreendido como um processo nos aproxima da idade adulta e, conseqüentemente, da maturidade e/ou velhice.

Outro ponto muito importante dessa travessia (deste trabalho e de Édipo) são as simbolizações diante das descobertas sobre a vida que poderemos ter ou, talvez, a possibilidade de produzir conhecimento sobre elas. A capacidade de simbolização é influenciada pelo meio e pelas pessoas com quem compartilhamos nossas experiências, assim como já apresentamos neste capítulo.

Segundo Freud ([1916] 1921), a constituição da identidade é fruto de sucessivas identificações do sujeito com modelos identificatórios. A identificação é um processo

psíquico de constituição; já, em Édipo, essa construção é descrita como complexa e possui alguns desdobramentos, porque a criança e/ou indivíduo se aproxima da exclusão simbólica, da alteridade e do sentimento de desamparo e da culpa.

O autor descreve, nesse pensamento, o curso de desenvolvimento com crianças com idade de aproximadamente sete anos, todavia, vem a confirmar a hipótese de Birman (1997):

Nesta perspectiva, as figuras do idoso e do avô se inscrevem diretamente na trama edipiana, tendo um lugar crucial na transmissão de valores e desejos. [...] Com isso, a figura do idoso pode receber inequivocadamente um reconhecimento simbólico e afetivo [...]. Portanto, seria pelo Édipo que as novas gerações, como sujeitos desejantes e obras abertas, podem devolver para os antepassados o reconhecimento simbólico, pela transmissão de valores e dos desejos que lhe possibilitaram a sua constituição como sujeito. (BIRMAN, 1997, p.208).

Édipo também procura um acolhimento para seu desamparo. Cegando-se, assim como um sábio, tentou suportar a diferença e pôde confrontar seu destino com “novas” visões. Sua facticidade transgeracional rompeu com a repetição, dando oportunidade ao simbólico e à agregação de novos sentidos.

A travessia trágica traduz o surgimento de novos enigmas, no decorrer da vida, e a representação da ambivalência de sentidos e sentimentos. Em cada tempo, um tempo de muda, parafraseando Mezan (1998):

O que é a muda para os pássaros, a época em que trocam de plumagem, é a adversidade ou a infelicidade, os tempos difíceis, para nós, seres humanos. Uma pessoa pode ficar nesse tempo de muda, também pode sair dele como renovada. (VAN GOGH, in MEZAN, 1998).

Percebemos, na literatura freudiana, um encontro de Freud com a infância, em seus encontros com o Pequeno Hans, que foi veementemente interpretado por diferentes vieses. Freud analisa a fobia do menino também à luz do complexo edípico. Nesse caso e espaço, destacamos a noção de temporalidade utilizada por Freud em sua concepção sobre o recalque, porque nem sempre o fato, quando acontece, pode provocar efeito. Esse fato é armazenado pelo sistema psíquico e pode ser reativado com futuras associações e, com sua experiência, alcançar um valor psíquico. O recalque entra na posteridade da utilização dos acontecimentos pelo psíquico (FREUD, 1909).

Freud destaca que, aproximadamente até os três anos de idade, a relação entre o menino e seu pai é carinhosa. Essa fase denominada como anterior ao Complexo de Édipo, sendo demarcada por uma disposição bissexual. Dos três aos cinco anos, as relações de objeto são caracterizadas pelo desejo pelo sexo oposto: do menino à mãe, da menina ao pai.

Esses desejos são acompanhados por sentimentos hostis e por rivalidade. Pai, mãe e filho tornam-se o famoso triângulo edípico, cabendo ao par equivalente dar continuação aos desejos e sentimentos. Nessa fase, as fantasias são formadas por erotismo e desejo de posse, mas também por culpa e medo da castração. A ambivalência de sentimentos torna-se uma montanha russa. Contudo, toda hostilidade e odiosidade são acalmadas pelo período de latência e nos permitem adentrar o meio cultural.

Pensadores contemporâneos nos ajudam a interpretar o Mito e o Complexo de Édipo além da triangularização familiar. Nesse sentido, Mezan aponta: “Esta é uma leitura *unidimensional* do complexo de Édipo, limitada ao âmbito da família restrita, onde se silencia o que lhe é fundamental, a sua dimensão de representação da ancestralidade do sujeito desejante” (MEZAN, 1998, p. 208). O autor ressalta que seria um erro não incluir a memória de nossos avós e idosos na composição psíquica.

A entrada no mundo cultural remete, nesse caso, à unidade familiar e à dimensão temporal. Assim como o enigma da esfinge, a configuração temporal entre infância, maturidade e velhice indica o papel a ser desenvolvido em cada fase.

Portanto, nós nos encontramos na literatura psicanalítica e mitológica com Narciso e Édipo, para refletirmos sobre os formadores e compositores de identidade e memória, como um pêndulo metaforizando e “cronologizando” o tempo.

Ao partimos da concepção psíquica, através do processo de simbolização e das complexas conexões psíquicas, encontramos a dependência e a necessidade do Outro, que primeiramente associamos à figura da mãe e posteriormente abrangemos a família.

Com o nascer psíquico, enamoramo-nos por Narciso e sua beleza ameaçadora. Continuamos nossa travessia com Édipo e sua busca pela origem e sua ambivalência sentimental. Diante de mitos e narrativas, foi preciso sonhar e metaforizar um tempo coagulado pela história e recorrer ao contemporâneo, para chegar ao ponto de desembarque: refletir a intersecção entre infância e velhice.

Neste momento, infância e velhice são integradas enquanto um celeiro psíquico, onde descobertas são trocas reconhecidas simbologicamente pelas diferenças que as unem e pela transmissão de valores e desejos que se constituem e reconstituem.

Birman (1997), ao refletir sobre os efeitos psíquicos do envelhecimento, salienta que as concepções que constituem o presente foram permitidas pelo passado e terão consequências no futuro, de modo que o reconhecimento social da velhice corrobora o reconhecimento do “futuro de nós mesmos”. Assim, o tempo, com sua poesia, nos envolvem em um movimento cíclico, no qual infância e velhice são temporalidades que possibilitam um futuro.

A história da Humanidade revela, de acordo com cada tempo, uma concepção de homem e, conseqüentemente, de velhice. O reconhecimento desta última pode ser realizado em termos psicanalíticos, em nível simbólico, segundo Birman:

A responsabilidade social sobre a velhice se incrementa de forma insofismável. Com isso, é possível que a velhice acabe por receber um reconhecimento simbólico, referente ao lugar social e cultural, que não lhe foi atribuído nos últimos duzentos anos. (BIRMAN, 1997, p.199).

As perdas e faltas herdadas pelo envelhecimento marcam sua história e as próximas gerações. Manter-se em um estado de espera da morte leva a um processo denominado por Birman (1997) de “desnarcisação”.

Nesse sentido, a infância integra-se com a velhice. Em decorrência, a literatura psicanalítica se valeu em sua construção de um sujeito relacionado com suas origens e conexões simbólicas. Essas conexões são formadas pelo sujeito em contato com sua família, como um expoente das primeiras relações do indivíduo.

O autor reflete ainda sobre o oferecimento que a Psicanálise faz aos avós (em suas palavras, idosos) de um reconhecimento por seu papel ativo na transmissão simbólica a infância e uma possível elaboração ao luto, pela finitude da existência humana.

Por conseguinte, lançamos-nos o desafio de realizar uma aproximação do entendimento dos processos internos nas relações intergeracionais, para, quem sabe, proporcionar outros olhares e novas concepções sobre o envelhecer e a infância, com a

possibilidade de reinvenção, assim como declara Cecília Meireles, em seu poema “Reinvenção”, de 1983: “[...] a vida só é possível reinventada”.

CAPÍTULO 4 A CONSTRUÇÃO DE SI E DO MUNDO, DE AVÓS E NETOS ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL.

A necessidade de comunicação acompanha o ser humano desde sua formação intrauterina. Ao nascer, podemos nos comunicar de diferentes maneiras, com linguagens e sintonias construídas com vínculos, olhares, gestos e sonhos.

Com os capítulos anteriores, construímos algumas considerações sobre a comunicação entre netos e avós, desses tempos verbais que se conjugam em diferentes gerações. Para tanto, iniciamos com uma reflexão acerca do envelhecimento, seus saberes e lugares, dentre os quais a possibilidade de ser avó/avô. Ensaando delinear o ciclo de vida, fomos levados a dar um passo adiante, através do pensamento psicanalítico e antropológico, em direção à dimensão simbólica, espaço em que não cabem cronologias exatas.

O simbolismo no caráter psicanalítico empresta sentido ao que não pode ser nomeado (não sabemos se todos os avós são de fato idosos, como aponta a maioria dos estudos), assim como os avós brasileiros que por nós são entendidos como singulares e plurais. Nesse sentido, houve a oportunidade de adicionar assuntos e “abrir a roda” com uma conversa de “gente grande” conosco – a psicanálise e a literatura infantil –, com a construção do indivíduo, de sua visão de mundo entre diferentes gerações.

Neste quarto e último capítulo, fomos alinhavando nossas temáticas e, a esta altura, para que nosso bordado ganhe um colorido poético, conversamos e produzimos uma intersecção entre escritores-avós-personagens e uma interpretação de suas obras. A ficção literária com aspectos textuais e simbólicos rendeu uma prosa proveitosa de descobertas para qualquer idade. Ressaltamos que as obras desses escritores-avós-personagens se inscrevem em narrativas polissêmicas, e aqui apresentamos algumas leituras e sentidos possíveis, na expectativa de poder produzir, ainda, novos e outros sentidos nos encontros dos leitores com o presente texto.

Seguimos, então, para frisar a literatura infantil como fonte privilegiada de transmissão de valores que compõem um determinado modo de vida (RADINO, 2003). Seus recursos, que abrangem realidade e ficção, são alicerces para a infância, fase esta de construção de uma unidade psíquica com um olhar singular sobre o mundo, por meio do relacionamento em sociedade, com suas regras e conceitos.

Com tais características, literatura e sociedade são agentes de transformações. Quando uma história é contada ou lida, cada um à sua maneira pode vivenciar esse conteúdo e confrontá-lo com sua realidade. Esse ato reflexivo habilita o nascimento de um posicionamento crítico de sua realidade, de sua própria história.

Infância e velhice tornam-se expoentes de socialização, com a arte literária. Saboreando cada palavra e imagem de um livro destinado ao público infantil, apresentamos duas obras que focalizam os netos e suas avós: em primeiro lugar, o livro *Menina Nina: duas razões para não chorar*, de Ziraldo (2002); em segundo, *A menina, o cofrinho e a vovó*, de Cora Coralina (2009). Cabe informar que a coincidência de as obras escolhidas abordarem a temática das avós (e não a figura do avô e da avó, como trabalhamos em toda a Dissertação) se dilui com a relação estabelecida entre vida e obras dos autores e, principalmente, pelo tema abordado em cada livro. Na verdade, interpretar não é prerrogativa exclusiva da Psicanálise, mas, dialogando com essa teoria, alcançamos as produções psíquicas baseadas no funcionamento inconsciente, produzindo, assim, uma inflexão trazida pela singularidade.

4.1 As múltiplas faces de Ziraldo

Sou fascinado pela palavra.
Quando percebi que, em português, a palavra "palavra" contém em
si os termos "pá" e "lavra". Ela é a matéria-prima e ao
mesmo tempo o instrumento para trabalhá-la.
Disse isso ao Drummond e ele adorou. (ZIRALDO).

A criatividade parece acompanhar o escritor tupiniquim Ziraldo Alves Pinto, desde seu nascimento. Seu nome é resultado da junção de Zizinha, sua mãe, e Geraldo, seu pai. Nasceu em 24 de outubro de 1932, em Caratinga, estado de Minas Gerais. Primogênito de uma família de sete irmãos traz em suas obras seu convívio familiar. Casou-se com Vilma (a avó do livro *Menina Nina*) e tiveram três filhos. Ele enfatiza que, com o casamento e nascimento dos filhos, “virou” cinco.

Em seu *site* pessoal³, Ziraldo relata que, desde sua infância, nutre a paixão por imagens e palavras. Qualquer espaço lhe servia como tela em branco para suas criações. Desenhava em lugares que iam desde pequenos pedaços de papel até muros e calçadas. Formado em Direito, iniciou sua carreira nos anos 1950, em jornais e revistas. Durante a década de 1960, período da Ditadura Militar no Brasil, lutou contra a repressão com a fundação do jornal *O Pasquim*, com ajuda de amigos colaboradores. Histórias em quadrinhos também foram destinadas ao público adulto, com “The supermãe” e “Mineirinho”. Ainda na década de 1960, também lançou, em quadrinhos, “A turma do Pererê”, que depois se tornou uma série televisiva. Ziraldo destina-se à literatura infantil em 1969, com a obra *Flicts*, e, concentrando-se nesse público, foi amplamente reconhecido pela obra *O Menino Maluquinho*.

Os retratos de sua infância, tanto em família como em sociedade, são substratos encontrados em seu estilo literário, o qual tem uma linguagem lúdica que encanta crianças e adultos, atributo que o caracteriza no gênero maravilhoso da literatura (FERES 2011). Ziraldo integra, em sua multiplicidade de talentos, palavras e imagens que reproduzem sua visão de mundo e de si como cartunista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista, escritor e entrevistador. Suas obras são premiadas internacionalmente e traduzidas em diversos idiomas.

³ Vide em www.ziraldo.com.br. Acesso em: 24 fev. 2014.

Assim como no livro *Menina Nina*, o autor-narrador conta sua história com seus personagens e também sua história pessoal, com *O Menino Maluquinho* (1980). Tais “maluquices” eram expressão de seu desejo de conhecer e explorar o mundo que o rodeava, com uma enorme perspicácia. Ziraldo maluquinho narra seu crescimento em família. Ao tornar-se adulto, percebe o quanto foi feliz. Entendemos que essa autodescrição é uma maneira bem humorada de encarar as limitações humanas, que o menino-autor traduz em conflitos, lágrimas e desejos infantis, com uma leitura aprazível e possível. O menino faz maluquices, mas também chora, tem frustrações e busca sua integração com um pouco de isolamento e grandes doses de afeto. Um menino tão imprevisível e ambivalente quanto a vida.

Contudo, seja qual for o idioma, destacamos aqui a obra *Menina Nina*, porque faz interlocução com um simbolismo que alcança a linguagem humana responsável por nos constituir, do nascimento à morte. A análise dessa obra permite, ainda, uma conversa com o contemporâneo estilo literário que é composto por fantasia e realidade.

4.2. *Menina Nina*: duas razões para não chorar

Menina Nina: duas razões para não chorar (2002) é uma obra que convida para uma delicada conversa sobre a vida e a morte. Com uma poesia leve, cuidada e sensível, o livro nos possibilita equacioná-la a uma função primordial (*por nós considerada*) dos avós: a transmissão psíquica a gerações mais novas. Com a finitude da vida, encontramos nessa narrativa a possibilidade de elaboração de perdas e perpetuação de valores e sentimentos. Um elo constituinte da memória e da história de Nina, a qual não se finda com a morte da avó.

Essa narrativa (ou essa conversa entre autor e leitor) relata o nascimento de Nina, neta primogênita da vovó Vivi, acontecimento que foi cercado por uma imensa felicidade. Vivi era uma mulher que buscava a cultura do mundo, com suas viagens, através da interação com a neta, ela veio a descobrir e saborear o papel de avó, que perdurou por nove anos. O relacionamento foi tão intenso quanto inesquecível, mas, com a morte de Vivi, Nina teve que confrontar a dor da perda. Diante de tal acontecimento doloroso e tendo em vista as características do contexto literário, o autor apresenta duas razões para Nina reaprender a viver.

Lembrando Drummond (1930, no livro *Alguma Poesia*) em seu poema “Quadrilha”, Ziraldo (2002, p. 4) começa seu livro assim: “Menina Nina amava vovó Vivi, que amava sua menina”. A sintonia da melodia dos primeiros versos da vida embala toda a história acompanhada por ilustrações que nos levam a compartilhar emoções.

A vovó Vivi ansiava pela chegada de sua neta primogênita, uma oportunidade de ser mais um elo na cadeia geracional: “No dia em que Nina nasce, vó Vivi vira mãe multiplicada por duas” (p.6). Assim como Freud (1914) afirma que nos desenvolvemos a partir de um construto biológico o qual necessita do cuidado e do investimento de um olhar, entendemos que vovó Vivi pôde elaborar mais um papel a ela destinado, ao “ver” sua neta nascer. Com a reativação de seu próprio narcisismo infantil, metabolizado e diferenciado na vida adulta, “[...] o indivíduo de fato leva uma dupla existência: uma em que persegue seus próprios fins e outra que é um elo de uma corrente” (FREUD, 1914, p.101).

Da filha para a neta, a avó encontra sua extensão narcísica. Nina é testemunha do envelhecimento de Vivi, todavia, a menina já possuía um espaço em seu psíquico. No vidro da maternidade, cristaliza-se um vínculo de mútuos investimentos. “Vovó estava feliz com a chegada de Nina – a menina que fez Vivi virar vovó” (ZIRALDO, 2002, p.4). Ainda na maternidade, Vivi descobre-se como avó: era sua neta primogênita, uma função a ser descoberta. “Vovó Vivi se encanta ao se descobrir vovó. Por mais que ela sonhasse, por mais que outras vovós lhe dissessem da alegria que era ser mãe de outra mãe, não imaginava como era bom ser assim um ser especial” (ZIRALDO, 2002, p.8).

Os limites de onde começa a subjetividade da avó e da neta são contornados pela mãe da menina, a primeira responsável por sua educação e desenvolvimento. A mãe de Nina representa, de acordo com o referencial psicanalítico, a castração simbólica como um espaço necessário que areja o vínculo.

Ao narrar sobre a descendência geracional, Ziraldo traz a imagem da avó simbolizada por uma *matrioska* (bonecas russas, feitas em diferentes tamanhos, estando uma acoplada dentro da outra). Esse tipo de boneca/brinquedo é interessante, porque as *matrioskas* são ocas e possibilitam seu preenchimento com outras bonecas menores, expressando a gestação de um espaço psíquico para uma nova geração, que nasce de si, mas carrega consigo todos os traços, DNAs e histórias transmitidas simbolicamente. A imagem da boneca contém quatro tamanhos, representando a vida enquanto ciclo: de menina, mulher, mãe e avó, com uma integração de experiências. O ciclo de vida expresso nesse livro não obedece a ordens sistemáticas, pois há renascimento durante toda a vida. Nas palavras do autor: “Vovó é uma matrioska – aquela boneca russa – e acha tão bom sentir-se, mais que menina, um brinquedo de menina” (ZIRALDO, 2002, p.8).

Ziraldo apresenta-nos uma avó independente e tão bonita quanto uma modelo de sua época, uma cidadã do mundo que, como viajante, procura culturas, sabores e experiências em aeroportos e hotéis pelo mundo. Este é um dado importante da constituição do papel de cada um. Vivi é a representação de uma avó que mantém sua individualidade, com seus sentimentos, desejos e sonhos próprios, mesmo que voltasse cada vez mais depressa de suas viagens para ver Nina crescer.

As mudanças na casa e nos objetos pessoais da avó eram um terreno fértil para Nina descobrir-se. “As caixas, latas, e caixinhas coloridas e bordadas, guardadas por

toda a casa” (p.18) são símbolos da rica experiência entre as duas. Em cada espaço poderiam ser guardados todos os elementos de uma vida, aqueles expressos pelo sentimento, caracterizados pelo autor como “pedaços de segredo”. A transmissão psíquica entre gerações, mais uma vez, pode ser compreendida pelos objetos continentais (tanto os concretos, como caixas e latas, como os abstratos que ficam guardados na memória, como os segredos). Conforme denominou Barros (1987), os avós como guardiães da memória, em contato com a infância, desvelam uma sintonia e reciprocidade nas relações em um movimento constante de construção simbólica (OLIVEIRA, 1999).

E o legado também aparece nas fotos de Vivi que Nina apreciava e com que sonhava, de modo a revisitar cada lugar, cada momento de Vivi registrado naquelas imagens. Nesse momento, Nina aparenta já ter nove anos, e as fotos feitas pela avó ilustram vivências de Vivi com várias idades, em diferentes países e com diferentes pessoas. A avó tinha muito a lhe contar. Assim, “Vovó Vivi dominava cada foto povoadora dos sonhos todos de Nina”. (p.20). De acordo com Justo (2008), a fotografia traz essa possibilidade de produzir narrativas e sentidos, especialmente na relação do interlocutor com suas memórias transmitidas a outrem (ainda mais no caso de um membro familiar). Revisitar fotografias exibi-las em uma conversa familiar, (re) contar histórias envolve encontros e produção de novas imagens e significações para aquilo que aparece retratado, ou seja, mais do que imagens impressas em uma folha de papel, organizadas em um álbum ou, como é mais comum, nos dias atuais, imagens digitais guardadas em arquivos de computador, o que se transmite no ato de mostrar fotografias, aqui ressaltando as fotografias familiares, são histórias, legados e sonhos os quais nos habitam e nos levam a novas paisagens. A imagem ilustrada por Ziraldo tem Nina com um espelho, e seu reflexo abria-lhe as portas para sonhar e crescer.

Bettelheim (2007) aponta que o espelho é uma metáfora da busca pela identidade, um dilema a ser vivenciado por todos desde o início da infância. Em sua descrição: “Quando espia sua imagem no espelho, pergunta-se se o que vê é mesmo ela ou uma criança exatamente igual a ela situada atrás do vidro” (BETTELHEIM, 2007, p.69). O autor prossegue em seu pensamento, afirmando que, em consequência da polaridade, em certezas e incertezas acerca de si, a criança é lançada a uma próxima etapa que busca uma visão de mundo. Essa etapa que procura o exterior e suas relações (período vivido por Nina) é marcada pelo período edipiano, configurado por uma gama

de sentimentos ambíguos. Nina não aceita prontamente seu destino, que trazia a morte de sua avó.

E, com os desenhos de Nina, a avó acompanha seu crescimento. Construíram uma relação de trocas, em que “[...] a avó guardava seus desenhos e colecionava suas frases” (p.12). As ações da neta, narradas de maneira corriqueira, demonstram o quanto uma estava intimamente ligada à outra. Há uma identificação positiva, tanto que Nina quer ser Vivi quando crescer: “Eu já sei o que vou ser quando crescer. Vou ser você, Vovó Vivi. Pois vi o seu retrato de primeira comunhão e pensei que era eu na festinha do colégio, no dia de São João. E, se ontem fui você, vou ser você amanhã”(p.22).

Assim o autor termina essa primeira etapa do livro, uma vida plena, colorida, assim como os desenhos de Nina e as expressões exageradas da avó, a qual transbordava de felicidade, com os versos de um doce poema.

Com essa integração entre ontem e hoje, ambas sonham com um futuro. E, nesse ponto, o autor traz um novo ensinamento deixado pela avó: a possibilidade de reinvenção da vida. As imagens, antes tão coloridas, escurecem. A noite cai e a lua reflete a finitude da vida através de suas fases; aqui, em especial, a lua está cheia e pequena, no sentido da completude da vida, assim como o enigma da esfinge encontrado por Édipo. As três páginas seguintes não possuem ilustrações, a linguagem é cuidadosa, mas densa.

Como a vida segue, mesmo diante da morte, o dia amanheceu e Nina pôs-se a questionar a ausência da avó, demonstrando um aspecto do luto: o desamparo. A menina, imersa pelo relacionamento com Vivi, parecia esvaziar-se com sua ausência, pois havia interiorizado inconscientemente sua avó, tanto que habitava seus desejos para o futuro. “Não era isso Vovó que estava combinado”. “Vovó, e as suas promessas [...]”. “E a nossa parceria?”. “Vovó, e os meus segredos? [...]”. “E como é que eu vou crescer sem você me ver crescer?” (p.28)

Segundo a teoria freudiana, o luto é um processo. E assim nos descreve: “As exigências da realidade não são atendidas de imediato. Ao, contrario isso ocorre pouco a pouco e com grande dispêndio de tempo e energia, enquanto, em paralelo a existência psíquica do objeto perdido continua a ser sustentada.” (FREUD, [1917], 2006, p.104). A morte necessita de um tempo para seu luto, tanto que Ziraldo deixa uma página em branco. Um hiato necessário ao processo doloroso que se instala (FREUD, 1917).

A reinvenção proposta pela avó começa com sua morte, quando o que ficou na memória da neta não se findou e dependerá dela para ter ou não um fim. Antecipando o futuro, pelo recurso literário da prolepse e também do uso da linguagem realista, Nina sente a ausência e a angústia de ter perdido a avó. Nesse momento, em especial, a interação com o leitor abrange todas as idades. É muito provável que crianças e adultos tenham reações fundidas com a história de Nina, já que a morte nos conta sobre a vida. Ziraldo assim prossegue: “Quando a porta do seu quarto foi aberta, finalmente com força e ansiedade, lá dentro, Vovó dormia serena como viveu. Vovó dormia para sempre” (p.27).

A temática da morte, ainda que uma presença certa em nosso universo humano provoca dor e sofrimento àqueles que perdem entes queridos. De acordo com Coelho (1982), “[...] a morte passa a ser vista como a suprema metamorfose da vida, embora permaneça invisível aos olhos” (COELHO, 1982, p.8).

A ilustração que dá continuidade à história é a de Nina chorando. De seus grandes e amendoados olhos castanhos brota uma lágrima densa. Frente à revolta de Nina, o narrador traz uma esperança, escrevendo, com letras garrafais: “Mas espere Nina, espere, por que há duas razões para você não chorar” (p.33).

Ziraldo apresenta, como primeira opção, o sonhar como possibilidade do fim da existência humana com a morte; a segunda, com a ideia de a avó estar vivendo em outro plano, de sorte que poderia, então, ver Nina crescer. As duas possibilidades estão vinculadas ao caráter religioso e cada uma pode ser interpretada de acordo com a orientação do leitor. Mas, aqui, arriscaremos algumas outras leituras possíveis.

“Dos dois jeitos desse adeus é que a gente inventa a vida”, enfatiza Ziraldo (p.37), em seu livro. Renasce em Nina uma pulsão para o viver e para o sonhar. Seja qual for a crença que Nina escolheu para prosseguir, ela pôde levar consigo as memórias de sua avó e recontar as histórias que construíram juntas.

Encontramos, com Ziraldo, Vovó Vivi e Nina, histórias de (re)descobertas. Uma mulher que se descobre avó, um bebê que descobre a vida. Um autor que descobre uma alternativa frente à experiência dolorosa da morte de sua esposa. Com nascimentos e renascimentos, Menina Nina descobre ainda muito cedo a dor da perda. A menina, através da continência de seu avô-escritor, pode sentir-se abraçada e escolher um caminho para continuar a viver.

Nina e Vivi são sujeitos inconscientes incompletos que simbolizam seus desejos embalados por uma dinâmica pulsional em um meio cultural que já havia sido apresentado pela interação familiar. Formam uma unidade de representação de nosso funcionamento psíquico.

Foi preciso um espaço e um tempo geracional para que as relações intergeracionais se estabelecessem. Esse espaço é constituído pela cultura, que, segundo Goldfarb, 2004, “[...] acalma as interrogações humanas sobre a origem e o destino e solidifica a identidade” (p.142). Ou seja, por intermédio da interação com o meio familiar e, por consequência, com o social, houve o tempo para vislumbrar um futuro.

Entendemos que Nina, renascendo para a vida, cumpre a função familiar de investi-la narcisicamente e a prepara para a separação psíquica, de fato, porque a separação de Nina foi real e não apenas simbólica, mas ainda se cumpriu a inserção no meio cultural através do contato com a realidade, a menina teve que vivenciar o luto. “Redesenhei suas ilustrações uma dezena de vezes [...] limpar as manchas das minhas tintas, dos meus velhos ecolenes, para pintar os cenários de minha própria vida” (ZIRALDO, 2002, epílogo).

O autor buscou nas palavras compor rimas e versos para a elaboração do luto vivido pela morte de sua esposa Vilma. Ziraldo (2002) nos conta, ao final de seu livro, que precisou de mais um ano para conseguir expressar em palavras o que estava sentindo. Esse tempo de maturação e recolhimento do autor, ao término desse livro, pode ser compreendido pelo pensamento psicanalítico de que o vazio da palavra simboliza a fenda no imaginário, não havendo como nomear aquilo que não foi vivido ou imaginado. Nas palavras de Maud Mannoni (1995, p. 57), “[...] a morte, na medida em que se assemelha ao *inominável*, deixa o sujeito sem palavras para abordar aquilo que o toca na provação que ele partilha com o enlutado” (grifo da autora). Ao vivenciar a dor da perda, o psíquico também se perde, havendo um tempo para recomposição (FREUD, 1917). Nesse processo de elaboração do luto –situado no campo do princípio da realidade (FREUD apud MANNONI, 1995), pois há uma separação do objeto que passa a não existir mais – é preciso realizar um trabalho de desinvestimento libidinal do objeto, o que é certamente um processo difícil, uma vez que parte de si mesmo se vê perdida no objeto amado. No caso de Nina (e do próprio Ziraldo, obviamente), diante da dor da perda, uma das saídas possíveis é a reinvenção da vida, ou seja, elaborando o luto

e resignificando a relação com sua avó, agora presente nas memórias e no legado transmitido pela vovó Vivi.

Ziraldo (2002) concebe uma literatura que permite um refrigério para a dor da perda e da ausência, por meio do sonhar. Segundo a interpretação de Bromberg (1998), a morte com toda sua densidade é um assunto que deve ser apresentado às crianças de acordo com a realidade vivida e com seu amadurecimento, fatores estes que influenciam o significado que cada criança pode imprimir a sua experiência. A autora pontua que a maneira com que o meio familiar conduz a educação da criança sobre a morte é decisivo para a elaboração do luto e, por consequência, para a formação de uma identidade frente ao movimento cíclico da vida, de formação e rompimentos de vínculos.

Correa (2011) nos lembra de que, na sociedade ocidental, as crianças são “poupadas” da despedida de um ente querido, havendo também uma negação do luto infantil. Nesse contexto, a obra de Ziraldo (2002) vem respeitosamente dialogar com o público infanto-juvenil. Em sua vivência e em seu livro, o autor pôde resignificar e homenagear uma avó através da descrição da importância dessa figura no meio familiar e na importância na formação da identidade da neta. Nesse ensejo, Ziraldo, Nina e o leitor, cada um a sua maneira, pode representar psiquicamente um elo que não se desfaz com a despedida da vovó Vivi, porque certamente ela ocupará um lugar na memória.

Em especial, nessa obra, o autor reforça a importância dos avós no contexto familiar e social, por sua própria experiência, uma vez que pôde desfrutar da convivência de suas avós, descrita por ele e considerada por nós como um celeiro psíquico: “São avós que conheço muito de perto, fui muito bem servido de avó, no colo de quem dormi até quase alcançar cinquenta anos de vida” (ZIRALDO, 2002, epílogo, s/p).

A literatura possui uma linguagem que cabe em todo e qualquer idioma: a do afeto. Através dele, sonhamos com um encontro de escuta entre diferentes gerações (entre crianças que imaginam um mundo e avós que já puderam caminhar sobre ele) que possibilite um acolhimento infantil para avós e velhos, onde, por meio da partilha de histórias, se descortinem possibilidades de construção, resignificação e elaboração de subjetividades. Sonhamos ainda que a velhice ganhe olhares compreensivos da infância e, juntos, conquistem com essa interação uma bagagem afetiva gratificante, pela valorização das diferenças e da compreensão da nossa história individual e social.

E, com uma linguagem poética que soletra emoções, nos despedimos de Ziraldo para um “dedinho de prosa” com Cora Coralina.

4.3 Ana e Cora: contornos de uma “vida obra”

Se você quiser, moço, / vem comigo: / Vamos
[...] sair debaixo das pontes, / dar que falar / às bocas de Goiás.
(CORALINA, 2001, p.102).

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889/1984), nascida em Goiás Velho, foi caçula de três irmãs e viveu com sua mãe, avó e bisavó, devido ao falecimento de seu pai um mês após seu nascimento. Narra sua infância com melancolia e atribui sua aspiração para a escrita e para um olhar crítico ao seu meio social à sua mãe, segundo ela, uma mulher politizada.

A poetisa e contista por natureza e doceira por vocação rompe com os conceitos e preconceitos de sua época, rompe a si mesma e decide ser Cora Coralina, aos 14 anos de idade. A escolha de um pseudônimo reflete seu desejo em buscar sua subjetividade e imprimir sua autenticidade em prosas e versos. Segundo ela, havia em sua época uma infância silenciosa, sem direito e reconhecimento, o que a motivou a escrever para as minorias marginalizadas, como crianças, velhos, lavadeiras, prostitutas (BRITTO, 2009). Mesmo com seu pouco estudo, pois Cora só frequentou os primeiros quatro anos do primário, ainda no início de sua adolescência, publica suas obras em jornais locais, mas só possui reconhecimento nacional com o lançamento de seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, em 1965, com 75 anos de idade (DELGADO, 2005).

As paisagens naturais e arquitetônicas, como as ruas e os becos de Goiás que a rodeavam, serviam-lhe de matriz simbólica para a discussão de sua realidade, assim como o Rio Vermelho, que tem seu leito como vizinho da casa em que residiu, na infância. Tanto que se define como o rio, e a vida como um movimento contínuo. Sua obra é construída como uma narrativa biográfica (CAMARGO, 2002; BRITTO, 2009; MELO, 2011), assim como seu livro infantil, que apresentamos no próximo tópico.

Cora sobrepôs seus desafetos familiares, fugindo de casa aos 22 anos com Cantídio, seu futuro marido e pai de seus 6 (seis) filhos, dois deles mortos logo após o parto. Em um painel estampado em sua antiga casa, hoje transformada em museu na cidade de Goiás, um verso de Cora retrata um pouco de sua audaciosa história de vida, de seus desafios e enfrentamentos, especialmente ao partir da cidade para viver uma história de amor com um homem que era casado:

Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos
Rica de imensa pobreza
que me limitava
Entre oito mulheres que me governavam.
E eu parti em busca do meu destino.
(CORALINA apud DELGADO, 2005, p. 107).

Como diz a sabedoria popular, a vida é feita de escolhas e, com base em alguns relatos biográficos (CAMARGO, 2002; DELGADO, 2005; BRITTO, 2009), pode-se concluir que Cora Coralina fez as suas e, com elas, construiu sua existência, tendo as palavras e a poesia como uma das vias de produção de sentido para o vivido. Teve uma vida de lutas, definida por uma vida de pedras. Residiu no interior do estado de São Paulo, na cidade de Jaboticabal, por muitos anos; com morte de seu marido, recorre à venda de livros e linguças para sobreviver. Retorna a Goiás depois de longos e saudosos anos (mais precisamente, após 45 anos), com dificuldades financeiras e descobre seu talento como doceira, para sustentar seus filhos. Aliás, ela se considerava melhor doceira que escritora. Se suas poesias já são saborosas ao olhar do leitor, imaginamos o quão especiais deveriam ser seus doces. Escrevendo ou cozinhando, as mãos de Cora Coralina parecem sempre estar se doando ao mundo:

Minhas mãos doceiras
Jamais ociosas,
Fecundas. Imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar.
[...] (CORALINA apud DELGADO, 2005, p. 111).

E foi com a venda de seus doces que passou a vender seus livros e divulgar sua literatura (DELGADO, 2005). Seu reconhecimento foi consagrado em meados de 1980, com as palavras do também poeta Carlos Drummond de Andrade, escritas em uma carta a ela destinada:

Minha querida amiga Cora Coralina: Seu "Vintém de Cobre" é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia [...]. Texto extraído do livro *Vintém de cobre* (Meias confissões de Aninha) São Paulo: Global, 2001, p. 174).

Ouro de mina, sua escrita nos permite degustar suas palavras cozidas em suas obras com uma simplicidade adocicada. Cora polvilhou palavras para sorrir, refletir e transmitir. Segundo sua biografia contada por seu neto⁴, Cora, já perto da morte, preocupava-se em deixar um ato de coragem a seus filhos e também com a memória que a eles seria deixada e transmitida, tanto que nos lega uma obra destinada à literatura infantil, da avó Cora Coralina a sua neta. Impossível para nós não apresentarmos uma de suas poesias, extraída de um de seus livros mais conhecidos e que mostra muito bem o convite à reinvenção da vida, transformada em poema:

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

(*Vinténs de Cobre*: meias confissões de Aninha. São Paulo: Global, 2001).

⁴ Programa Produzido pela TVE Brasil e exibido pelo canal You Tube, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=oQj6wB_HGK4. Acesso em: 24 fev. 2014.

4.4. A menina, o cofrinho e a vovó

O livro *A menina, o cofrinho e a vovó* é uma história autobiográfica que Cora, aos 78 anos, escreve especialmente para sua neta Célia. Em sua obra, a autora dedicou alguns de seus escritos ao público infantil, lançando ao todo cinco livros para crianças, que são: *A moeda de ouro que um pato engoliu* (1982); *Os meninos verdes* (n/d); *O prato azul pombinho* (n/d); *Os cocadas* (n/d). Mas queria deixar registrado na memória do tempo a importância da relação com sua neta. Novamente, a nossa escolha por Cora (assim como elegemos Ziraldo) também se fez por ser uma escritora avó. O livro escolhido, em especial, assim como a prosa da autora, com uma linguagem simples e de fácil entendimento, sensibiliza crianças e adultos.

Simbolizada como uma ponte entre a velhice de Cora e a infância de Célia, essa narrativa nos traz importantes elementos para a discussão sobre a relação entre gerações e a primazia desse contato. Vamos à história. Nela, uma velha avó, que vivia sozinha por opção, precisava se sustentar. Decidiu se arriscar como doceira, já que havia aprendido o ofício com suas tias. Trabalhou muito, dia e noite, lutou e perseverou. Porém, o sabor especial e inigualável de Cora vem com uma singela ajuda de neta Célia que doa à avó suas economias para a compra de uma geladeira para conservar seus doces. Conservados, assim, ficaram os laços afetivos e simbólicos entre duas gerações.

Logo na capa do livro, encontramos um simbolismo que sugere sua leitura. Em sua ilustração, há uma avó com seus cabelos brancos delicadamente presos em forma de coque, uma feição e um olhar ao horizonte, dessas imagens que sugerem uma pessoa que tem muitas histórias para contar. Com roupas discretas, em uma das mãos segura uma pequena bolsa de moedas e, na outra mão, um pequeno guarda-sol.

Nessa história, a avó e a neta não têm nomes, oferecendo aos pequenos leitores uma fenda para o exercício da imaginação e da fantasia. Cada um, de acordo com sua história de vida, poderá atribuir-lhe um nome e uma idade que lhe satisfaçam. Na pequena bolsa da avó cabem muitas histórias, sonhos, segredos e riquezas, os quais podem ser protegidos em toda a extensão de seu pequeno guarda-sol.

E assim a avó-autora narra sua história. “Era uma vez uma velha que morava sozinha numa cidade muito antiga e tinha uma casa-grande na beira de um rio, um rio atravessado de pontes e cheios de estórias” (CORALINA, 2009, s/p).

A avó se autodenominava velha e morava sozinha por opção. Logo no início, chamamos a atenção para a descrição de uma velhice que se assenta no signo do “velho” e, contrariamente ao que hoje se desqualifica essa palavra, enquanto usado, gasto e inútil (PEIXOTO, 1998; CORREA, 2009), este “velho” de velhice nos sugere outros sentidos, mais atribuídos à experiência, à sabedoria e outros. Tal estratégia discursiva da autora está na contramão dos discursos sociais, pois essa avó demanda sua identidade, vivendo à sua maneira e encontra na velhice e na avosidade a possibilidade (e não a restrição) de resgatar as raízes de sua história a elaboração sobre sua vida.

A escolha da grafia por “estórias” é um elemento gramatical do estilo literário de Cora Coralina. Para ela, o registro de uma história é o mesmo que desvelar um passado assumindo uma posição crítica em relação ao mesmo. Revelando assim um desejo eminente de transmissão de sua literatura, segundo a interpretação de Yokozawa (2009, p. 200-201,) “[...] pode-se dizer que, em Cora, a estória não quer ser história. A estória, nela, é contra a história. Contra uma história e uma memória coletiva uniformizadora e agressora”. Mais uma vez, recorremos à suas palavras, às suas estórias, que ganham vozes com sua poesia:

Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da Vida
recria e poetiza sua própria
Vida.
Este livro
foi escrito por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.
Este livro:
Versos... Não
Poesia... Não,
Um modo diferente de contar velhas estórias.
(*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, p. 41)

E sua história de poetiza se concretiza através do alimento, onde Ana e Cora nos falam da maturação psíquica, em que, mesmo com a distância, podiam trocar seus conteúdos e constituíram uma moeda de troca. A neta proporcionou um reconhecimento simbólico à avó, recolocando-a na trama edipiana e no recebimento de investimento simbólico. Com representação familiar, por meio de sua neta, a avó busca sua história e

seu destino, revelando-nos as incertezas, os limites e os obstáculos que a acompanharam em toda a vida, onde um complexo edípico e um contorno narcisista operam em todo o processo de envelhecimento e velhice. Assim como o curso do rio que batia a sua porta, a vida movimentava-se.

A velha tinha filhos. Tinha netos e bisnetos e todos moravam em cidades diferentes, bonitas e movimentadas e progrediam e criavam suas famílias com amor. A velha morava longe e sozinha. Não por nada. “Queria viver simples, sua vida, sua maneira, ao seu gosto e por isso se fez longe, na terra onde nasceu e onde tinha suas raízes fortes e vivas”. (CORALINA, 2009, s/p).

Nesse contexto, esse retrato de avó e de velhice caminha ao encontro das desmistificações propostas por Minayo (2011) e apresentadas no primeiro capítulo, sobretudo na questão da autonomia do idoso, que abrange ainda questões econômicas, sociais e referentes à saúde. Cora presenteia a infância com uma avó que tinha um envelhecer saudável e um futuro possível.

A avó recorre às raízes vivas da cidade e da casa onde passou sua infância e juventude, para redescobrir uma maneira de poder se sustentar. E retoma, então, uma receita de doce, herança de família que havia aprendido ainda menina, uma herança cultural que (res) significou seu presente. Essa herança iria muito além de bens materiais perecíveis e que podem se esvaír pela gastura da moeda ou da ação do tempo sobre objetos, terras ou edificações. Trata-se da herança de um doce, de uma “receita” de vida que é matéria a ser trabalhada diante das amargas adversidades, as quais, às vezes, se colocam no caminho da existência. Receita simbólica que é transmitida, elaborada e “laborada”: “[...] e começou. E mexe e vira e revira, acerta, faz e refaz, embalou mesmo. A velha era enérgica e de saúde rija. Trabalhou com fôlego de sete gatos” (CORALINA, 2009, s/p).

Não há como não resgatar a biografia da autora, na análise de sua obra. Cora compreendia que o sonho não tem idade, bem como o desejo e a energia que movimenta o físico e o psíquico, movida por um desejo atemporal.

Recorrendo a sua memória construída em família, a avó precisava de um tacho de cobre especialmente antigo. O termo “antigo”, que pode facilmente ser associado a velho, em seu sentido pejorativo, se torna ouro de mina, valorizado e perpetuado.

Também os elementos da natureza emprestam a poesia, a força e a fertilidade de seu trabalho: “E foi indo. E foi indo e foi dando. Deu muito bonito sol e deu muito boa chuva. Deu noite e deu dia” (CORALINA, 2009, s/p). Referindo-se ainda ao ciclo da existência, vemos uma velhice que, passada a primavera da vida, colhe os frutos do outono do envelhecer: “As árvores brotaram flores e as flores viraram frutas de que a velha fazia doce” (CORALINA, 2009, s/p).

Sua experiência, cristalizada em doces de frutas, metamorfose que alude ao envelhecer com elementos de realidade, com suas mãos cansadas e a necessidade do trabalho árduo para o público, compõe uma prosa prazerosa. A arte culinária, constituída pelos alimentos, funda uma linguagem do afeto necessário para a constituição da vida perpetuado culturalmente. “[...] (os doces) vão até o estrangeiro. Já foram saboreados na Riviera Italiana, na América do Norte, em Chicago” (CORALINA, 2009, s/p).

Viver sozinha também lhe trouxe ônus. Simbolizadas pelo preparo de um de seus melhores doces, Cora tinha suas mãos queimadas pelo figo quente, mas ainda assim os preparava com muito esmero, incorporando a dualidade pulsional, diante dos prazeres e conflitos assim como concebido por Freud (1905) na teoria edípica. “Pior mesmo do trabalho era a descascação dos figos, doce que todos queriam e que a velha fazia como ninguém. Descascar figos ferventados, um a um... Um pequeno canivete, um monte de frutinhas de pele áspera à espera...” (CORALINA, 2009, s/p).

Mexer, misturar, apurar, o doce se fazia. A infância em um lento movimento também apura sua fantasia em contato com a realidade e a velha avó integra sua realidade interna e externa, misturando o presente, o passado e cozendo um futuro. E, por seguinte, pôde comprar novos tachos sempre preferindo o “velho” cobre, um “velho” nobre dotado de tamanha beleza.

Então a velha ganhou dinheiro. Comprou tacho, tachos. Todo tamanho, sempre com o cobre antigo, velho. Asas de bronze. Mandava cigano soldar aformoseado, à moda deles, na perfeição bonita que marca as emendas e consertos de estrias, laivos amarelos. Enfeita o róseo do velho cobre. Areado, reluz em lindeza. (CORALINA, 2009, s/p).

Como já frisado, essa é uma história autobiográfica: seus tachos representam sua vida, cada tacho que pode comprar representa uma fase, tanto que colecionou 14 tachos, simbólicos catorze que remetem a seu renascimento aos 14 anos de Ana para Cora.

Hoje a velha tem catorze tachos em tamanhos todos. Nem usa tantos. Simbolismo. Ela fala, recusa a venda. Vê lá... Deixará, quando morrer, para filhas, netas e bisnetas. Símbolos vivos de seu trabalho produtivo. Ensino. Lição. Lição de vida. “Sempre proveitosa” (CORALINA, 2009, s/p).

Cora transforma tacho de cobre em poesia; da herança material à herança simbólica, a autora define a transmissão psíquica entre gerações. Como apresentamos no primeiro capítulo, trata-se de uma herança que é composta por lembranças, memórias e experiências do passado no presente, de modo a vislumbrar igualmente uma descendência no futuro (REDLER, 1986; BARROS, 1987; VITALE, 2010; OLIVEIRA, 2009), da mesma maneira que a autora e personagem deixará seus tachos, aparatos simbólicos e vivos entre as gerações. Nesse pensamento, temos ainda a passagem do tempo que se concretiza com as novas identidades entre filhas, mães avó e bisavó, que Cora descreve como lição de vida, sua marca de evolução em um período histórico. A interação entre avós e netos produz conteúdos que podem ser aformoseados pelo encontro, um bonito reflexo do que foi vivido e poderá ser transmitido e perpetuado, nas palavras de Cora, de uma forma “sempre proveitosa”.

As ilustrações dessa obra (de autoria de Claudia Scatamacchia) reproduzem a arquitetura da casa de Cora e da cidade de Goiás, levando-nos a saborear o prazer da leitura. São gravuras compostas por cores claras, mas que têm vivacidade, com movimento cíclico, assim como o mexido da colher de pau no tacho, harmoniosamente pinceladas conforme a sensação despertada pelo enredo. Cora sempre recorre à memória material de seu contexto, integra e estima a memória imaterial como um patrimônio a ser transmitido.

Mas ainda faltava a concretização de que seus feitos e doces seriam conservados. A avó precisava de uma geladeira, uma condensação de seus sonhos: retratar um tempo e um olhar através da arte de adoçar a vida com seus doces e palavras. Uma escrita definida como simples, que, em suas palavras, amortiza as dívidas impostas pela vida, ou (a nosso ver) poeticamente nasce um neologismo vindo das palavras amor e eterniza.

Cabe, a esta altura, explicitar para o leitor que não está de posse do livro que já passamos da metade da história. A avó-autora primeiramente se apresenta, sendo possível compreender a representação do tempo de um doce “apurar” e chegar ao ponto de cozimento. Cora já tinha sido filha, mãe, avó e bisavó, e, nesse momento, narra um importante encontro com sua neta que não seria tão intenso, se não conhecêssemos seu passado. É quando as visitas chegam: filha, genro e netos.

A dimensão temporal e simbólica é então expressa pela ação de uma neta “redonda, cabeludinha e afirmada”, que doa suas parcas economias e ajuda no pagamento da geladeira. A história não conta o nome, a idade e a história que as duas já haviam compartilhado, mas sabemos que era uma neta a qual possuía os atributos necessários para uma relação de trocas, um doar-se sem esvaziamento. Um gesto que fala por si, simples e inocente como flor.

E quando a avó, comovida, falou: - Você me dá seu dinheiro e fica tão pobrezinha... Ela, a menininha, respondeu inocente, simples como uma flor: - “Eu ajunto outro, vovó”. Nas palavras da neta nos deparamos um futuro ainda em forma de botão, e nas palavras da avó: “Querida e sempre lembrada neta de tantos predicados, de tanto nobre sentir... sensibilidades... a cachorinha apanhada na enxurrada... a roça de milho, arroz, feijão, alpiste... as mudas apanhadas ao léu dos passeios, plantadas e cuidadas... Tudo, tudo revelador de uma personalidade de botão”. (CORALINA, 2009, s/p).

E a avó, com a ajuda das moedinhas advindas da economia da neta, pagou sua geladeira e prosperou. Sonhos que foram fertilizados, cuidados, deram frutos como as jovens figueiras de Cora em produção. As moedinhas da neta foram adubos na busca de uma subjetividade em plena formação ainda na velhice, assim como os figos com fina e áspera casca lhe rendiam os melhores doces. A autora possibilita, assim, a crianças e adultos, seja no ambiente familiar, seja no escolar, saborear um livro com as paisagens de Goiás, coloridas com nuances de cor de abóbora alimentando o imaginário com um encontro gratificante.

Cora e Célia, sua neta, a quem ela dedica o livro, são representantes de uma vida/obra de sabor inesquecível, que estimula as funções do pensamento como a arte culinária. Se empregarmos a concepção psicanalítica do aparelho psíquico, as paisagens descritas e ilustradas no livro, como a ponte, o rio e casa de Cora, são representantes sociais e fontes concretas de identificação e formação de personalidade. As figueiras em produção e todas outras árvores frutíferas são representantes do ciclo vital (seja ele

freudiano, seja eriksoniano), pois necessitam de chuva e de sol, necessitam do afeto como fertilizante para nutrição dos vínculos. Dessa maneira, Cora e Célia coseram juntas uma compota de memórias que adoça o desejo de permanência, representada simbolicamente por uma geladeira, que tudo conserva.

E, assim termina a história: “Célia, minha neta, guarde bem esta estorinha tirada do real. Ela saiu toda do velho e cansado coração da Vovó Cora. Goiás, 15.12.67”.

Como escritora, doceira, avó e tantas outras mulheres que habitavam Cora Coralina (basta recordar o poema “Todas as Vidas”⁵, de sua autoria), chama-nos a atenção, tanto na escrita quanto em seus registros biográficos, a capacidade de se reinventar, de produzir sentidos e subjetividades, no encontro com o outro, ainda mais especialmente na velhice. Do “velho e cansado coração da Vovó Cora” brota a poesia da vida, que é herança cheia de gosto e sabor, conservada e guardada pela pequena neta Célia. Ao doar suas economias, moedinhas praticamente simbólicas diante do valor real do objeto a ser comprado, uma geladeira para melhorias nas condições de produção do doce, a netinha estabelece uma relação de troca muito mais valiosa do que qualquer moderna geladeira no mercado. Ali, avó e neta trocam afeto, história, sentidos e valor ao trabalho, ao que é velho e novo, ao que permanece e se transforma entre o passado e o futuro.

Convidamos o leitor, neste quarto capítulo, a uma conversa sobre os avós e os netos, a construção de si e do mundo, através da Literatura infantil, e fomos alinhavando os fios que ligam gerações e cosendo as histórias de vida e da obra do avô Ziraldo, da Vovó Vivi e da Vovó Cora, os quais dialogaram com a infância (e com adultos) sobre a importância de compartilhar experiências e histórias de vida, em diferentes idades.

Consideramos que o (a) avô (a) que conta suas histórias e a criança que as escuta e as internaliza ambos são beneficiados. Por fim, a literatura, com sua potencialidade

⁵ Reproduzimos alguns trechos do longo poema publicado no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*: “Vive dentro de mim/uma cabocla velha/de mau-olhado,/acocorada ao pé do borralho, /olhando pra o fogo. [...]/Vive dentro de mim/a lavadeira do Rio Vermelho,/Seu cheiro gostoso /d’água e sabão. [...]/Vive dentro de mim /a mulher cozinheira. /Pimenta e cebola. /Quitute bem feito. /Panela de barro. /Taipa de lenha. /Cozinha antiga /toda pretinha. [...] /Vive dentro de mim a mulher do povo. /Bem proletária. /Bem linguaruda, /desabusada, sem preconceitos, /de casca-grossa, /de chinelinha, /e filharada. /Vive dentro de mim /a mulher roceira. /-Enxerto da terra, /meio casmurra. /Trabalhadeira. /Madrugadeira. /Analfabeta. / De pé no chão. /Bem parideira. /Bem criadeira. /Seus doze filhos. /Seus vinte netos. / Vive dentro de mim /a mulher da vida. /Minha irmãzinha... /tão desprezada, /tão murmurada... /Fingindo alegre seu triste fado. / Todas as vidas dentro de mim: /Na minha vida/ – a vida mera das obscuras”.

criadora e reprodutora de informações, possibilita um elo entre avós e netos, por meio de dois de seus representantes, cada um com seu estilo, os quais conduziram com maestria a fusão de se tornarem escritores-avós que se destinaram a compor uma obra para seus netos e também para todos os filhos, pais e avós de todo o mundo.

Considerações Finais

Neste trabalho, mais precisamente em seu início, convidamos o leitor a uma viagem no tempo, com os avós e o relacionamento com seus netos como destino. Tais figuras a nós se apresentaram como um paradoxo de beleza pulsante, assim como a delicadeza da história de Menina Nina e nos “doces” parágrafos de Cora Coralina. Neste momento, chegou a hora do desembarque, de baixar as velas e pausar o cronômetro ou, quem sabe, contar o tempo a partir de outras histórias e encontros...

Em nosso diário de bordo, aqui configurado na presente Dissertação, fomos coordenando nossas indagações com leituras, reflexões e com o registro de nossas observações, a partir do material lido e pesquisado. Nessa travessia, pedimos licença ao tempo para “brincarmos” com suas dimensões, através da arte do encontro entre velhice e infância, que confeccionou uma poesia que refina a escuta e o olhar, as experiências emocionais e os simbolismos. Dessa forma, em nosso estudo, assim como o presente definido por Gurfinkel (2003/2004) se abre para o lacunar, entendemos que os avós e os netos se abrem para a partilha de experiências, construindo e reconstruindo significados os quais constituem a subjetividade de cada um, com aspectos singulares e plurais, integrando, desse modo, presente, passado e futuro com um movimento simultâneo.

Os avós foram especialmente proclamados como representantes da dimensão concreta da passagem do tempo, e isso nos levou a buscar pesquisas e referências para o estudo do envelhecimento da população, tema este que está na vanguarda de produções científicas.

Em respeito aos que viveram mais e carregam consigo marcas do tempo, reunimos aspectos históricos que permeiam os estudos sobre a velhice e disseminam práticas e saberes reproduzidos socialmente. Para fomentarmos nossa discussão, as pesquisas demográficas nacionais e internacionais permitiram-nos delinear o retrato de nosso país cada vez mais grisalho, com novas demandas e exigências. Alertamos, nesse sentido, para a necessidade não só de políticas públicas adequadas, mas também de uma produção de estudos na ciência psicológica que compreenda as reais necessidades de um país envelhecido, com um olhar integrador, com uma prática que faça frente aos discursos normativos os quais estrangulam subjetividades e desejos.

Compreendemos, portanto, a vida como um ciclo constante. Em cada fase, ela ganha um contorno especialmente vivo e intenso (segundo as palavras eriksonianas). Assim, os estudos sobre os avós são de fundamental importância para a compreensão das mudanças familiares e a configuração de sua dinâmica, na atualidade, com enfoque nas relações intergeracionais que realizam movimentos entre gerações, por meio da transmissão de seus legados psíquicos que passam de geração em geração.

A pesquisa bibliográfica realizada em nossa primeira escala acerca da inserção dos avós no contexto familiar propiciou o conhecimento de papéis e funções desempenhados por avós, na atualidade. As pesquisas relatadas, cada uma com seu objetivo específico, permitiram a junção de adjetivos aos avós, como suporte material, suporte emocional, cuidadores, educadores, origem familiar, afeto, cuidado. De acordo com os dados obtidos a partir dos vários estudos apresentados anteriormente, em nosso texto, comprovamos que, no contemporâneo, há mudanças na estrutura das cadeias geracionais que demandaram aos avós ofícios cunhados pela autoridade, pelo afeto, educação e cuidado dos netos.

Dessa forma, os legados psíquicos construídos e reproduzidos no contexto familiar por memórias e experiências caracterizam a primazia simbólica, ao referenciarmos os avós, um porto seguro e continente à espera de reconhecimento.

Reconhecidamente, faz-se o simbolismo para a Psicanálise, território em que aportamos no nosso segundo capítulo, o qual possibilitou o encontro entre a dimensão simbólica de avós e netos com a Literatura Infantil. Recorrendo à recomendação literária da compreensão de linguagens metafóricas, a literatura se faz como um instrumento de comunicação entre diferentes metamorfoses, de descobertas infantis que preenchem o psíquico e dão vida ao imaginário nas histórias do “era uma vez” e de adultos que buscam em suas narrativas uma explicação de sua origem e seu destino.

Navegamos na arte literária, passando pela transmissão oral, com os mitos, quando reforçamos a amplitude de seus recursos, configurados como um potencial veículo transmissor de valores sociais, culturais e familiares que abrangem diferentes gerações. A literatura, seja ela infantil, seja destinada ao público adulto, nos faz sonhar e metaforizar desejos em imagens, com uma gama de interpretações de caráter universal e também individual, permitindo-nos, com sua interação, oferecer ao imaginário um colorido subjetivo.

A literatura infantil, com sua base principalmente em intérpretes da cultura europeia, oferece um encontro do lúdico com os conflitos existenciais, quer pelas fábulas descritas em versos, como os de Cervantes, quer em histórias de memória popular representadas por Perrault ou pelos Irmãos Grimm, ou nos retratos sociais e pátrios de Andersen. Essas obras nos ajudam a construir uma visão de mundo, maravilhoso ou real, que compõem nosso psiquismo e nossa memória cultural transmitida pela oralidade, de geração em geração.

Em terras brasileiras, somos ricamente representados com um extenso acervo, tendo como um dos mais célebres representantes Monteiro Lobato, que integrou em suas histórias o contexto familiar e sua função de transmissão da cultura, ao formar pequenos leitores. Consideramos que as histórias transmitidas na infância configuram um campo de atuação para a formação de adultos críticos, criativos, conscientes da totalidade humana e hábeis na interpretação e elaboração de suas experiências. A literatura e suas narrativas se converteram no mediador entre avós e netos e, através do recurso simbólico, tornaram-se instrumento para exploração do universo psicanalítico.

Com uma nova paragem, encontramos as maravilhas de um novo mundo com a concepção psicanalítica da formação simbólica. Nesse ponto, pausamos temporariamente o relógio, para contemplar as metamorfoses que ocorrem durante toda a vida, dimensão temporal representada pelos avós que já ocuparam os lugares de filhos e pais, não que os tenham deixado, mas indiscutivelmente há uma evolução temporal. Com a ligação entre Literatura e Psicanálise, encontramos diferentes tempos verbais, onde presente, passado e futuro se tornam simultâneos com o inconsciente e com a constante interação de aspectos narcísicos com o renascer para a vida, no começo de cada dia. Em acréscimo, há a integração da identidade e aspectos edípicos, principalmente no contexto familiar, com a inclusão dos avós na transmissão de valores e desejos, por intermédio de vias simbólicas e afetivas.

Simbolizada por Narciso e Édipo, a integração de infância e velhice gerou uma memória e um futuro, de maneira que, com a reinvenção da vida proposta por Cecília Meireles (1983), trouxemos um simbolismo edificado pelas relações entre avós e netos para além da vida, “[...] pois de tudo fica um pouco. Fica um pouco do teu queixo no queixo de tua filha” (conforme escreve Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “Resíduo”).

De tudo, sempre fica na memória imagens, sons ou sabores de uma história, seja ela vivida, seja contada, através de um adulto, um professor, uma criança, mas cada um a guarda com uma intenção particular. Com as memórias de cada um, emprestamos as palavras de escritores avós, para falarem por nós sobre os vínculos construídos entre diferentes gerações resistentes ao tempo e à finitude da vida.

A literatura, na prosa e na poesia, com as obras *Menina Nina*: duas razões para não chorar, de Ziraldo (2002), e *A menina, o cofrinho e a vovó* (2009), de Cora Coralina, ofertou sentidos para sublinhar o protagonismo exercido pelas avós nas histórias. Histórias de vida retratadas na literatura e que se configuram em um potente instrumento de socialização e conscientização, a partir da infância, e de um respeito e valorização do envelhecimento, por meio dos avós.

Assim, seja qual for a constelação familiar no presente, sua constituição tem componentes de uma história transmitida e retransmitida a cada formação. E Vivi descobre-se avó e pode desfrutar, antes de sua morte, da interação com sua neta Nina, de sorte a construir um elo simbólico que se reafirma com o luto da menina. Ziraldo, enlutado pela morte de sua esposa, sensivelmente reconhece a importância desse contato, tanto para avó como para neta e também para ele, como uma forma de elaboração.

Uma reinvenção para o movimento contínuo da vida. As histórias e experiências de Vivi são levadas por Nina, por Ziraldo, por mim e por você, com um carrossel de emoções e descobertas. E, reinventando a vida já na velhice, Cora se apresenta como uma avó doceira, com mãos que concretizam a importância da transmissão de heranças imateriais, por uma receita simbólica, a gerações posteriores em forma de doces e de poesias.

Em *A menina, o cofrinho e a vovó*, destinado especialmente para a neta Célia, a autora Cora deseja “[...] ficar na memória das gerações que há de vir”. Juntas, construíram uma relação que ultrapassa a distância geográfica e instaura um encontro com vivências guardadas no cofre da memória, que pode ser transmitido e perpetuado, de “forma sempre proveitosa”, nas palavras de Cora.

Os avôs e as avós que apresentamos nessas obras construíram uma relação simétrica pelos vínculos elaborados em diferentes fases, integrando um reconhecimento

e um respeito pelas diferenças, em que a criança se torna um porta-voz de valorização dos avós e da velhice, viabilizados pela Literatura infantil.

Assim, antes de finalizarmos, enfatizamos a importância do desenvolvimento de pesquisas na área da psicologia que coloquem os avós no centro das preocupações, considerando que os laços intergeracionais contribuem para o entendimento das configurações familiares, no contemporâneo, e para propiciar discussões de políticas sociais para a infância e a velhice.

Por fim, a construção de si e do mundo se deu nas diferentes conjugações dos verbos viver, interagir e transmitir. Que nosso trabalho tenha despertado os sentidos, as memórias e o desejo pelo tema, pois sempre haverá uma história para contar e para sonhar. E os sonhos, como cantava o grupo mineiro pelas esquinas do Brasil afora, os sonhos não envelhecem...

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. 276 p.
- ARATANGY, L. R.; POSTERNAK, L. **Livro dos Avós**. 5. ed. São Paulo: Artemeios, 2005.
- ARAÚJO, C. P. de; DIAS, C. M. de S. B. Avós guardiões de baixa renda. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 4(2), São João Del Rei, jul. 2010.
- _____. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia**, 7 (1), 91-101, 2002.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ATTIAS-DONFUT, C.; SEGALIN, M. **Grands parents: La famille à travers les générations**. Paris: O. Jacob, 1998.
- BARROS, M. M. L. Envelhecimento, Cultura e Transformações Sociais. In: PY, L. et al. (Orgs.). **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004.
- _____. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, A. L. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999, p. 11-40.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. Tradução de Arlene Caetano. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BIRMAN, J. **Estilo e Modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiróz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRITTO, C. C. “Dar que falar às bocas de Goiás”: estratégias e repercussão do projeto criado de Cora Coralina no campo literário brasileiro. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n.27, p.339-357, 2009.

BROMBERG, M. H. P. F. “Ele não vai voltar?” A criança diante da morte. In: BERTOUD, C. M. E. et al. (Org.). **Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivos**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1998, p. 47-68.

CAMARANO, A. A. Mulher Idosa: suporte familiar ou agente de mudança. **Revista de Estudos Avançados**. São Paulo, IPEA, p. 35-64, 2003.

_____. **Envelhecimento da População Brasileira**: uma contribuição demográfica. Texto para discussão 858. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

_____. (Org.). **Muito além dos 60**: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

_____.; EL GHAOURI, S. K. Idosos brasileiros: que dependência é essa? In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Muito além dos 60**: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 2003.

_____.; KANSO, S. **Perspectivas de Crescimento para a População Brasileira**: Velhos e Novos Resultados. IPEA: Texto para Discussão nº 1.426, Rio de Janeiro, 2009.

_____.; KANSO, S.; MELLO, J. L. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Como vive o idoso brasileiro?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARGO, G. F. O. Poesia e memória em Cora Coralina. **Signótica**, 14: 75-85, jan./dez. 2002.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da Literatura Infantil**: dinâmica e vivências da ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, N. N. **O conto de fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

_____. **A literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Guirion; Global, 1982.

CORALINA, C. **A menina, o cofrinho e a vovó**. Global: São Paulo: 2009.

_____. **Vintém de Cobre - Meias confissões de Aninha**. Global: São Paulo, 2001.

_____. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 20. ed. São Paulo: Global, 2001.

CORREA, M. R. **Ensaio sobre a relação do homem com a morte**. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Assis, 2011.152f.

_____. **Uma cartografia do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

_____. **Uma cartografia do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2008.

CORSO, D.; CORSO, M. **Fadas no Divã**: Psicanálise nas histórias infantis. Porto

Alegre: Artmed, 2006.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

DELGADO, A. F. Museu e memória biográfica: um estudo da Casa de Cora Coralina. **Sociedade e Cultura**, V. 8, n. 2, p. 103-117, jul./dez. 2005.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, C. M. S. S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em Estudo**, p.55-62, 2003.

DIAS, C. M. S. B. A influência dos avós nas dimensões familiar e social. **Revista Symposium**, 6, n 1 (2), 34-38, 2002.

_____. A importância dos avós no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 10 (1), 31-40, 1994.

_____; AGUIAR, A.; HORA, F. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais, **Psicologia: Teoria e Prática**, 12 (2), p.188-199, 2010.

_____; COSTA, J. M.; RANGEL, V. A. Avós que criam seus netos, circunstâncias e consequências. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família**. Rio de Janeiro: PUC, 2005. p. 158-176.

_____; SILVA, D. V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família, entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 2009. p. 118-149.

ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronense. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. O nono estágio de desenvolvimento. In: ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronense. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

EIZIRIK, C. L.; CANDIAGO, R. H.; KNIJNIK, D. Z. A Velhice. In: EIRIZIKI, C. L.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. S. (Org.). **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FALCÃO, D. V. S.; SALOMÃO, N. M. R. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 2, abr/jun 2005.

FALCÃO, D. V. S.; DIAS, C. M. S. B.; MALUSCKE, J. S. N. F.; SALOMÃO, N. R. As relações familiares entre as gerações: possibilidades e desafios. In: FALCÃO, D. V. S.; DIAS, C. M. S. B. (Org.). **Maturidade e velhice; pesquisas e intervenções psicológicas** (Vol. 1). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 59-80.

FERES B. S. **Leitura, fruição e ensino com os meninos de Ziraldo**. Niterói: Editora da UFF, 2011.

FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família, entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 2009. p. 24-32.

FISCHER, L. R. Transition to grandmotherhood. **The International Journal of Aging and Human Development**, 16, 67-78, 1983.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996, v. VII.

_____. Duas histórias clínicas: “O pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1909/1996. v. IX.

_____. A interpretação dos Sonhos. Primeira Parte. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996. v. IV.

_____. Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1910/1996. v. XI.

_____. Moisés e o Monoteísmo: três ensaios. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1939 [1934-1938] 1996. v. XXIII.

_____. Luto e melancolia. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915].

_____. Dois verbetes de enciclopédia – Verbetes A – Psicanálise. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1923[1922]/1996. v. XVIII.

_____. Introdução ao Narcisismo. In: _____. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Vol.1. Coordenação de Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 1914- 1916/2006.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 1963.

GAY, P. **Freud**: Uma vida para nosso tempo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. (Org.). **Psicogerontologia**. Vol. 5. Curitiba: Juruá, 2009.

GROISMAN, D. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1): 61-78, jan.-abr. 2002.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GURFINKEL, D. Sonhar e viajar: na vertical do estrangeiro. **Percurso**, 31-32, p. 79-82, 2004.

HADDAD, E. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

HASHIMOTO, F.; TEIXEIRA, M. A trágica história de *Iefimov*: um encontro entre Psicanálise e Literatura. In: CONSTATINO, E. (Org.). **Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Resultados da Amostra do Censo Demográfico**. (2010). Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: jul.2013.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio**. 2010. (PNAD). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010135709212012572220530659.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1955.

JUSTO, J. S. **Olhares que contam histórias: a fotografia como memórias e narrativas da família**. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2008.

KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S.O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 22(1),2006.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEITE, D. M. **Psicologia e Literatura**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.

LOPES, E. S. L.; NERI, A. L.; PARK, M. B. **Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Universidade Aberta da Terceira Idade, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

MACHADO DE ASSIS, J. M. **Contos**: uma antologia. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, v.1.

MANNONI, M. **O nomeável e o inominável**: a última palavra de vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MARÇOLLA, R. **Monteiro Lobato, contador e recontador de histórias de tradição oral**. 2005. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: jul. 2013.

MELO, M. I. S. **Rastros do vintém perdido**: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2011.

MEIRELES, C. **Problemas da Literatura Infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MEIRELES, C. **Obra poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

MEZAN, R. **Interfaces da Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MEZAN, R. **Tempo de Muda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MERCADANTE, E. Aspectos antropológicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.). **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizante. São Paulo: Ateneu, 1996.

MINOIS, G. **História da velhice no Ocidente**: da antiguidade ao renascimento. Lisboa: Teorema, 1999.

MINAYO, M. C. S. Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. In: TRENCH, B; ROSA, T. E. da C. (Org.). **Nós e o Outro**: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Org.). **Velhice bem-sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas: Papirus, 2004.

OLIVEIRA, A.; GOMES, L.; TAVARES, H.; CÁRDENAS, C. Relação entre avós e seus netos no período da infância. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, 12 (2), p. 149-158, novembro 2009.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas compartilhadas**: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (ONU). **A ONU e as pessoas idosas**. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/>. Acesso em: jul. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. (OMS). **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PASSOS, M. C. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família, entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 2009. p.11-23.

PAZIAN, R.; MATTIOLI, O.; A pesquisa científica e o método psicanalítico. In: CONSTATINO, E. (Org.). **Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. L. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 69-84.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C. Significados de família para crianças paulistas. **Psicologia em estudo**, vol, 13, , p.447-455, nº 3, setembro, 2008.

RADINO, G. **Contos de fadas e realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RAMOS, N. Minuano. In: BARTUCCI, G. (Coord.). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

REDLER, P. **Abuelidade**. Mas Allá de La Paternidade. Argentina: Legasa, 1986.

ROZENDO, A. S. Construção social do envelhecimento e experiências da velhice. Dissertação. 2010. 113 f. (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2010.

SAMPAIO, C. P. A incidência da literatura na interpretação psicanalítica. In: BARTUCCI, G. (Coord.). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

SCHRAMM, G. M. T. A.; MERCADANTE, E. Avós e seus netos: velhice ao lado da adolescência em conflito com a lei. In: CÔRTE, B et.al. (Org.). **O envelhecimento e velhice**: um guia para a vida. São Paulo: Vetor, 2006.

SILVA, D. V.; SALOMÃO, N. M. R. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. **Estudos de Psicologia**, 8(1), 135-145, 2003.

SILVA, L. R. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan-mar, 2008.

VERAS, R. Desafios e conquistas advindas da longevidade da população: o setor saúde e suas necessárias transformações. In: VERAS, R. (Org.) **Velhice numa perspectiva de futuro saudável**. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2001, p. 11-32.

VITALE, M. A. F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, A.; VITALE, M. A. F. (Org.) . **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez; CEDPR-PUC, 2010.

YOKOZAWA, S. F. C. **Alta poesia na autobiografia.** In: SILEL. **Anais...** Volume 1. Uberlândia, EDUFU, 2009.

ZIRALDO, A. P. **Menina Nina:** duas razões para não chorar. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

*Maria Rita e Luiz Carlos
(meus pais)*

e aos netos:

*Matheus e Thomás
(meus filhos)*

*Lara, Gabriel e Henrique
(meus sobrinhos)*

*Ao Gustavo,
Meu amado esposo.*

AGRADECIMENTOS

À Dr^a Elizabeth Piemonte Constantino, por seu acolhimento e afeto destinados a mim e a meu trabalho, possibilitando sua realização.

Ao Prof. Dr. Francisco Hashimoto, que, com maestria, une a construção do saber com o afeto. Agradeço por todo o acolhimento nos momentos difíceis, por toda sua orientação e acompanhamento da construção deste trabalho, pelo incentivo ao trabalho acadêmico e, principalmente, por seu olhar atento e carinhoso, que propiciou o primoroso encontro entre mim e minha coorientadora.

À professora Meyre Eiras de Barros Pinto, por sua disponibilidade e suas profícuas considerações, no momento do Exame de Qualificação.

À professora Gisele Gonçalves Melles de Oliveira, pela indicação da obra *Menina Nina*, um botão de generosidade que se abre em flor.

À professora Cristina Amélia Luzio, que oferta um olhar acolhedor desde a Graduação.

A todos os professores e funcionários da Pós-Graduação em Psicologia.

Agradeço a toda a turma do Mestrado, por nossos almoços recheados de risadas, discussões e reflexões que se tornaram fundamentais para a realização do trabalho acadêmico. Em especial, a Juliana Araújo, Adriana, Damaris, Cizina, Ana Lúcia e Tânia, por todo o incentivo.

À Barbara Sinibaldi, querida companheira de Pós-Graduação, por sua disponibilidade em acolher minhas dúvidas, sempre que solicitado, e por todo o carinho.

À Flávia Cristina Oliveira Murbach de Barros, querida amiga, que sempre me incentivou na construção do trabalho acadêmico e me acompanhou desde a construção do projeto, com suas leituras e indicações cuidadosas.

À Fernanda, Jéssica, Josie, Tatiane, Ana Beatriz e Larissa, do Grupo de Estudos sobre o Envelhecimento, por todos os aprendizados que compartilhamos.

Ao Gustavo, meu esposo, por tudo! Pelo carinho, paciência e incentivo à realização deste trabalho, como na vida que partilhamos. Não encontro palavras para agradecer meu parceiro de muitos sonhos realizados e pelas histórias que ainda sonhamos em construir.

Aos meus filhos, Matheus e Thomás, por me ensinarem a cada dia o que é amor. Por cada um, a sua maneira, me fazer acreditar em mim. Ao Matheus, que dizia que o “nosso” trabalho estava lindo, e ao Thomás, que sempre me levava um chá ou uma groselha, para me ajudar a “estudar”. Não existiria uma dissertação sem vocês.

Aos meus pais, Luiz Carlos e Maria Rita, por em cada momento oferecem o amparo e sustentação necessários. A minha amada mãe, pela torcida: por suas preocupações e orações, e pela valorização e incentivo ao trabalho acadêmico, nosso sonho se realizou. Meu querido pai, sinônimo de sabedoria, que se emociona e orgulha a cada passo que dou. Muito obrigada!

Aos meus irmãos, André, Fábio, e minha cunhada Tatiana, por todo o incentivo e ajuda no cuidado com meus filhos, em minha ausência.

À minha tia, Cássia Maria Cuencas, pelo apreço e incentivo à leitura. Por sempre me impulsionar ao caminho do conhecimento, do respeito à vida e ao próximo.

À Neila Maria Decanini, avó de meu esposo, que amorosamente se apresenta como minha avó: agradeço pelos laços de afeto que pudemos construir.

Aos meus cunhados Leticia e Vinicius, pelo incentivo, e ao André, pela rica contribuição com as traduções.

Aos meus amigos, em especial Nínive e Fernando, Paula e Luciano, e minha “grande” família, que compartilharam comigo cada etapa e me estimulavam com a expectativa do término.

Ao Rony, pela cuidadosa e dedicada revisão do texto.

Por fim, deixo registrada toda a minha gratidão e admiração à professora Mariele Rodrigues Correa, pela disponibilidade e parceria, nessa viagem de aprendizagem que pudemos desfrutar. Com um olhar e uma escuta generosa, ela me ofertou uma dedicada e poética orientação. A cada encontro e/ou *email*, semeava em mim o apreço pelo conhecimento. Um encontro e uma experiência que levarei por toda a vida. Obrigada!

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam [...]. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez esse seja o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem...

(João Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*.)

SILVA, C. C. F. M. **Os avós e os netos: um encontro de diferentes tempos verbais**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a compreensão das relações intergeracionais entre avós e netos na sociedade contemporânea. Para tanto, elegemos a Literatura Infantil, especialmente em obras que tratam a temática da relação entre avós e netos, como uma das diversas formas de manifestação da importância das trocas simbólicas exercidas entre gerações. Na presente pesquisa, selecionamos duas publicações direcionadas ao público infantil: *Menina Nina: duas razões para não chorar*, de autoria de Ziraldo (2002) e *A menina, o cofrinho e a vovó*, de Cora Coralina (2009). Adotamos a leitura psicanalítica como referencial para análise das obras selecionadas, uma vez que ela prima pela construção psíquica do indivíduo, sua concepção inconsciente e sua interação com o meio social e cultural, o que nos possibilita explorar e refletir sobre os vínculos tecidos entre gerações. No percurso da pesquisa, primeiramente discorremos sobre o envelhecimento da população mundial, que se apresenta na atualidade com um percentual em ascensão, e ainda refletimos sobre a atualidade do conceito de velhice. Elegemos os avós como um dos representantes do envelhecimento no século XXI e, para além do critério eminentemente etário, destacamos sua importância no exercício da função simbólica e do papel social que essas figuras têm na vida familiar. Buscando um elo entre avós e netos, encontramos na Literatura Infantil os subsídios necessários para examinar esta conexão, com sua maneira singular de comunicação e reflexão de diversos aspectos da subjetividade humana. Os conceitos psicanalíticos serviram-nos de base para o estudo das dimensões simbólicas do psiquismo e das relações intergeracionais entre avós e netos. Com a construção de um olhar psicanalítico, sintetizamos nosso trabalho com a análise das obras de Ziraldo (2002) e Cora Coralina (2009). Na primeira, a temática do luto na infância, com a perda da avó, traz importantes contribuições para a reflexão sobre a formação e rompimento de vínculos entre avós e netos. Na segunda obra analisada, prevalece a importância da transmissão de heranças imateriais, através de uma receita simbólica a gerações posteriores. Como resultado de nossas leituras, concluímos que a conexão entre a Literatura Infantil e a Psicanálise foi apropriada e fecunda para análise das interações familiares produtoras de um universo psíquico no qual infância e velhice são as principais protagonistas. Salientamos, ainda, a importância do desenvolvimento de pesquisas na área da Psicologia que coloquem os avós no centro das preocupações, considerando que os laços intergeracionais contribuem para o entendimento das configurações familiares no contemporâneo e para propiciar discussões de políticas sociais para a infância e a velhice.

Palavras-chave: Avós e netos. Psicanálise. Literatura infantojuvenil.

SILVA, C. C. F. M. **Os avós e os netos: um encontro de diferentes tempos verbais.** 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis, 2014.

ABSTRACT

This paper's goal is the understanding of relations between generations among grandparents and grandchildren over the modern society. Therefore, we have elected Children Literature, particularly stories that treat the themed relation of grandparents and grandchildren, as one of the most various forms of the importance of symbolic exchanges between generations. In this study, we have selected two directed published articles to the children audience: *Menina Nina: duas razões para não chorar*, from the author Ziraldo (2002) and *A menina, o cofrinho e a vovó*, from Cora Coralina (2009). We have adopted the psychoanalytic reading as reference for the analysis of selected stories, once that it excels for the individual psychic construction, on its own unconscious conception and its interaction with social and cultural means, which allow us to explore and reflect over the bounds left behind from other generations. During this study at first we discuss about the aging of the world's population, that comes to nowadays with a percentage in ascension, and yet we reflect regarding the concept of old age. We elected grandparents as one of the representatives of aging in XXI century and, for the eminently age criteria, we pointed out its matter on fulfilling the symbolic and social role that this figures have on their family life. Searching for a link between grandparents and grandchildren, we have found into Children Literature the required input in order to explore this connection, with its own unique way of communication and reflex of various aspects of human subjectivity. Psychoanalytic concepts have shown us that the base for the study of symbolic dimensions of psyche and relations between grandparents and grandchildren generation. With a psychoanalytic point of view, we synthesize our study with analyses of the stories from Ziraldo (2002) and Cora Coralina (2009). The first one, the theme of childhood grief from the result of losing her grandmother, brought important contributions to the understanding about the formation and breaking bonds between grandparents and grandchildren. On the second the importance of non-material heritage prevails, through a symbolic way of future generations. The outcome of our readings is that the connection between Children Literature and Psychoanalytic was proper and fruitful for the family bonding analyses, coming from a psychic universe which childhood and old age are the main leading figure. Yet we point it out the research development in Psychologic field that puts grandparents in the middle of concerns, considering that the between generations bonds can contribute to the understanding of family configurations in modern times in order to provide social and political debates of childhood and old age.

Keywords: Grandparents and grandchildren. Psychoanalysis. Children Literature.

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	12
DELINEAMENTO GERAL DA PESQUISA: O MÉTODO PSICANALÍTICO E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	16
INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO 1 - OS AVÓS: VELHAS E NOVAS FIGURAS DO CONTEMPORÂNEO.....	31
1.1 Os avós na família: breve revisão da literatura científica.....	35
CAPÍTULO 2 - ERA UMA VEZ: AS NARRATIVAS, A LITERATURA E A INFÂNCIA.....	46
2.1 Terra à vista: a criança, os avós e as nossas histórias.....	53
CAPÍTULO 3 - PSICANÁLISE E LITERATURA: ENCONTRO DE DIFERENTES TEMPOS VERBAIS.....	63
3.1 Trocas simbólicas no envelhecimento: um encontro com Freud, Narciso e Édipo.....	71
CAPÍTULO 4 - A CONSTRUÇÃO DE SI E DO MUNDO, DE AVÓS E NETOS ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL.....	81
4.1 As múltiplas faces de Ziraldo.....	83
4.2 <i>Menina Nina</i> : duas razões para não chorar.....	85
4.3 Ana e Cora: contornos de uma “vida obra”.....	92
4.4 A menina, o cofrinho e a vovó.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	107